

The background of the cover is a dark, purple-hued fantasy landscape. At the top center, a king with a crown and ornate robes sits on a large, green, crystalline throne. The throne has three glowing purple eyes on its upper part. The king is holding a glowing sword in his right hand. In the foreground, a young hero with brown hair, wearing a dark tunic and arm guards, stands with his back to the viewer, holding a sword that glows with a purple light. The overall atmosphere is mysterious and epic.

ENERGY

° HERDEIRO DO REI

2

LEANDRO V SILVA



LIVRO 2

°HERDEIRO DO REI

Uma Série



Copyright © LeandroVSilva® 2018-2023.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a permissão prévia do autor.

ISBN 978-65-999213-8-4

Publicação Independente

www.leandrovsilva.com.br

Para meus Herdeiros Victor Romeo e Vinicius Henrique,
Meus tesouros.

Um livro é a prova de que os seres humanos são capazes de fazer magia

Carl Sagan

Ainda em 2023, Lando é apresentado a um objeto estranho, uma espada que pelo jeito em que se encontrava, fñcada numa pedra, lembrava a famosa Excalibur. Ele zomba da ideia de que ela realmente poderia ser a lendária espada, contudo, alguém próximo lhe propõe um desafio.

CAPÍTULO 1 - O ENCONTRO
CAPÍTULO 2 - O CALABOUÇO
CAPÍTULO 3 - PERDIDO NO TEMPO
CAPÍTULO 4 - EM BUSCA DE RESPOSTAS
CAPÍTULO 5 - SEGUINDO MEU CORAÇÃO
CAPÍTULO 6 - OS CAVALEIROS
CAPÍTULO 7 - ENCONTRO INESPERADO
CAPÍTULO 8 - IMPERDOÁVEL
CAPÍTULO 9 - PODER OCULTO
CAPÍTULO 10 - DESLEAL
CAPÍTULO 11 - RETORNO
CAPÍTULO 12 - DESPERTANDO PARA A REALIDADE
CAPÍTULO 13 - MAIS UMA VEZ
CAPÍTULO 14 - O MAGO TECNOLÓGICO
CAPÍTULO 15 - O PASSADO DISTORCIDO
CAPÍTULO 16 - O CONFRONTO
CAPÍTULO 17 - LOOP
CAPÍTULO 18 - PASSADO INTERMINÁVEL
CAPÍTULO 19 - MÁSCARA REAL
CAPÍTULO 20 - CONFIANÇA NO PODER
CAPÍTULO 21 - DESCONTROLE RECORRENTE
CAPÍTULO 22 - IMPACIENTE
CAPÍTULO 23 - TENTANDO MUDAR MEU FUTURO
CAPÍTULO 24 - EM BUSCA DE PODER
CAPÍTULO 25 - MALDIÇÃO DO HERDEIRO
CAPÍTULO 26 - CONDENADO
CAPÍTULO 27 - TENTANDO UM RECOMEÇO
CAPÍTULO 28 - AMOR IMPERDOÁVEL
CAPÍTULO 29 - VERDADE OCULTA
CAPÍTULO 30 - O SEGREDO DO REI
CAPÍTULO 31 - PASSADO E FUTURO
CAPÍTULO 32 - NOSSO FUTURO
CAPÍTULO 33 - ENTRELAÇAMENTO TEMPORAL



CAPÍTULO 1

O ENCONTRO

LANDO

Mais um *final de semana* e eu não estava muito a fim de aguentar aquele garoto, *metido a riquinho*, chato e insuportável. Estava de férias escolares, mas de férias de verdade não tinha nada. Eu, meus pais e meu avô materno trabalhávamos para uma família muito antiga naquele lugar e morávamos em uma área para empregados que ficava no subsolo da enorme mansão deles.

Apesar dessa área não estar visível para quem olhava a mansão de fora, o local onde vivíamos era bem aconchegante. Eu dividia a rotina entre estudos e pequenos trabalhos de marcenaria, que aprendi com meu avô.

Ele, além de ser marceneiro, cuidava, com mais quatro, dos imensos jardins. Meu pai, Ethan, era segurança e minha mãe, Emma, cozinheira. Ela queria que eu estudasse para ir embora e seguir meu rumo livre, mas meu pai queria que eu me especializasse para trabalhar para os *Rikarggan*, pois devido à crise no país e diversos conflitos externos pelo mundo, estava difícil arrumar um simples emprego. Muitos países do bloco europeu passaram a *boicotar* o *Reino Unido* depois de sua saída da União Europeia e isso fez com que a crise no país se intensificasse.

— *Hey*, Lando. Preciso que olhe a porta do meu guarda-roupa. Está fazendo um barulho irritante. Faça isso depois do almoço — ordenou Max — o garoto chato.

— Tudo bem — respondi, com uma cara de insatisfação.

Max saiu. Minha vontade era de seguir o que minha mãe vivia dizendo, mas ficava com o pé atrás toda vez que meu pai me influenciava ao contrário. Para um garoto que já estava para fazer dezessete anos, acho que já tinha passado da hora de eu decidir o que fazer da vida.

— Acho que vou fazer o que minha mãe vive falando — pensei, tentando me animar.

Fazer uma faculdade e sair fora daqui.

— Olá, Lando. O que está fazendo?

Ouvi uma doce voz me chamando. Era a voz de um anjo. A menina mais linda que havia conhecido até hoje, pena que era irmã do garoto mais chato que também

conheci até hoje.

— Sim. À disposição.

— Hum. Sei. Já te falei que não precisa ser formal comigo — disse Abigail, sorrindo.

Meu coração parava toda vez que estava perto dela. Seus cabelos loiros brilhantes intensificavam ainda mais sua beleza. Queria poder dizer o quanto gostava dela, mas nossas diferenças sociais e culturais não nos permitiriam ter uma relação, por mais que ela quisesse. Seus pais não gostavam que ela ficasse tendo muita intimidade com os empregados e seus filhos, mas comigo ela até que os desafiava.

— Encontre-me no jardim ao sul às dez da noite — disse Abigail, saindo.

— Um encontro! — disse em pensamento.

Era tudo que queria, mas estava com receio de nos pegarem juntos. Não queria causar problemas para ela.

Vi Max se aproximando e imediatamente segui para o lado contrário, acelerando o passo.

— *Hey*, pare aí!

Continuei caminhando como se não fosse comigo. Ele correu atrás de mim e me puxou pelo braço.

— Não está me escutando? Está surdo?

Segurei-me para não dar uma resposta malcriada.

— O que deseja? — perguntei, enfurecido.

— Olha aqui! Não quero você perto da minha irmã. Já te falei isso antes e torno a repetir. Afaste-se dela!

— Ela que veio falar comigo.

— Não interessa! E vá fazer o que mandei!

— Você disse que poderia ser depois do almoço.

— Vá! Eu quero agora! Vou estar lá te aguardando.

Olhei nos olhos dele cheio de raiva, doido para dar um soco no meio do seu nariz, mas me contive e me virei dizendo:

— Já estou indo.

Fui até a oficina pegar as ferramentas e resolver logo isso. Não estava muito a fim de arrumar problemas, mas, no fundo, minha vontade era de largar tudo e sumir. Peguei o que precisava e segui até o quarto do Max. Cheguei e toquei a campainha. Não fui atendido e voltei. Mal dei dois passos e ele chegou.

— Vamos. Você demorou.

Fiquei quieto e o acompanhei até o guarda-roupa. Ele me mostrou o problema e eu resolvi em menos de um minuto. Ele ficou me olhando com uma cara de insatisfeito, mas me liberou sem questionar.

Fui para meu o quarto e fiquei assistindo a um *documentário sobre viagens espaciais*. Depois de um tempo meu pai entrou.

— Vamos almoçar. Você deveria aproveitar melhor seu tempo estudando. Você tem tudo para se tornar um mestre em marcenaria. Seguir os passos do seu avô.

— O senhor tem razão, mas estou cansado hoje. Queria relaxar um pouco e esfriar a cabeça — disse, mentindo.

— Esfriar a cabeça de quê? Está com problemas? — perguntou meu pai, com um olhar preocupado.

— Nada de mais. Não precisa se preocupar.

Ele não ficou satisfeito com minha resposta, mas não me questionou.

— Vamos, filho! Vamos almoçar.

Não estava a fim de comer, mas o acompanhei sem questionar. Almoçamos no pequeno refeitório dos funcionários, perto da cozinha principal. Minha mãe, que parou para descansar um pouco, aproximou-se.

— Como está a comida? — disse ela, exausta.

— Está excelente, querida! — respondeu meu pai, com um sorriso.

— Por que está com essa cara de desânimo, meu filho? — perguntou minha mãe, preocupada.

— Nada, mãe. Só estou cansado. A *semana* foi bem cansativa.

— Termine seus afazeres e vai descansar meu filho. Sei que está de férias e aparecem muitos afazeres para você, mas tente descansar nos momentos livres.

— EMMA! — gritou outro cozinheiro.

— Com licença, meus queridos — disse minha mãe, com um sorriso cansado.

— Também já vou indo. Preciso voltar para o serviço.

Meus pais voltaram para suas obrigações e eu voltei para meu quarto. Lá continuei vendo *documentários* no pequeno *Tab TV*. Peguei meu *Tab P* para ver minha agenda de trabalhos da tarde. Não tinha nada para fazer. Queria passar a tarde dormindo, mas abri meu material de estudos e comecei a ler.

Apesar do meu talento com marcenaria e serralheria, meu sonho era me tornar um engenheiro de software. A *tecnologia virtual* dominava o mundo nos dias de hoje e era uma boa oportunidade de emprego em diversos outros países que aderiram ao *projeto universal de avanço tecnológico*, no qual diversas empresas de *tecnologia* no mundo se uniram para acelerar o avanço tecnológico global.

A tarde passou rápido e nem percebi. Olhei meu *Tab P* e tinha algumas mensagens do Thomas. Ele era meu único amigo e nos conhecemos na escola. Estudávamos juntos até hoje e ele tinha o mesmo sonho que eu, o de se tornar um engenheiro de software. Um apoiava o outro na busca desse sonho.

Ele havia me mandado umas mensagens para gente jogar *on-line* e outra para marcamos um cinema neste final de semana. Respondi que mais tarde entraria *on-*

line e que o cinema poderia ser *amanhã, domingo*, no fim da tarde.

Fui até a cozinha para comer alguma coisa. Vi minha mãe e fui até ela:

— O cheiro está bom — disse, surpreendido.

— Obrigada, meu filho. Só vou pedir licença porque estou atrasada com o jantar. Hoje tem umas visitas do Sr. James e preciso estar com a mesa arrumada até as sete da noite.

— Tudo bem, mãe.

Quando ia perguntar se tinha algo para comer...

— Tem umas torradas ali no armário à sua direita. Mais tarde, depois das nove da noite, vem que lhe faço algo que você goste.

— Obrigado.

Minha mãe tinha uma vida sofrida e cansativa, mas via em seus olhos que amava o que fazia. Em minha opinião, ela não ganhava muito bem para o trabalho que desempenhava. Na verdade, quase nenhum dos funcionários daqui ganhava bem e a justificativa disso era que todos tinham moradia e todos os direitos garantidos. Devido à *grande crise*, muitos não questionavam e se sentiam agradecidos.

Comi umas torradas com geleia e voltei para meu quarto para entrar *on-line* e jogar com Thomas. Quando ia começar, a *AI* da casa me notificou pelo meu *Tab P* que haviam solicitado meu serviço no banheiro de hóspedes. Peguei minhas ferramentas principais e fui atender à solicitação. Chegando lá me deparei com o Max.

— Que demora! Não está vendo que tem um evento importante. O banheiro de hóspedes está com vazamento na pia. Conserte isso agora!

— Mas isso não é minha responsabilidade. Quem faz esse tipo de serviço é o Sr. Isaac.

— Ele não pode agora porque está em outro afazer. Você não é o *faz-tudo*? Resolva isso agora. Daqui a pouco os convidados chegarão.

Eu até sabia resolver o problema com facilidade, mas não era minha responsabilidade. Quando ia *bater de frente*, o Sr. James apareceu.

— O que está havendo aqui? — perguntou o Sr. *Rikarggan*, com um olhar sério.

— Pai! A pia do banheiro de hóspedes está com vazamento. Chamei o Lando para resolver isso.

— Pelo que sei não é responsabilidade dele.

— O responsável está ocupado em outro afazer e Lando pode resolver. Ele resolve tudo mesmo.

— Ele não é pago para isso.

— Mas, pai...

O Sr. James entrou no banheiro e analisou a pia.

— O vazamento é insignificante. O responsável pelo serviço pode fazer isso depois.

Max me olhou, furioso. Pedi licença e saí. A mansão estava bem movimentada devido aos preparativos para a festa. Seria um jantar de negócios em que estariam presentes muitos outros empresários importantes com suas famílias.

Quando ia sair pela porta dos fundos, eu olhei para a escada e vi um anjo descendo. Era Abigail lindamente arrumada, com um longo vestido preto. Queria ir até ela e cumprimentá-la, mas estava com uniforme de funcionário e não seria legal me aproximar dela desse jeito. Saí e voltei ao meu quarto para jogar *on-line*.

As horas passaram e um toque de mensagem me chamou a atenção. Fui ver de quem era.

Onde você está? Já estou aqui.

[10:11 PM]

— Abigail! — falei, em pensamento.

Vi as horas e já eram mais de dez da noite.

— Vou ou não vou? — fiquei me perguntando.

Não liguei para as consequências e fui. Era uma bela noite estrelada e caminhei até o jardim ao sul. Quase não a enxerguei devido ao seu vestido preto, mas os seus lindos cabelos loiros a revelaram. Ela estava sentada em um balanço e eu me aproximei.

— A noite está bonita.

— Oi! Você demorou. Havia se esquecido de mim?

— É. Dizem-me toda hora que me atraso. Esqueci, não. Só estava ocupado.

Ela se levantou, pegou minha mão e me puxou.

— Vamos sentar ali.

Sentamos bem próximos em um banco ao lado do balanço.

— A festa estava um saco. Monte de gente rica insuportável — disse Abigail, desanimada.

— Imagino — disse, sorrindo.

— Às vezes fico pensando que nasci na família errada. Não gosto de tanta formalidade.

— Você tem de tudo. Não tem que se preocupar com seu futuro. Tem a oportunidade de fazer o que quiser.

— Eu sei, mas não me sinto feliz.

— Que garota tola — imaginei. — O que você queria comigo? Por que marcou comigo aqui? Você sabe que seu pai não aprovaria se descobrisse que estamos nos encontrando — questionei.

— Eu sei, mas não ligo para o que ele pensa. Quem sabe da minha vida sou eu. Olhei para ela, surpreso.

— Então por que você não conversa com ele sobre isso?

— Não sei. Ele é tão rigoroso. O meu lado rebelde não o teme, mas meu outro lado é medroso.

— Compreendo. Ele não é muito diferente do meu pai nesse sentido. Meu pai quer que eu seja o que não quero.

— Exatamente isso! Eu já não aguento mais essa situação. Quero liberdade pelo menos para decidir o que fazer, com quem andar e quem vou escolher para me relacionar.

Fiquei em silêncio por uns segundos.

— Você ainda não me respondeu a respeito do que quer comigo.

— Eu quero nada de mais. Só quero ficar perto de você — disse Abigail, olhando para o gramado.

Meu coração disparou ainda mais.

— Mas você sabe que não podemos...

— Você gosta de mim? — perguntou Abigail me interrompendo.

— E... eu... eu sou apaixonado por você, mas nosso relacionamento não seria possível — respondi, envergonhado.

— O que te leva a pensar isso? Se tiver que passar por cima de tudo para ter a liberdade de fazer minhas escolhas, eu vou passar, mas preciso saber se você vai querer fazer isso comigo.

— Seu pai poderia te *deserdar* por causa disso.

— Estou disposta a arriscar tudo e dar mais um significado para minha vida.

Era tudo que eu queria ouvir dela. Minha paixão só aumentou depois dessas palavras, mas minha razão queria correr, pois seria um enorme problema, não só para mim como para meus pais e avô. Não sabia o que fazer, contudo:

— E como vamos fazer? — perguntei, receoso.

— Poderia começar me beijando — respondeu Abigail, sorrindo.

Aproximei-me dela bem devagar. Ela fechou os olhos e aguardou que meus lábios encontrassem os dela. Fechei meus olhos e, quando faltavam milímetros para sentir o sabor do seu batom, o *Tab P* dela tocou. Ela se afastou.

— *Droga!* Estão me procurando. Preciso ir. Amanhã decidiremos nosso futuro! — disse Abigail, empolgada.

Ela me deu um beijo no rosto e foi embora. Caminhei de volta, feliz da vida e fui até a cozinha.

— Olá, meu filho. Onde você estava? Venha comer.

— Obrigado, mãe.

Sentei-me para comer. Minha mãe parecia ainda mais exausta, mas via uma satisfação nos olhos dela por ter desempenhado bem seu trabalho. Ela tinha de tudo para se tornar *chef de cozinha* dali. Tudo indicava que em alguns anos ela assumiria essa função. Assumir um relacionamento com a filha do Sr James poderia arruinar o sonho da minha mãe. Devia conversar sobre isso com Abigail. Terminei de comer e fui para meu quarto. Já estava bem tarde e logo peguei no sono.

Andava por um labirinto sombrio. Estava ficando desesperado porque não estava encontrando a saída. Comecei a ouvir a voz de Abigail. Corri até encontrá-la. Não consegui me aproximar dela. Ela riu e sumiu. Tudo começou a ficar escuro. Alguém me puxou pelo braço, me chamando.

— Lando, acorde! Acorde!

— Hã?! Pai? O que houve?

— O que você fez? Já te avisei que não era mais para se aproximar da filha do Sr. James.

Olhei para meu pai, que parecia furioso.

— Mas, eu...

— Acompanhe-me. Vamos conversar. Vamos até sua mãe.

Levantei-me e me ajeitei. Acompanhei meu pai sem questioná-lo e muito preocupado com o que podia ter acontecido.



CAPÍTULO 2

O CALABOUÇO

LANDO

— Sente-se, Lando — disse meu pai, nervoso.

Minha mãe estava aos prantos.

— O que você fez, meu filho? O Sr. James está furioso. Você não podia ter forçado para beijar a filha dele.

— Hã?! Forçar? Não forcei ninguém a nada. Ela quem veio até mim.

— Mas já tinha lhe avisado para evitar falar com ela — disse meu pai.

— Mas, eu...

— Sua atitude custou nossos empregos. O Sr. James disse que não podemos mais ficar, com exceção do seu avô. Não sei o que faremos. Temos dois dias para irmos embora.

Fiquei sem palavras com o ocorrido. Meus pais foram se preparar para partirmos e eu fui procurar por Abigail para tentar entender o que tinha acontecido. Eu a encontrei, mas ela estava com seu pai. Eles seguiram para uma sala reservada. Eu, por fora, fiquei observando-os pela janela. Eles estavam discutindo e eu fiquei debaixo da janela ouvindo tudo.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? QUER ACABAR COM SEU FUTURO PROMISSOR? — gritou o Sr. James, nervoso.

— EU ESTOU CANSADA DE FICAR RECEBENDO ORDENS SOBRE O QUE EU DEVO ESCOLHER PARA MINHA VIDA.

— JÁ LHE DISSE VÁRIAS VEZES QUE QUERO O MELHOR PARA VOCÊ!

— O QUE É MELHOR PARA O SENHOR NÃO É PARA MIM!

— NÃO QUERO SABER! JÁ ESTÁ DECIDIDO!

— NÃO FAÇA ISSO! JÁ EXPLIQUEI PARA O SENHOR QUE NÃO FOI NADA DE MAIS!

— NÃO FOI O QUE O SEU IRMÃO ME DISSE.

— JÁ FALEI. PARE DE DAR OUVIDOS PARA MEU IRMÃO. ELE FICA INVENTANDO ESSAS COISAS POR CIÚMES. EU NÃO TENHO INTERESSE NO LANDO, AINDA MAIS PORQUE NEM GOSTO MUITO DE ME APROXIMAR DELE. SÓ CHEGUEI PERTO DELE PARA VER SE ELE PODIA

CONCERTAR MEU SECADOR DE CABELO. ELE É CONHECIDO COMO *FAZ-TUDO*. SÓ QUERIA APROVEITAR A SITUAÇÃO.

— JÁ CANSEI DE FALAR PARA VOCÊS QUE ELE NÃO É PAGO PARA ISSO!

— Entendi, pai. Só não tome atitudes precipitadas. Acredite em mim.

— Vou conversar com sua mãe e vamos ver o que faremos.

— Não faça isso, pai. Por favor.

— Pode ficar tranquila. Não vou fazer.

— Obrigada, pai.

A conversa se encerrou e eu fiquei indignado com o que Abigail havia dito. Mandeí uma mensagem para ela pedindo para me encontrar no mesmo lugar da noite anterior. Precisava ouvir isso de sua boca, diretamente para mim. Queria encerrar essa história de uma vez por todas. Fui até o local que pedi para ela me encontrar e, de repente:

— *Ora! Ora!* O *faz-tudo* não fará mais tudo — disse Max, com um olhar sarcasmo.

— O que você está fazendo aqui? O que quer? — perguntei, cheio de raiva.

— Eu te avisei para não se aproximar da minha irmã. Agora todos da sua família e você pagarão pela sua imprudência.

Fiquei quieto, mas com uma vontade tremenda de *estourar* a cara dele com socos.

— Eu os vi aqui. Foi uma cena ridícula. As câmeras de segurança não cobrem essa área. Deve ser por isso que minha irmã veio para cá com você. Devia tê-los filmados e entregado ao meu pai, porque só falar para ele o que vi, não foi suficiente para dar uma punição maior para vocês.

— COMO PÔDE, SEU IDIOTAAAA? — gritei, partindo para cima do Max.

Alguém me segurou. Foi o *supervisor-geral*, o Sr. George Berryclounir.

— Acalme-se, garoto. Não piore ainda mais as coisas.

— SOLTE-ME! — gritei, furioso.

— Vá embora, Max — disse Sr. George.

— Você vai se arrepender disso, Lando! — disse o riquinho insuportável, parecendo apavorado.

Max foi embora e o Sr. George me soltou.

— Acalme-se. Ele não vale o seu esforço.

— Não aguento mais isso. Vou acabar com ele. Já perdi tudo mesmo.

— Não se precipite. Nem tudo está acabado.

— Já acabou, sim. Meus pais perderam o emprego por minha culpa.

— Acalme-se e sente-se. Vamos conversar.

— O que o senhor quer conversar? Não estou muito a fim de falar.

— Eu sei. Não precisa falar nada. Apenas me escute. Se quiser falar algo pode me interromper a hora que quiser.

Olhei para o Sr. George desconfiado, mas me sentei ao lado dele e resolvi escutar o que ele tinha para dizer. Ele era o funcionário mais antigo daqui. Era o *supervisor-geral* dos empregados. Quase não o via, mas todos falavam muito bem dele.

— O *domingo* está maravilhoso, não é?

Ele esperou que eu falasse algo, mas permaneci calado.

— Pegue. Deve estar com fome.

Sr. George me ofereceu umas bolachas. Realmente estava com fome, aceitei.

— Já faz tanto tempo que estou aqui e nem percebi que passou rápido. Também me sinto cansado dessa rotina. Queria fazer umas coisas que são impossíveis de realizar se eu continuar aqui, mas eu gosto daqui e tenho responsabilidades que você nem imagina. Esses conflitos internos que me destroçam por dentro todos os dias. Queria poder dominar o tempo e viver os dias de diversas maneiras. Cada uma de nossas escolhas gera infinitas possibilidades. Uma coisa é certa: nosso futuro já está escrito de todas as formas possíveis, mas só podemos escolher uma delas. Cada tomada de decisão passa a gerar uma única linha do tempo de nossas vidas. Se você pudesse voltar no tempo e viver outras possibilidades, você voltaria?

— Acho que esse é o sonho de todos. Sempre tem escolhas das quais nos arrependemos e que desejamos poder voltar para mudar — respondi, empolgado com a conversa.

— Todas escolhas têm suas consequências, que podem ser boas ou ruins.

— Mas se eu tivesse esse poder, voltaria toda vez para mudar o que deu errado.

— Interessante! Quem sabe você não tem esse poder? Ou...

— Hã?! Do que o senhor está falando? Como assim?

— Procure-me mais tarde no meu *dormitório*. Você sabe onde fica!

— Que horas?

— Depois do almoço.

Fiquei achando muito estranho o que ele havia dito. Não fazia sentido. O que será que ele quis dizer com “quem sabe eu possa ter esse poder?” O velho devia estar ficando *gagá*.

Ele se levantou e foi embora. Olhei no meu *Tab P* para ver se Abigail havia me respondido, mas nada. Esperei por um tempo e ninguém apareceu. Resolvi voltar para meu quarto quando encontrei o meu pai.

— Estava à sua procura, filho. Vamos! Sua mãe está esperando.

Acompanhei ele e logo encontramos com ela.

— Meu filho, tivemos outra chance. Não vamos mais embora.

Fiquei surpreso com o que minha mãe havia dito.

— O que houve? Por que mudaram de ideia?

— Não nos explicaram, só nos orientaram a respeito de você. Não é mais para se aproximar de nenhum dos filhos do Sr. James.

— Você entendeu, Lando?! — perguntou meu pai, em um tom de voz autoritário.

Olhei para os dois sem entender muita coisa e respondi:

— Sim, entendi.

— Ótimo! O Sr. James te dispensou dos seus serviços por uns dias. É bom que você permaneça por aqui, no seu quarto. Aproveita para descansar e curtir suas férias com seus *hobbies*.

— Que maneira legal de curtir as férias — pensei.

— Tenho que ir. Vou almoçar e voltar para o serviço — disse meu pai.

— Vou com você, amor. Também preciso voltar para o trabalho — disse minha mãe, parecendo aliviada.

Eles saíram. Eu fui para meu quarto e me joguei na cama. Olhei o *Tab P* e nada de resposta da Abigail.

— Que garota idiota — pensei.

Minha vontade era de nunca mais olhar nos olhos dela. Depois de uns minutos olhando para o nada e pensando, acabei cochilando.

Acordei no susto e vi que já tinha passado o horário do almoço. Fui até a cozinha e lá estava minha mãe, trabalhando. Parecia que ela estava tendo mais trabalho do que de costume.

— Será que a estavam punindo com serviço extra? — imaginei, indignado.

— Oi, meu filho. Agora estou sem tempo, mas separei algo para você. Pegue e coma.

— Obrigado, mãe.

Comi, desanimado, e lembrei que o Sr. George tinha marcado comigo depois do almoço. Terminei e fui até o *dormitório* dele, que me atendeu.

— Está atrasado!

— É. Todo mundo me diz isso. Desculpe-me.

— Entre.

Entrei. O espaço dele era bem grande e confortável. Também, era o *dormitório do supervisor-geral dos empregados da família Rikarggan*.

— Sente-se. Fique à vontade. Vou trazer um café.

O Sr. George voltou com uma *xícara de café* bem quente.

— Você deve ter ficado pensando que eu estava *gagá*.

Quase me queimei com o café.

— Não, senhor. Só não entendi o que o senhor quis dizer com aquilo...

— Imaginei. Vou lhe explicar, então. Melhor, vou lhe mostrar! Acompanhe-me.

Deixei o café, que estava muito quente, em cima da mesa e segui o Sr. George até um cômodo abaixo, onde havia uma porta. Ele abriu e surgiu uma escada.

— Vamos! — disse ele.

Descemos as escadas. Ele acendeu luzes que iluminaram o caminho. Parecia um *calabouço*.

— Que lugar estranho é esse? — imaginei, preocupado.

— Ali está — disse o Sr. George, apontando para algo estranho.

— O que é aquilo?

— Aproxime-se.

Quando me aproximei, vi que tinha algo fincado em uma rocha. Parecia um tipo de *espada*.

— Será? — me perguntei, em pensamento. — Isso é aquela *lendária espada*? *EXCALI...*

— Exatamente — respondeu ele me interrompendo.

— Isso é uma pegadinha?

— Claro que não. A *Excalibur* existiu mesmo. Ela está à sua frente.

— E cadê, então, o *Rei Arthur*? — perguntei, sarcasticamente.

— As histórias que você ouviu a respeito são fantasias distorcidas da verdadeira história. Vá lá e pegue. Veja você mesmo. Se você tiver o poder....

— Eu vou tirar a *espada* da pedra e vou virar *Rei*! — disse rindo e interrompendo o Sr. George.

Fui até a estranha *espada* e tentei tirá-la. Como esperado, não consegui, mas segundos depois, ainda tentando arrancá-la, ela começou a brilhar. O brilho aumentou, ofuscou minha visão e, de repente, tudo ficou escuro.



CAPÍTULO 3

PERDIDO NO TEMPO

LANDERRAN

— O QUE FOI QUE ACONTECEU?

— O que houve, Landerran?

— Hã?! Quem é Landerran?

— Está ficando louco? Está perdendo a memória?

— Quem é você?!

— É! Acho que perdeu a memória mesmo! — disse a voz, e riu.

Minha visão foi ficando clara novamente.

— AHHHHH! QUEM É VOCÊ? — gritei, apavorado.

— Você está louco, Landerran? Não está me reconhecendo? Andou bebendo escondido?

Olhei para todos os lados e vi que estava em uma espécie de *celeiro*. Usava umas roupas estranhas, surradas.

— Onde estou? Por que está me chamando de Landerran?

— Porque esse é o seu nome. O que está acontecendo?

— Você que tem que me explicar! Como eu vim parar aqui?

— Você se alimentou e foi deitar. Começou a tremer de repente e acordou assim. Sem se lembrar de nada. O que aconteceu? Está falando estranho.

— Onde estamos? Quem é você?

— Estamos no mesmo lugar de sempre. Em *Derniloft*. Tem certeza que não se lembra de mim?

— Não! O que está havendo? Quem é você?

— Tristan. Seu pai.

— Hã?! Meu pai? Meu pai se chama Ethan e não se parece nem um pouco com você.

— Quem é Ethan? Está ficando louco, Landerran?

Eu saí correndo pela direita e passei por entre umas pessoas estranhas. Elas estavam vestidas como pessoas do *tempo medieval*.

— O que está acontecendo? — me perguntei, apavorado.

Aos poucos fui me recordando do que havia acontecido antes e fiquei imóvel.

— Volte, Landerran. O que está acontecendo com você?

— Pare de me chamar assim! Meu nome é Lando!

— De onde você tirou esse nome?

Um movimento estranho vinha em nossa direção.

— Vamos, meu filho! São *guardas do Rei*. Estão recolhendo *impostos*.

Tristan me puxou com força pelo braço, me levou de volta ao que parecia um *celeiro* e fechou a porta. Ouviam-se gritos e choro. De repente começaram a bater violentamente na porta. Tristan abriu.

— Seu velho inútil! Impostos, AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada.

— Está aqui! Pegue.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem rendido muito e os impostos vêm sendo recolhidos com mais frequência.

— Está questionando as ordens do *Rei*, seu velho inútil? Segurem-no.

Outros *guardas* seguraram Tristan. Eu fiquei imóvel sem saber o que fazer.

— Estique o braço dele aqui.

Esticaram o braço esquerdo de Tristan em uma mesa.

— Então vou cortar-lhe o braço como diferença — disse o *guarda*, rindo.

— Espere! Vamos lhe pagar na próxima vez que vierem. Pagaremos o que faltou e daremos um extra para cada um dos senhores como um agrado pelo *transtorno* que causamos hoje.

O *guarda* olhou para os outros.

— Você parece *forasteiro* falando assim, mas isso é estranho, pois já te vi várias vezes.

O *guarda* ficou olhando para mim, suspeitando de algo.

— Que garantia nos darão de pagamento?

— Poderão arrancar nossos dois braços.

O *guarda* ordenou que soltassem Tristan e apontou sua espada para meu rosto.

— Não me lembro de você ser tão *audacioso*. Se não cumprir o que falou, vou arrancar mais do que seus braços.

Os *guardas* saíram e Tristan me lançou um olhar com um misto de alívio e espanto.

— O que pensa que está fazendo? Devia tê-los deixado cortar meu braço. Não vamos conseguir todo o imposto e eles vão nos cortar a cabeça.

— O que importa! Mesmo cortando seu braço agora, na próxima eles iriam cortar sua cabeça, porque pelo visto também não irá conseguir juntar o que deve. Pelo menos ganhou tempo e o braço intacto.

Tristan ficou me olhando como se não me conhecesse, mas eu que não o conhecia.

— Preciso sair daqui. Preciso voltar para minha *casa*.

— Mas sua *casa* é aqui. Sempre foi aqui! — disse Tristan, preocupado.

— Não sei do que está falando. Eu não te conheço. Não sei como vim parar aqui e só quero uma coisa: ir embora.

Saí, mas dei meia-volta.

— Em que *ano* estamos? — perguntei, confuso.

— Em 638.

Arregalei os olhos.

— Como isso é possível? Será que aquela espécie de *espada* era um *portal no tempo*?

— Do que você está falando, Landerran?

Pensei e conclui que sozinho não ia conseguir sair dali. Olhei para Tristan.

— Tem algum *espelho*?

— *Espelho*? — perguntou Tristan, parecendo confuso.

— Não sabe o que é isso... deixa. Tem alguma coisa que reflita nossa imagem?

— Ah! Tem isso.

Tristan me mostrou um pedaço de *metal polido* bem brilhante onde consegui me ver. Para minha surpresa, me vi pelo reflexo e estava um pouco diferente na aparência em relação a corte de cabelo e vestígios de barba.

— O que está havendo? — me perguntei, várias vezes.

Diversas ideias me passaram pela cabeça, mas todas surreais demais para serem verdade, contudo uma coisa era certa: tudo isso não estava parecendo um sonho.

Por um momento achei que tinha entrado em uma *realidade virtual*, mas não existia nada tão complexo para criar um mundo tão realista assim.

— Ou será que tem e eu não estava sabendo? — imaginei.

— Quem é você? Você não é meu filho. O que está acontecendo? — perguntou Tristan, amedrontado.

Olhei para ele sem saber como explicar a situação.

— Também não sei explicar o que está acontecendo, mas tudo indica que eu fiz uma *viagem no tempo*. Não exatamente uma viagem física do meu corpo, mas da minha mente. Parece que minha consciência *viajou no tempo* até aqui e substituiu a mente desse que você chama de Landerran. Acho que temos alguma ligação parentesca — respondi, esperando estar correto, mas, no fundo, queria que tudo fosse um sonho.

Tristan me olhou com *cara de bobo*, como se não estivesse entendendo nada.

— Preciso que me ajude. Não conheço nada por aqui. Preciso voltar para o lugar de onde eu vim, mas nem sei por onde começar.

Tristan ficou calado por uns segundos.

— Acho que sei quem pode ajudar. É um velho amigo. Ele é *feiticeiro*, mas não sei como encontrá-lo.



CAPÍTULO 4

EM BUSCA DE RESPOSTAS

LANDERRAN TRISTAN

— Do que você está falando? — perguntou Landerran, confuso.

— Vou te ajudar. Eu não! Um velho amigo que pode ajudar. Por um momento achei que meu filho tinha sido possuído por algum tipo de *demônio*, mas acho que me equivoquei. Não entendi nada do que você disse e também preciso entender o que está acontecendo. Só esse meu velho amigo pode ajudar — disse Tristan, mais confuso ainda.

— Já compreendi que somente esse tal amigo pode ajudar, mas a questão é: como vamos encontrá-lo? Você disse que não faz a mínima ideia de onde ele possa estar.

— Não sei, mas podemos começar por onde eu o vi pela última vez.

— E onde foi isso?

— Vamos! Talvez cheguemos antes do anoitecer.

— Para aonde?

— Siga-me. Não vai adiantar dizer onde é, porque você não sabe onde fica mesmo. Não é, *garoto do futuro*? — disse Tristan, sarcasticamente.

Landerran olhou para ele desconfiado. Tristan preparou uma bolsa com algumas coisas, como alimentos, e depois partiram.

— Sei que não existem *carros* nesse tempo, mas bem que poderíamos ir a cavalo. Isso sei que tem por aqui.

— O que são *carros*?! — perguntou Tristan, confuso e curioso.

— São *veículos motorizados* que nos levam para onde quiser.

— O que são *veículos motorizados*?! — perguntou Tristan, ainda mais confuso.

— São *máquinas* fantásticas criadas pelo homem e você não me respondeu. Não tem cavalos para irmos mais rápido?

— Já esqueceu que quase perdi um braço por não conseguir pagar os impostos? Cavalos são caros. Então, teremos que ir andando.

Landerran olhou aborrecido para Tristan enquanto caminhava. Até o momento, ele não estava acreditando no que estava acontecendo. A vontade dele era sair gritando como um louco com a esperança de acordar e ver que tudo não passava de

um sonho. Depois de um pouco mais de *uma hora* de caminhada, eles cruzaram com um velho homem em uma carroça que levava um baú.

— Bem que poderíamos pegar a carroça desse *coroa*. Assim chegaríamos mais rápido — disse Landerran, com um olhar malicioso.

— O que você disse?!

— O que você ouviu. Vamos pegar a carroça desse senhor para podermos chegar o quanto antes a esse lugar aonde quer nos levar.

— Jamais roubaria alguém e meu filho também não.

— Já falei que não sou seu filho. De onde eu vim, também jamais faria isso, mas aqui acho que não faria diferença. Estou começando a ficar convencido de que isso tudo não passa de um sonho. Assim espero — sussurrou Landerran.

— NÃO! NÃO ROUBAREMOS! — gritou Tristan, furioso.

Landerran arregalou os olhos e tentou argumentar.

— Mas que diferença faz? Se não fosse por mim você poderia estar sem o braço ou até morto.

— Não vou ferir minha honra. Fui um *cav...*

O velho homem havia retornado com a carroça.

— Precisam de ajuda? Passei por vocês e percebi que estavam aflitos. Resolvi voltar para ajudá-los.

Tristan olhou, surpreso, para o velho.

— Seria muito bom, mas não queremos atrapalhar sua viagem.

— Não será problema. Para aonde estão indo?

— Estamos seguindo para o norte, castelo de *Cihanloft*.

— Subam. Levarei vocês. Ia seguir esse caminho mesmo depois de passar por *Derniloft*.

— Estamos vindo deste lugar e acho que nem seria bom o senhor ir para lá. Tem uns homens maus que forçam as pessoas de lá a pagarem altíssimos *impostos* e, se não pagam, mutilam os *inadimplentes* — disse Landerran.

— Compreendo, mas o que seriam *inadimplentes*?

— Ah! Deixa para lá. Só não vá lá. Se tem algo de valor nesse baú que leva, eles poderão tomar do senhor — disse Landerran, parecendo preocupado.

Tristan se aproximou de Landerran e o puxou pelo braço.

— O que está planejando? Ainda há pouco queria roubá-lo e agora está querendo ser um *bom homem*.

— Mas eu sou um *bom homem*. Você não me conhece.

Tristan permaneceu calado por uns segundos.

— Estou de olho em você. Não vai tomar atitudes precipitadas. Quero meu filho de volta e até resolvermos como levá-lo para de onde veio e trazer meu menino de onde quer que ele esteja, não é para você arrumar problemas por aqui.

— Já decidiram? Vamos?! — perguntou o velho homem.

— Irá ajudar muito, mas tem certeza que não vamos atrapalhar o senhor? — perguntou Tristan.

— Já lhes disse que também preciso seguir no mesmo caminho que estão indo. Uma vez que em *Derniloft* estão ocorrendo problemas, não irei, então não será um incômodo. Subam!

— Esse cavalo vai nos aguentar? Já tem um baú que parece pesado — questionou Landerran.

— Ele é bem forte. Já carregou muito mais peso. Não será problema. Subam.

Tristan e Landerran subiram na carroça. Landerran se sentiu aliviado, pois a pouca caminhada que já havia feito o deixou exausto.

— Como se chama? — perguntou Tristan.

— Sir Ekinilr.

— O senhor é um *cavaleiro*?! — perguntou Tristan.

— Sim. Pode-se dizer que sim e também.... Na verdade já fui. Hoje só sou um *mercador* viajante.

— O que houve para o senhor deixar de ser um *cavaleiro*? — perguntou Tristan, curioso.

— É uma longa história.

— A viagem também — disse Tristan, maliciosamente e querendo saber da história.

— Está curioso. Vou lhe contar.

— Estou com sede — disse Landerran.

— Pegue! — disse Tristan, lhe entregando uma *pequena cabaça de água*

— Também tenho água aqui, caso precisem — disse Ekinilr.

— Obrigado! Pode prosseguir com a história — disse Tristan, impaciente.

— Que história?! — perguntou Ekinilr, confuso.

Tristan olhou para ele não acreditando.

— Sobre seu...

— Ah! Lembrei. Vou começar quando eu era...

Ekinilr foi interrompido pela abordagem de homens que surgiram a cavalo de dentro da floresta.

— *Saqueadores* — disse Ekinilr, com um olhar sério.

— *Velho*, entregue esse baú — disse um homem, que parecia ser o *líder* do bando.

Havia homens armados com espadas e arco e flechas.

— Peguem — disse Ekinilr, sem preocupação.

Dois homens se aproximaram e abriram a carroça.

— Onde está o tesouro, seu velho *imbecil*? — disse o *líder*, que tinha uma *tatuagem* no pescoço bem visível.

— Não existe tesouro — respondeu Ekinilr, rindo.

Uma flecha atravessou o peito de Ekinilr.

— NÃOOOOO! — gritou Tristan, enfurecido.

Ele correu e conseguiu segurá-lo. Landerran permaneceu imóvel, sem saber o que fazer.

— O que você fez, seu *estúpido*? — disse o *líder*, para o *comparsa* que atirou a flecha.

— Ele disse que não tem tesouro, Bokkohis. Vamos matar todos! — disse o *comparsa*.

— *Idiotas*! Só ajam quando eu ordenar! — disse Bokkohis, irritado.

— Então podemos matá-los?

Bokkohis virou-se.

— Façam o que quiserem e vamos.

Tristan olhou para Landerran com um olhar de que era o fim quando o corpo de Ekinilr desapareceu em seus braços e só permaneceram as roupas dele.

— *Hey*! Vocês não vão sair ilesos!

Todos olharam para o alto, de onde veio a voz.

— Como é possível? — disse Bokkohis.

— Ekinilr! — disse Tristan, olhando para ele que estava no alto de uma árvore.

— ARQUEIROS! ATAQUEM-NO! — gritou Bokkohis, apontando para o alto.

Ekinilr desapareceu e surgiu atrás de Bokkohis e o segurou com uma espécie de *cajado* com lâmina, pelo pescoço.

— Mande seus homens recuarem e sumirem! — ordenou Ekinilr, ao ouvido de Bokkohis.

Ele permaneceu imóvel olhando para os seus homens, que apontavam as armas para eles e aguardavam uma ordem.

— Abaixem as armas! AGORA! — gritou Bokkohis, assustado.

Ekinilr o soltou e se afastou cautelosamente. Bokkohis seguiu em frente e se virou, olhando para Ekinilr.

— Você ainda vai pagar por isso, seu velho *insolente*! — disse, furioso e assustado.

Bokkohis e seus homens foram embora. Tristan se aproximou de Ekinilr.

— Mas como?! Como fez aquilo?

— Aquilo o quê? — perguntou Ekinilr, se fazendo de desentendido.

— Aquilo de desaparecer. Você é um *mago*, *feiticeiro* ou *bruxo*?

Ekinilr deu uma risada.

— Só foi um *truque*. Nada de mais! Vamos prosseguir com a viagem?

— Hã?! Como assim? Vi você sendo atingido em cheio. Eu o segurei em meus braços. Como pode não ter acontecido nada? Explique-me o que fez — disse Tristan, ficando nervoso.

— Calma. Vamos prosseguir e eu explico.

— Landerran?! — lembrou Tristan.

Ele correu até o garoto.

— Está tudo bem com você? *Hey! HEY!* — gritou Tristan, tentando chamar atenção dele, que olhava para o nada.

— Hã?! Eles já se foram? — perguntou Landerran, atordoado.

— Sim. Vamos continuar com a viagem — disse Tristan, preocupado com Landerran.

— Isso. Vamos porque já perdemos um tempo e logo mais vai anoitecer — disse Ekinilr, voltando para a *carroça*.

— O que houve? Me desliguei por um momento — disse Landerran, trêmulo.

— Você não viu? — perguntou Tristan.

— Não! Só achei que ia morrer. Não consegui perceber o que estava acontecendo.

Tristan olhou para ele estranhamente. Por um momento ele achou que seu filho havia voltado.

— Vamos, meu filho. Não podemos mais perder tempo. O Sr. Ekinilr está nos esperando.

— Já lhe falei que não sou seu filho.

— Então vamos, PORQUE QUERO MEU FILHO DE VOLTA O QUANTO ANTES! — disse Tristan, mudando o tom de voz e seguindo para a *carroça*.

Landerran o acompanhou, olhando para todos os lados. Eles subiram e prosseguiram com a viagem, seguindo pela estrada de terra que era cercada por uma vasta floresta.

— Então pode continuar com a história — disse Tristan.

— Hã?! Que história? — perguntou Ekinilr, parecendo sonso.

Tristan abaixou a cabeça revoltado, mas, com paciência, falou:

— Sobre o senhor e seus *truques*.

— Ahhh! Tudo bem! Lembrei. Vou começar por quando eu era...

Ekinilr foi interrompido novamente quando dois *guardas* montados a cavalo se aproximaram em direção contrária, cantarolando.

— Estão bêbados. Que *idiotas!* — disse Landerran, rindo e olhando para os *guardas* que passaram por eles.

Um dos *guardas* parou e olhou para trás.

— O que você disse garoto?

— Mas como? Como ele me ouviu? Falei baixo — pensou Landerran.

— Parem aí! Insultar *guardas do Rei* é como insultar o *Rei*! Vocês serão punidos!

— disse, um dos *guardas* gaguejando de bêbado.

Tristan e Ekinilr trocaram olhares, parecendo preocupados.

— Vamos! Esses *idiotas* estão tão bêbados que estão quase caindo dos cavalos

— disse Landerran, acenando para Ekinilr prosseguir com a viagem.

— Garoto! Você não devia ter dito isso — disse Ekinilr.

O *guarda* se aproximou rapidamente com o cavalo e pulou na *carroça* levando sua espada ao pescoço de Landerran.

— Você será preso garoto *insolente*, mas acho que vou é matá-lo aqui mesmo! — disse o *guarda*, quase deixando a espada cair.

O outro *guarda*, *gordinho*, se aproximou.

— Deixa isso para lá, Nirhir. Vamos. *Madame Norinna* e as *meninas* estão nos esperando.

— Posso ser um *bêbado*, mas não deixarei que me insultem.

Nirhir levantou a espada para atacar Landerran quando rapidamente Tristan tomou a espada do outro *guarda* que estava ao lado e defendeu o ataque.

— O que pensa que está fazendo? Também irá morrer — disse Nirhir, furioso.

Tristan avançou para cima de Nirhir. Eles trocaram vários e habilidosos golpes de espadas se afastando da *carroça*.

— CORRAM! — gritou Tristan, para Landerran e Ekinilr.

Landerran, assustado, disse para Ekinilr.

— Vamos sair daqui AGO...

— Hã?! Cadê esse velho? Ele já fugiu na frente — pensou confuso.

Landerran aproveitou que o outro *guarda* dormiu no meio da ação de tão bêbado, sentado no cavalo, e saiu correndo estrada à frente. Tristan lutava arduamente e, por um deslize de Nirhir, conseguiu arranhá-lo no braço e derrubá-lo.

— Você é mesmo forte e habilidoso. Onde foi treinado? — perguntou Nirhir, rindo.

— Devo admitir que você também é muito habilidoso e até mais rápido. Só ganhei porque você estava bêbado — disse Tristan, sem fôlego.

— Não me respondeu. Onde adquiriu toda essa habilidade? Seus movimentos são familiares.

— Fui um cav...

— Pare aí, *forasteiro*. Largue essa espada! — ordenou um outro *guarda*, acompanhado de vários outros.

Tristan viu que Landerran havia sido capturado pelos *guardas*. Ele olhou para todos os lados procurando por Ekinilr, mas não o encontrou.

— Aquele velho maldito desapareceu novamente. Seria uma boa hora ele reaparecer com seus *truques* e nos tirar dessa — pensou Tristan, esperando por um

milagre.

— Atacando um *guarda real*. PRENDAM-NO! — ordenou Beofirk.

Tristan foi amarrado e empurrado para perto de Landerran.

— Nirhir, seu *bêbado insolente*! O que te favorece é o *Rei*, mas, se continuar assim, nem a *Sua Majestade* vai ter mais paciência com você.

— Cala a boca. VAMOS, Dodortkis! — disse Nirhir, nervoso.

Dodortkis acordou no susto e quase caiu do cavalo. Nirhir subiu no seu cavalo e os dois foram embora.

— O que estão levando nesse baú, prisioneiros? — perguntou Beofirk.

— Está vazio — respondeu Tristan.

Beofirk abriu o baú e, para sua surpresa, estava repleto de moedas de ouro.

— Então são ladrões! Vamos levá-los para a forca! O *Rei* vai gostar desse tesouro.

— Bem que podíamos dividir o tesouro — disse um dos *guardas*, que subiu na *carroça*.

— O que você falou? — disse Beofirk, com um olhar furioso.

Ele se aproximou da *carroça*, sacou sua espada e com um único golpe preciso e rápido decapitou o *guarda* que havia dito para dividirem o tesouro.

— Mais alguém pensa em trair o *Rei* ou enganá-lo passando por cima das leis? — perguntou Beofirk, olhando para os *guardas* seriamente.

Todos permaneceram em silêncio e acuados.

— Vamos. Logo vai anoitecer.

Eles seguiram para o *castelo do Rei*, que ficava ao *norte, na cidade de Cihanloft*. Já era *noite* quando chegaram à cidade e estava acontecendo um *evento festivo*. No caminho até a prisão do castelo, por onde eles passavam como prisioneiros, todos olhavam, tentando reconhecer quem eram aqueles que os *guardas* haviam capturado.

No meio da multidão, Landerran avistou uma menina loira que estava olhando para ele fixamente.

— Não é possível! — pensou Landerran.

Segundos depois, ele não a viu mais. Landerran olhou para Tristan, que estava de cabeça baixa, se sentindo envergonhado. Eles foram jogados na prisão.

— *Nossa!* Estou com tanta fome que estou começando a ver coisas — disse Landerran para Tristan.

— Que coisas? — perguntou Tristan, confuso.

— Nada! O que faremos? Vão nos enforcar. Não posso morrer aqui. Preciso voltar para *casa*.

— Também não queria morrer e gostaria de ter meu filho de volta, mas acho que não tem jeito de escaparmos disso.

— Tem que ter um jeito — disse Landerran, desesperado.

Tristan se aproximou e o segurou pelo pescoço.

— A culpa disso tudo é sua. DEVOLVA MEU FILHO!

Depois de uns segundos apertando o pescoço de Landerran e quase o deixando sem fôlego ele o soltou.

— Desculpe-me — disse Tristan, se afastando e sentando no canto da prisão.

Landerran ficou recuperando o fôlego. Ele se sentou perto das grades, bem longe de Tristan.

— *Droga!* Isso está muito real. Quero voltar para casa — disse Landerran, em pensamento.

Depois de *um tempo* com cada um no seu canto, Landerran adormeceu. Tristan cochilava, mas acordava toda hora assustado.

Landerran acordou no susto e viu que alguém se aproximava. Quando o rosto da pessoa ficou à vista, ele se surpreendeu.

— Não é possível! Abigail?!

Landerran se levantou.

— *Hey!* Abigail! O que está fazendo aqui?

A menina ficou assustada e recuou.

— *Hey!* Abigail! Não está me reconhecendo? — disse Landerran, em voz alta.

— Com quem você está falando? — perguntou Tristan, se levantando para ver.

De repente ocorreu uma explosão e eles caíram, se machucando levemente.

— O que está acontecendo? Landerran! Landerran! Você está bem? — disse Tristan, procurando por ele.

— Estou aqui. O que foi isso?

— *Hey!* Encontrei vocês! Vamos! Não temos muito tempo.

Tristan, tentando enxergar através da poeira, viu quem era:

— Ekinilr?!

— Seu velho maluco! O que está fazendo aqui. Achei que tinha fugido — disse Landerran, surpreso.

— Vamos sair daqui! AGORA! — gritou Ekinilr, agitado.

— Vamos — respondeu Tristan.

— Abigail! Não podemos ir sem ela — disse Landerran, olhando pelas grades.

— Não temos tempo para isso. Vamos! — disse Tristan, preocupado.

Landerran não viu mais a garota e ficou sem saber o que fazer.

— OS *GUARDAS* ESTÃO VINDO! VAMOS! — gritou Ekinilr.

Tristan puxou Landerran pelo braço e eles fugiram.



CAPÍTULO 5

SEGUINDO MEU CORAÇÃO

LANDERRAN

— DEIXE-ME! — gritei, nervoso e surdo pelo barulho da explosão.

— VAMOS! — gritou Tristan me puxando.

Tudo o que estava acontecendo parecia um pesadelo do qual era impossível se libertar, mas ter visto Abigail me fez querer chegar até ela sem me importar com as consequências. Tristan me puxou com força para sairmos da prisão.

— VENHAM! POR AQUI! — gritou Ekinilr.

Desisti de oferecer resistência e os segui. Estávamos passando por túneis escuros. Parecia um labirinto. Saímos à beira de um riacho. Já havia amanhecido e vi o imenso castelo ao *oeste*.

— Esses são caminhos secretos que passam sob o castelo. Vamos porque esses caminhos não são mais secretos e os *guardas* logo nos seguirão! — disse Ekinilr, preocupado.

— Achei que tinha fugido. Por que está nos ajudando? — perguntou Tristan, confuso.

— Depois explico. Agora precisamos ir. Não temos muito tempo — respondeu Ekinilr, seguindo pela floresta.

— Quem é você, velho? O que está escondendo? — perguntei, suspeitando de suas atitudes inesperadas.

— Já disse que explico depois! AGORA, VAMOS!

— Não vou a lugar nenhum se não der explicações.

Ekinilr se aproximou, ergueu seu *cajado* e...

— Hã?! Onde estou?! Que dor de cabeça insuportável! — disse, confuso.

Percebi depois de alguns *segundos* que estava em uma espécie de calabouço, amarrado a uma parede que estava muito fria. Tentei me soltar, mas o esforço parecia inútil.

— *Droga!* Como vim parar aqui? — fiquei me questionando. — Aquele velho maldito deve ter me colocado aqui — pensei, tentando entender o que Ekinilr

estava planejando fazer comigo.

Fiquei pensando em Abigail.

— O que ela estava fazendo aqui? Será que ela está envolvida com tudo o que está acontecendo? Será que ela sabe como me tirar desse pesadelo? — me questionava a todo momento.

Tentei, mas sem esperanças de me soltar ou acordar desse sonho horrível, permaneci quieto. Ouvi alguém se aproximando. Era um homem que parecia estar vestindo um tipo de armadura de cavaleiro da *idade média*. Ele parou na minha frente.

— Onde estão os outros?

— Que outros?

— Os outros dois que estavam com você.

— Hã? Então não foram eles que me colocaram aqui — pensei. — Quem é você? Solte-me! — disse, nervoso.

— Não sabe quem eu sou? Então você não é de *Cihanloft*.

— Claro que não! Solte-me agora! — disse, sem paciência.

— Quem pensa que é? Será enforcado por roubo, desordem e ataque contra a *guarda do Rei*. Diga-me. Onde estão os outros?

— Eu não faço a mínima ideia. Eu não fiz nada disso. Sou inocente. Eu nem sou daqui. Suas leis não se aplicam a mim.

— O que está dizendo? De onde que você é?

— Se eu disser você não vai acreditar. Acho que ninguém nesse tempo tem inteligência para entender as coisas do futuro.

— Do que está falando? Seja claro, *forasteiro*.

— Se minhas teorias estão corretas, eu vim do futuro. Na verdade, minha mente veio do futuro e eu estou preso neste corpo que coincidentemente se parece com o meu. Estou em buscas de respostas para poder voltar para casa.

Ele ficou quieto por uns *segundos*. Parecia que não havia entendido nada.

— Era de se esperar — pensei.

— Te olhando com mais detalhes vejo que me parece familiar. Diga-me seu nome.

— Lando! Esse é meu nome de onde venho. Aqui me chamam de Landerran.

— Já ouvi esse nome antes. Não me lembro onde.

— Borislán! Disseram-me que o encontraria aqui. O que faz? Preciso que faça algo para mim — disse um homem que parecia ser o *Rei*, se aproximando acompanhado de quatro *guardas*.

— *Vossa Majestade*! Perdão por ter que vir até aqui por minha causa. Estava interrogando um *fugitivo*. Estamos à procura de mais dois.

O *Rei* parou e me olhou como se já me conhecesse.

— Você me parece familiar. Qual é o seu nome, prisioneiro? — perguntou o *Rei* me olhando de cima a baixo.

— Vou ter que me apresentar toda vez que alguém diferente aparecer?

— Não seja *insolente*, inútil! Cuidado com as palavras! — disse Borislan me dando um soco na barriga.

O golpe me deixou sem ar. Permaneci calado.

— Responda-me. Como se chama? — perguntou o *Rei*, sem mostrar preocupação se iam me matar.

— Lan... do — respondi, sentindo muito dor.

— Nome estranho. Quais os crimes dele? — perguntou o *Rei*.

— É um *fugitivo*. Foi acusado de roubo e atacou nossos *guardas* — respondeu Borislan.

— Enforcem-no — disse o *Rei* se retirando do local.

— Por favor! Preciso voltar para casa — disse, clamando por ajuda.

— Ele disse que veio do futuro — disse Borislan, rindo.

O *Rei* parou e se voltou me olhando.

— O que você quis dizer com isso? — perguntou o *Rei*, surpreso.

— Como ele disse. Eu vim do futuro. Eu sou muito *avançado* para o seu tempo. Preciso voltar! Ajude-me! — disse, desesperado.

O *Rei* ficou me olhando sério por uns *segundos*.

— Vamos, Borislan. Precisamos conversar.

O *Rei* se afastou.

— E eu? O que farão? — perguntei.

— Enforcem-no! — ordenou o *Rei*, indo embora com Borislan e os *guardas*.

— NÃOOOO! SOLTEM-MEEEE! — gritei, desesperado.

Depois de *minutos* gritando, revoltado, parei e fiquei aguardando pelo pior. Estava cheio de fome e frio. Não acreditava na situação que estava passando. Era um pesadelo do qual não conseguia sair. A única esperança que ainda me restava era acordar disso tudo e voltar para casa ou até mesmo aparecer do nada aquele velho maluco e estranho para vir me salvar pois, o sofrimento e a dor eram muito reais para serem apenas um sonho.

Ouvi alguém se aproximando. Não quis levantar a cabeça para ver quem era, porque esperava o pior. Uma mão ergueu um pedaço de pão até a minha boca. Olhei para ver quem era.

— ABIGAIL!

— *Hey!* Não grite.

— Abigail! O que faz aqui? Ajude-me a me soltar e vamos fugir daqui! Precisamos voltar para casa! Como me encontrou? — perguntei, todo eufórico comendo o pedaço de pão que ela deu na minha boca.

— Quem é você? Por que me chama assim?

— Hã?! Do que você está falando? Perdeu a memória, Abigail? — perguntei, com a boca cheia de pão.

— Você deve estar me confundindo. Não me chamo assim. Meu nome é Cateline.

— Hã?! Como assim? O que está acontecendo? Isso só pode ser um jogo psicológico. Onde que estão as câmeras? Isso é um *Reality Show*?

— O que são câmeras? Que palavra estranha foi essa que disse? *Show*?

Eu não estava acreditando. Por que isso estava acontecendo? Ela me deu o último pedaço de pão e, ainda com a boca cheia, disse:

— Solte-me. Vamos sair daqui. Depois tento entender tudo o que está acontecendo.

— Não posso! Seria decapitada por traição e nem meu pai me livraria dessa situação — disse a menina, que dizia se chamar Cateline, me dando água.

— Vão me enforcar. Você não pode me deixar aqui.

— Queria saber mais sobre você, mas preciso ir.

— Você não pode me deixar aqui! VOLTE!

Ela foi embora correndo. Estava apavorado, sem saber o que fazer. Meu fim ia chegar da maneira mais estranha possível. Desde quando acordei aqui, preso, não sabia se era dia ou noite ou quanto tempo já havia passado. Estava perdido no tempo em todos os sentidos. Minutos pareciam horas no lugar onde não se tinha a mínima noção do tempo passando. De tanto cansaço, acabei dormindo.

Estava amarrado e sendo arrastado. Era noite e ouvi uma gritaria. Era o povo desse tempo gritando algo.

— *QUEIMEM-NO!* — gritava o povo, revoltado.

— *SOLTEM-ME!* — gritava eu, apavorado, mas parecia que ninguém me ouvia.

Meu coração estava acelerado. Senti um calor que aumentava. Era uma fogueira enorme. Alguém disse:

— *Joguem-no!*

Tentei me soltar, mas era inútil. Jogaram-me na fogueira e...

— Acorde! Está na hora.

Um *guarda* vestido com uma armadura e com a face coberta havia jogado água no meu rosto.

— O que vão fazer comigo? — perguntei, apavorado.

— Sem perguntas. Vamos!

Ele me soltou e amarrou uma corrente às correntes que prendiam minhas mãos.

— Vamos! Vamos! Permaneça calado! — disse o *guarda*, parecendo nervoso.



CAPÍTULO 6

OS CAVALEIROS

TRISTAN E KINILR

— DEIXE-ME! — gritou Landerran, nervoso e surdo pelo barulho da explosão.

— VAMOS! — gritou Tristan, puxando Landerran.

— VENHAM! POR AQUI! — gritou Ekinilr.

Landerran parou de resistir e eles seguiram por um caminho de túneis escuros que pareciam um labirinto. Saíram à beira de um riacho de onde podiam ver ao *oeste* um imenso castelo. Já havia amanhecido.

— Esses são caminhos secretos que passam sob o castelo. Vamos porque esses caminhos não são mais secretos e os *guardas* logo nos seguirão! — disse Ekinilr, preocupado.

— Achei que tinha fugido. Por que está nos ajudando? — perguntou Tristan, confuso.

— Depois explico. Agora precisamos ir. Não temos muito tempo — respondeu Ekinilr, seguindo pela floresta.

— Quem é você velho? O que está escondendo? — perguntou Landerran, suspeitando de suas atitudes inesperadas.

— Já disse que explico depois. AGORA VAMOS!

— Não vou a lugar nenhum se não der explicações! — disse Landerran, grosseiramente.

Ekinilr se aproximou, ergueu seu *cajado* e acertou a cabeça do garoto. Landerran apagou e:

— O que está fazendo, velho maluco? — perguntou Tristan, indo até Landerran.

— Consegue levá-lo? Não temos tempo e ele acordado vai nos atrapalhar.

— O que está planejando? Para onde estamos indo?

— Já disse, depois explico tudo! VAMOS!

Tristan, sem alternativas, ergueu Landerran no ombro e acompanhou Ekinilr. Eles atravessaram o riacho e seguiram pela floresta. Quando iam cruzar uma pequena estrada foram surpreendidos por *guardas*.

— Eles estão ali! PEGUEM-NOS! — gritou um dos *guardas*.

Eles correram em direção contrária à dos *guardas* que estavam a cavalo e voltaram para a floresta, de modo a dificultar a passagem do grupo, devido ao grande número de árvores, umas próximas das outras.

Achando que tinham escapado, quando menos esperavam, eles foram surpreendidos por Beofirk e seus homens. Foram cercados e logo em seguida os *guardas* chegaram para aumentar o cerco.

— Largue-o — disse Ekinilr.

— Hã?! Largar o quê? — perguntou Tristan, não querendo acreditar que ele estava mencionando Landerran.

— AGORA! — gritou Ekinilr empurrando Tristan, que deixou Landerran cair.

Ekinilr puxou Tristan pelo braço e acionou um *dispositivo* que os sugou. A última visão de Tristan foi a de várias flechas indo na direção deles.

Eles ressurgiram à beira de um rio, bem perto de uma cachoeira. Tristan cambaleou e caiu sentado.

— O que aconteceu? Onde estamos? — perguntou Tristan, com a visão turva e assustado.

Ekinilr ajudou Tristan a se levantar.

— Vamos por aqui.

Ainda se recuperando da visão, Tristan foi levado até a cachoeira.

— O que está fazendo? Não quero me molhar — disse Tristan, ainda tonto.

— VEM!

Ekinilr o puxou e eles atravessaram a cachoeira.

— O que é essa caverna? O que estamos fazendo aqui? Cadê Landerran? — perguntou Tristan, voltando a enxergar.

— Não tinha energia suficiente para nós três. Já havia usado antes o *salto*. Tenho *bateria* extra guardada. Depois voltamos para buscá-lo. Agora me acompanhe.

Ekinilr moveu uma pequena rocha na parede e uma outra bem maior se movimentou sozinha, abrindo uma passagem.

— O que é isso? Você é um *feiticeiro*? — perguntou Tristan.

— Venha! Entre!

Tristan estava assustado, sem entender nada, mas a curiosidade o fez acompanhar Ekinilr. Eles entraram pela passagem que logo se fechou e depois atravessaram um curto corredor.

— Hã? O que é isso? O que são essas coisas? — perguntou Tristan, espantando e olhando para todos os lados.

— Bem-vindo ao meu *laboratório* e esconderijo. Ou melhor, minha casa desde que voltei!

— O que é tudo isso? — perguntou Tristan, tocando os *botões luminosos* de um *painel de controle*.

— Cuidado com isso — disse Ekinilr abrindo um *armário refrigerado* e pegando uma garrafa de água bem gelada.

— O que está acontecendo? EXPLIQUE-ME! — gritou Tristan, confuso.

— Acalme-se. Vou explicar. Toma. É água.

Tristan pegou a garrafa de água gelada. Olhou, suspeitando, e bebeu.

— Nossa! *Frio!* Como fez isso? Que *magia* você fez?

— Não é magia. É *tecnologia*.

Tristan se engasgou enquanto se deliciava com a água.

— O que disse? O que é *tecnologia*? É algum *feitiço*?

Ekinilr riu e falou:

— Não existe *magia*. *Magia é tecnologia* que vocês não compreendem.

— Quem é você ou o que é você?

— Não sou *terráqueo*. Vim de uma *galáxia* muito distante e acabei ficando preso no seu planeta.

— *Galáxia?! —* perguntou Tristan, ainda mais confuso.

— Isso! Conjunto de estrelas onde há bilhões de planetas parecidos com o seu, a Terra. Eu vim de *Brefillann*, sendo que meu planeta natal era *Noohtoro*. Ele foi destruído por umas *criaturas* que até hoje estamos tentando encontrar uma maneira de aniquilar. Por meio dessa busca que acabei aqui. Estava buscando uns *cristais* raros, quando meu *teletransportador* se danificou e fiquei preso até hoje. Já estou aqui há um tempo.

Tristan ficou olhando para Ekinilr sem entender nada.

— Isso tudo parece *bruxaria*, mas tem uma coisa que não estou entendendo: como você se tornou *cavaleiro* e por que abandonou? Descobriram que você era um *feiticeiro*?

Ekinilr abaixou a cabeça, indignado.

— Não. O que preciso fazer para te convencer que não sou *feiticeiro*? Acho que devia tocar na sua cabeça e... melhor, não! Deixa para lá!

— Você que faz essas coisas mágicas, de repente conhece uma pessoa. Um velho amigo. Ele também fazia coisas mágicas. O chamavam de *magô*...

— Precisamos ir para o castelo de *Cihanloft*. Tenho que descobrir com mais detalhes o que houve com *Arthur*.

Tristan arregalou os olhos.

— O que você quer dizer com isso?

— *Arthur* e sua mulher morreram misteriosamente. A história que contam, de que eles haviam se matado, não me convenceu. Quando a notícia chegou a mim, vim imediatamente investigar o que houve, mas meu caminho cruzou com o de vocês e meus planos mudaram.

Tristan estava ficando cada vez mais confuso e ao mesmo tempo assustado.

— Você conheceu o antigo *Rei*? *Rei Arthur*?

Ekinilr permaneceu calado por uns segundos.

— Sim. Éramos amigos.

Tristan ficou surpreso.

— Desde quando? Não me lembro de você.

— Vamos! Não temos tempo para isso. Vamos voltar para o castelo de *Cihanloft* e aproveitamos para resgatar seu amigo.

Ekinilr não quis mais conversar e arrumou umas coisas.

— Vamos! Pegue essa espada — disse Ekinilr, lançando a arma na direção do Tristan.

Ele, com um bom reflexo, agarrou a espada. Tristan estava cheio de perguntas e confuso, mas estava mais preocupado com Landerran, por isso decidiu deixar as perguntas para depois que resgatasse o garoto.

Eles se alimentaram e saíram. Seguiram a pé por um trecho com muitas árvores beirando um rio.

— Não seria melhor se usássemos sua *magia* para chegar lá imediatamente, como fez para nos salvar antes? — perguntou Tristan.

— Melhor não! Tenho que evitar usá-lo toda hora. É limitado e é melhor deixar para situações mais arriscadas. Tenho muitos outros recursos que seriam úteis agora, mas ficaram na minha *nave*. Se bem que poderíamos usar os... Melhor não, o ideal seriam cavalos, já que não estamos tão longe — disse Ekinilr, desapontado e pensativo.

— *Nave*? — pensou Tristan.

Eram tantas coisas estranhas que Ekinilr falava e não eram compreendidas por Tristan, que ele já não se questionava mais sobre as palavras desconhecidas. Eles pararam numa *ponte*.

— Acho que sei onde podemos conseguir cavalos. Conheço esse caminho. Bem perto daqui, há um vilarejo onde um velho amigo meu mora. Ele talvez nos empreste os cavalos — disse Tristan.

— Vamos até ele então.

Eles seguiram para o vilarejo *Gofriloft*. Eles encontraram o amigo de Tristan, pegaram cavalos emprestados e continuaram. Depois de algumas *horas*, eles chegaram às fronteiras do castelo de *Cihanloft*.

— Qual seu plano, *mago*?

Dois *guardas* se aproximaram.

— Quem são vocês? O que fazem aqui? — disse um dos *guardas*, sacando sua espada.

Ekinilr rapidamente sacou seu *cajado*, retirou uma lâmina e atacou um dos *guardas*. Tristan se assustou, mas seus bons reflexos o fizeram sacar sua espada e

ajudar Ekinilr. Eles derrubaram os *guardas*.

— Esse é o plano — disse Ekinilr, retirando as roupas e armaduras dos *guardas*.

— O que pretende fazer? Vamos entrar *disfarçados*?

— Isso! Vamos! Talvez o garoto não tenha mais muito tempo.

— Como você sabe?

Ekinilr permaneceu calado e terminou de colocar a armadura.

— Vamos. Tem uma passagem logo à frente.

Tristan se apressou e terminou de pôr a armadura. Ele acompanhou Ekinilr que estava a poucos metros a frente e o ajudou a arrastar uma pedra média.

— Vamos por aqui. É *outra* passagem que vai nos dar acesso à *cidade* sem chamar atenção.

Eles deixaram os cavalos que retornaram sozinhos, entraram pelo pequeno túnel e saíram ao lado de entulhos de mercadorias dos comerciantes mais famosos da *cidade*. Uma menina de mais ou menos um metro usando roupas surradas, os viu surgindo. Tristan olhou para ela e sorriu, sem graça.

— Já nos viram. E agora? — perguntou Tristan.

— Tudo bem. Mantenha a naturalidade e o capacete arriado. Eu vou por aqui e você segue por ali. Vira à direita e depois à esquerda. Desça as escadas e chegará às prisões subterrâneas. Nos encontramos ao *norte*.

— Hã?! Norte onde? Descer por onde?...

Antes de questioná-lo Ekinilr já havia sumido no meio da multidão. Tristan ficou desesperado e seguiu tentando lembrar do caminho que Ekinilr havia dito.

— Isso é loucura! Vou ser pego! — pensou Tristan.

Ele viu uma menina que o encarava.

— Maldição.

Tristan tentou despistá-la entrando no meio da multidão. Ele parou em um canto.

— O que está fazendo aqui? Você é amigo daquele garoto que se chama Landerran?

Tristan tomou um susto e quase sacou sua espada.

— Não quero te ferir. Vá embora! — disse Tristan, sem saber o que fazer.

— Você está à procura dele? Eu sei onde encontrá-lo.

— Hã?! Quem é você? Por que está me dizendo isso?

— Sou Cateline. Venha. Vou lhe mostrar onde ele está.

— Isso é uma armadilha.

— Não. Eu vou lhe mostrar, mas não vou ajudá-lo a soltá-lo e muito menos a fugirem.

Tristan olhou para todos os lados e se viu sem muita opção.

— Por que está me ajudando?

— Não estou te ajudando. Só quero respostas para as minhas perguntas.

- Que respostas?
- Sobre aquele garoto que chamam de Landerran.
- É... Eu também.
- Venha. É por aqui.

Tristan hesitou um pouco, mas resolveu acompanhar Cateline. Eles seguiram por caminhos cheios de *guardas*. Tristan achou muito suspeito, porque a bela menina passava pelos *guardas* e ninguém a questionava sobre para onde estavam indo. Parecia que ela tinha livre acesso a quase todos os lugares do castelo. Eles desceram até o *calabouço*.

— Ele está amarrado lá no final. Vão levá-lo a qualquer momento para a forca. Pegue — disse Cateline, lançando umas chaves presas a uma pequena corrente.

Tristan olhou para o alto e pegou as chaves com seu reflexo. Quando olhou para Cateline ela havia sumido. Tristan, sem um plano, olhou para as chaves e seguiu em frente. Ele viu Landerran amarrado a umas correntes que erguiam seus braços.

Ele parecia desmaiado e Tristan esperava que ele ainda estivesse vivo. Ele se aproximou e viu que o garoto ainda estava respirando. Tristan pegou um balde de água suja dentre vários que tinham por ali perto e jogou no rosto de Landerran.

- acorde! Está na hora.
- O que vão fazer comigo? — perguntou o garoto, parecendo apavorado.
- Sem perguntas! Vamos!

Tristan o soltou da parede e amarrou uma corrente às correntes que prendiam as mãos de Landerran, puxando-o.

— Vamos! Vamos! Permanença calado! — disse Tristan, sem saber se o seu plano ia dar certo.



CAPÍTULO 7

ENCONTRO INESPERADO

LANDERRAN TRISTAN

Já havia passado *metade da tarde*. Tristan seguiu com Landerran até o local onde iriam acontecer três enforcamentos, mas ele desviou.

— Pare! — disse Tristan, retirando o capacete.

— Hã?! Você?! O que faz aqui? — perguntou Landerran, confuso e cansado.

— Vamos fugir! Não temos tempo! — disse Tristan, soltando Landerran das correntes.

— Sim, vamos! Como faremos?

— Na verdade, não sei! Pensei em várias coisas, mas nenhuma delas eficiente o suficiente para nos livrar de uma batalha mortal.

— Então o que faremos? Não aguento mais esse lugar! Quero voltar para casa! — disse Landerran, quase chorando.

— Cuidado! — disse Tristan, puxando Landerran pelo braço para se esconderem de uns *guardas* que estavam passando.

— Cuidado, estou com dor.

— Venha, garoto. Vamos tentar sair daqui sem sermos vistos. Temos que arrumar um *disfarce* para você.

Landerran olhou para Tristan desanimado, sem esperança de que algo bom podia acontecer.

— Para onde foi aquele velho? — perguntou Tristan, resmungando.

— De quem está falando? — questionou Landerran.

— Vamos por aqui. Venha!

Tristan e Landerran aproveitaram que muitos lugares estavam vazios devido à concentração da população no local onde iriam acontecer os enforcamentos.

De repente, cornetas começaram a tocar.

— Maldição! Acho que nos descobriram! — disse Tristan, desesperado.

— Como assim? — perguntou Landerran, confuso.

— Vamos correr! AGORA! — gritou Tristan, sem saber o que fazer.

Tentaram correr rapidamente em direção ao *portão principal*, mas logo foram surpreendidos por um pequeno grupo de *guardas*.

— LÁ ESTÃO ELES! — gritou um dos *guardas*.

Tristan e Landerran tentaram fugir, mas foram cercados por outro grupo de *guardas*. Tristan até sacou sua espada, mas logo se rendeu.

— Vamos morrer! — disse Landerran, desesperado.

— Vocês são *imprevisíveis*! — disse Borislan, se aproximando. — Prendam-nos! Teremos mais um na forca!

Os *guardas* os prenderam e eles foram imediatamente encaminhados para o local onde aconteceriam as execuções.

Chegando, o povo gritava palavras de ordem e revolta contra os acusados de roubo que seriam enforcados. Prepararam mais uma forca e passaram no pescoço de cada um. Landerran olhou para um lado e viu Tristan, que parecia não estar acreditando no que acontecia. Olhou para o outro e viu outros dois que estavam de cabeça baixa só aguardando o fim. O povo não parava de gritar, como se só quisesse ver eles mortos, sem se preocupar se os acusados eram realmente culpados.

Foi dada a ordem para abrir o chão aos pés deles quando, de repente, várias bombas explodiram lançando fumaça para todo lado. Eram somente bombas de fumaça, que, em poucos segundos, ofuscou a visão de todos que estavam ali, dando início ao caos e ao desespero. O carrasco já havia executado a sentença e provavelmente esperava ver quatro corpos pendurados, mas, quando a fumaça foi se dispersando, só viu cordas cortadas.

— PARA ONDE ELES FORAM? — gritou Borislan, irritado.

Diversos *guardas* entraram a postos e foram em busca dos que deveriam estar mortos, mas o caos da população dificultava o deslocamento deles. Cornetas tocaram novamente.

— Hã? Morremos? Onde estou? — perguntou Landerran, confuso.

— Vamos! Vamos! Usei *recursos* demais para tirá-los dessa. Não consegui *saltar* muito longe. Vamos! Por aqui! — disse Ekinilr, entregando uma espada para Tristan.

— Você demorou! Poderia ter evitado toda essa confusão — disse Tristan, ainda mais confuso.

Os outros dois homens que também iam ser enforcados estavam surpresos sem entender o que estava acontecendo. Eles também conseguiram escapar da forca.

— E eles? O que faremos? — perguntou Tristan, olhando para os rapazes.

— Eles podem vir também. VAMOS! — gritou Ekinilr, preocupado, entrando em uma densa floresta.

Todos os acompanharam em silêncio.

— Não aguento mais isso aqui! Quero ir embora! QUERO IR EMBORAAA! — gritou Landerran, cansado e revoltado.

— Calado! — disse Ekinilr, tentando falar baixo.

Uma flecha passou raspando pelo rosto de Landerran e ele nem percebeu. Um dos rapazes pulou até ele e o empurrou.

— Você é maluco! Por que me empurrou? — perguntou Landerran, revoltado.

— CUIDADO! — gritou Ekinilr.

Diversas flechas foram lançadas contra eles. Uma acertou a perna de Tristan. Várias acertaram o segundo rapaz e duas delas foram fatais. Ekinilr conseguiu se esquivar de todas que foram em sua direção. Landerran estava caído no chão e, por sorte, nenhuma flecha o atingiu. Ele percebeu que o rapaz que o empurrou o havia salvado de uma flechada e que havia recebido o ataque no lugar dele. A flecha o acertou nas costas, na direção do coração. Landerran se aproximou do rapaz.

— Por quê? Por que me ajudou? Você nunca havia me visto antes — questionou Landerran, assustado.

— Eu devia ter sido enforcado. Eu havia cometido crimes piores do que roubos. Eu merecia ser morto e pagar pelos meus crimes. Vocês apareceram e tiraram minha chance de limpar minha *alma*. Por um instante até... fiquei aliviado, pois estava cheio de medo, mas percebi... *cof*... que não ia suportar viver com todo esse... *cof*... peso nas costas.

— Você não deveria ter feito isso — disse Landerran, chorando.

— Tudo... bem. Você me deu uma nova chance de me redimir e fazer algo... *cof*... bom no fim. Obri... ga...

Landerran ficou sensibilizado e se levantou, cheio de raiva. Uma flecha o atingiu com força nas costas e ele caiu de dor.

— Vocês são rápidos e espertos, mas não o suficiente — disse Nirhir, saindo das sombras.

— Você? — disse Tristan, tentando se manter de pé.

— Não se mexam. Há diversos arqueiros pelas árvores, só esperando para matá-los. Por mim os matariam agora, mas o *Rei* gostaria de uma última conversa com vocês.

Tristan viu Landerran gravemente ferido e caminhou até ele.

— Falei para não se mexerem — disse Nirhir, acenando com a mão.

Uma flecha acertou o braço esquerdo de Tristan. Ele ignorou a dor e continuou caminhando até Landerran. Nirhir ia acenar novamente com as mãos para acertarem Tristan, mas hesitou e ficou observando o que ele ia fazer. Tristan aproximou-se de Landerran, abaixou-se, quebrou a flecha das costas dele e começou a chorar.

— Perdoe-me, meu filho.

Ele se virou para Nirhir tirando as flechas do corpo.

— Eu vou matá-lo! — disse Tristan, furioso.

Tristan se levantou com muita dificuldade, ergueu sua espada e começou a caminhar em direção a Nirhir.

Ele acenou com as mãos para alvejarem-no sem piedade, mas nada aconteceu. Nirhir, sem entender o que aconteceu, começou a olhar para todo lado.

— O que está havendo? MATEM-NOOO!

Nada aconteceu e Tristan lentamente continuou se aproximando dele. Nirhir sacou sua espada e ficou a postos para combater. Tristan o atacou e Nirhir defendeu, sem dificuldade. Aproveitando da desvantagem de Tristan devido aos ferimentos, ele conseguiu derrubá-lo e, quando ia dar o golpe final, uma *espada* diferente defendeu o ataque.

— Hã?! Você! Como pôde? O que faz aqui? Era para estar morto — disse Nirhir, surpreso.

— Vim descobrir o que vocês fizeram com *Arthur*.

— Você pode ter *habilidades especiais*, mas é só um. Não ouse pôr os pés no castelo, porque se não o pior que já deveria ter lhe acontecido, vai acontecer!

Nirhir se afastou e cautelosamente fugiu, sumindo nas sombras.

— Estávamos à sua procura — disse Tristan, caído.

— Eu sei, meu velho amigo — respondeu Merllinhin, ajudando a levantá-lo.

— Hã? Como sabe? Landerran! Precisamos ajudá-lo.

Merllinhin desconversou e ajudou Tristan a caminhar até Landerran. Ele foi até o garoto e fez algo estranho aos olhos de Tristan.

— O que está fazendo? Acho que ele...

— Fique tranquilo. Ele vai ficar bem. A flecha por pouco não acertou seu coração. Retirei toda a flecha e contive o ferimento. Ele vai sobreviver — disse Merllinhin.

Tristan soltou uma lágrima de alívio.

— Vamos! Precisamos sair daqui o quanto antes — disse Merllinhin, parecendo preocupado.

— Sim! — respondeu Tristan, pegando Landerran no colo com muita dificuldade.

Merllinhin levantou o braço e apertou uns *botões* de algo que parecia um *dispositivo eletrônico*.

— Hã?! Parece até com aquelas coisas estranhas daquele velho maldito e traidor que sumiu — disse Tristan, olhando para o braço de Merllinhin. Ele riu.

— Vamos, Tristan.

— Sim, vamos — respondeu Tristan, carregando Landerran.

— Calma, Tristan. Estão chegando.

— Hã?! Chegando o quê? Inimigos?

Dois *discos voadores* pequenos surgiram em meio às árvores e pararam na frente deles.

— Vamos! Suba! — disse Merllinhin.

— Hã?! O que é isso?

— Depois te explico com detalhes, mas agora suba em um deles. Eles nos levarão embora daqui.

— Hã?! Como assim?

Merllinhin sem paciência subiu em um dos *discos* e sobrevoou as árvores.

— Vamos! Está *anoitecendo*! Não temos tempo!

Tristan ficou espantado com a situação e, com muita cautela, subiu no *disco* que grudou aos seus pés, os enrijecendo, e levantou voo.

— Ahhh! O que é isso? Que *magia* é essa? — disse Tristan, com medo de cair.

Merllinhin ignorou ele e foi para mais alto e seguiu em frente. O *disco* onde Tristan estava com Landerran no colo acompanhou Merllinhin em alta velocidade até pararem.

— Eu conheço esse lugar. Você o conhece também? — perguntou Tristan, surpreso.

Merllinhin entrou e Tristan o acompanhou, pois não estava mais aguentando Landerran.

— Você é amigo desse velho? Ele está por aqui? Velho traidor, fugiu! — disse Tristan, colocando Landerran deitado numa área acolchoada.

Merllinhin riu e pegou algo que parecia uma *pasta azul* e colocou no ferimento do garoto.

— Ele vai ficar bem. Vamos deixá-lo descansar. Pode ser que precisemos dele. Talvez ele tenha herdado o *poder* do pai.

— Hã?! O que você quer dizer com isso?

— Não precisa me enganar. Eu sei que ele é o *Herdeiro do Rei*. Herdeiro de *Arthur* — disse Merllinhin, cuidando dos ferimentos de Tristan.

Ele olhou, surpreso, para Merllinhin.

— Como você já sabe disso? Você sumiu faz tempo. Aconteceram tantas coisas...

— Eu sei. Descobri algumas coisas desde que cheguei. Estava de olho em vocês esse tempo todo.

— Como assim? Estava nos seguindo enquanto estávamos à sua procura? Eu não tinha a mínima ideia de como te encontrar. Eu ia...

— Eu sabia que estavam à minha procura. Olhe — disse Merllinhin, se transformando na frente de Tristan.

— O quê? Como assim? Era você esse tempo todo? Você estava *disfarçado* dele. Você é Ekinilr!

— Sim. Na verdade, esse é meu primeiro nome, que nunca havia revelado. Pode me chamar por qualquer um dos dois nomes ou os dois, Ekinilr Merllinhin, e não fique surpreso, meu amigo. Precisei voltar disfarçado para poder investigar sem chamar atenção — disse o *magô*, voltando à forma que Tristan conhecia.

— Prefiro te chamar só de Merllinhin. Então é daqui que você retira seus *truques* e *feitiços*. Você nunca havia me revelado isso antes — disse Tristan, olhando para todos os lados.

— Tem muitas coisas que nunca revelei. Em outra oportunidade eu conversei com você sobre todas essas coisas que está vendo aqui, mas, no momento, precisamos fazer uma coisa muito importante. Precisamos saber se Landerran tem o poder.

— Poder de *Arthur*? — disse Tristan, abaixando a cabeça.

— Isso, mas antes me diga. O que aconteceu com *Arthur* e *Millani*. Como o garoto foi parar com você?

— É uma longa história, mas antes precisamos resolver uma coisa. Parece que Landerran não é Landerran. Ele diz que se chama Lando e que veio do futuro. Não ele em si, mas a mente dele.

Merllinhin arregalou os olhos e permaneceu calado por uns segundos, muito pensativo. Ele caminhou até uns armários de vidro e ficou observando uns *controles eletrônicos*.

— Depois resolvemos isso. Agora precisamos resolver algo que envolve nosso tempo. Preciso pegar o *Ikihatsunukishi* e entregar ao garoto. Se ele herdou o poder, vamos precisar dele!

— *Ikihatsu*... o quê?

— É o nome da *arma* que concentra o poder, mas você a conheceu como *Excalibur*.

Tristan ficou surpreso.

— O que pretende fazer se descobrir que ele herdou o poder do pai para usar *Excalibur*?

— Salvar muitas vidas, descobrir a verdade, colocar no trono o verdadeiro *Rei* e...

— E? — perguntou Tristan.

Merllinhin pegou umas *baterias* que estavam no armário de vidro.

— Ainda quero saber de você o que aconteceu com *Arthur* e sua esposa, mas agora preciso ir. Não saiam daqui. Pegue isto, coma, beba e aguarde-me! — disse Merllinhin, dando para Tristan algo para se alimentar.

— Hã? Vai para ond...

— Estava guardando isso para uma outra ocasião, mas preciso deixar para depois — disse Merllinhin, olhando para o *controle eletrônico*.

Ele acoplou as *baterias* ao *controle* e acionou. Uma força o sugou, fazendo-o desaparecer.



CAPÍTULO 8

IMPERDOÁVEL

MORDRETTED

— Preciso pôr meu plano em prática — pensei, indo até Borislán. — Onde está Borislán? — perguntei para um dos *guardas*.

— *Vossa Majestade!* Ele está no calabouço interrogando um prisioneiro — respondeu o *guarda*, parecendo estar com medo.

— Acompanhe-me.

Mais três *guardas* me acompanharam e descemos até o calabouço. Eu estava impaciente.

— Borislán! Disseram-me que o encontraria aqui. O que faz? Preciso que faça algo para mim.

— *Vossa Majestade!* Perdão por ter que vir até aqui por minha causa. Estava interrogando um fugitivo. Estamos à procura de mais dois — disse Borislán.

Parei e olhei para o fugitivo como se já o conhecesse.

— Você me parece familiar. Qual é o seu nome, prisioneiro? — perguntei, olhando-o de cima a baixo.

— Vou ter que me apresentar toda vez que alguém diferente aparecer? — respondeu o fugitivo, com *ignorância*.

— Não seja *insolente*, inútil! Cuidado com as palavras! — disse Borislán, dando um soco na barriga do fugitivo jovem.

O golpe o fez calar:

— Responda-me. Como se chama? — perguntei, suspeitando de algo.

— Lan... do — respondeu o fugitivo jovem, parecendo sentir muita dor.

— Nome estranho. Quais os crimes dele? — perguntei.

— É um fugitivo. Foi acusado de roubo e atacou nossos *guardas* — respondeu Borislán.

— Enforcem-no! — disse, sem muita paciência e querendo falar com Borislán.

— Por favor! Preciso voltar para casa! — disse o fugitivo, clamando por ajuda.

— Ele disse que veio do futuro — disse Borislán, rindo.

— Como?! Não seria possível. Deve ser coincidência — pensei.

Olhei para ele.

— O que você quis dizer com isso? — perguntei, surpreso.

— Como ele disse, eu vim do futuro. Eu sou muito *avançado* para o seu tempo. Preciso voltar. Ajude-me! — disse o menino, desesperado.

— Seria muita coincidência. Não! Prefiro não acreditar. Tenho coisas mais importantes para me preocupar. Preciso seguir com meu plano de expansão — pensei. — Vamos, Borislan. Precisamos conversar.

— E eu? O que farão? — perguntou o fugitivo, amedrontado, que dizia se chamar Lando.

— Enforcem-no! — disse sem paciência e indo embora com Borislan e os *guardas*.

— NÃOOOOO! SOLTEM-MEEEE! — ele gritou, desesperado.

Saí do calabouço com Borislan.

— Será que isso tem alguma ligação com o que aquele *velho mago* falou naquela noite? Será que esse garoto sabe de alguma coisa ou segredos desse *velho*? Impossível! Acho que isso deve ser coisa da minha cabeça. Esse *feiticeiro* está morto há anos! — pensei.

— Borislan! Depois conversamos. Está dispensado.

Saí pensativo e sem muita paciência.

— O que faremos com os outros fugitivos que ainda não foram capturados? — perguntou Borislan.

— Deixe-os por enquanto. Vamos voltar para os planos de expansão.

— Sim! Como estava falando, deveríamos fazer de outro jeito.

— Maldição! O que sugeres?

— *Vossa Majestade* deveria invadir pelo sul, sendo que tem muitas mulheres e crianças. Seria um massacre, mas a vitória seria iminente — respondeu Borislan, sem empolgação.

— Então será assim que acontecerá. Precisamos expandir — respondi sem paciência.

— Mas, meu senhor... Precisamos...

— *Vossa Majestade*! Perdão por interromper, mas o prisioneiro fugiu novamente! — disse um *guarda*, que entrou desesperado.

— MALDIÇÃO! COMO DEIXARAM? — gritei, furioso.

— Meu *Rei*, permita-me que o capture?

— Vá, Borislan! E, se o encontrar, mate-o!

Borislan pareceu que ia me dizer algo, mas saiu.

Resolvi ir para meus aposentos onde sempre havia mulheres me aguardando e ninguém me importunaria até o momento que fosse sair.

Ouvi cornetas que comunicavam problemas, mas ignorei e voltei ao meu prazer.

Saí dos meus aposentos quando Borislán apareceu.

— Meu *Rei*, falhei com *Vossa Majestade*. O prisioneiro fugiu. Já anoiteceu e as buscas retornarão pela manhã — disse Borislán, ajoelhado e de cabeça baixa.

Minha vontade era arrancar-lhe a cabeça, mas como ele era um comandante muito valioso, contive-me.

— Se falhar comigo novamente não o perdorei — disse, sério e impaciente.

— *Vossa Majestade*, com licença. Ele insistiu em...

O *guarda* foi atacado mortalmente por Nirhir.

— Como ousas? Seu comportamento insolente está passando dos limites! Não me obrigue a puni-lo! — disse, furioso.

— Ele está aqui! Merllinhin não está morto!

— Impossível! Beofirk o matou!

— Merllinhin está vivo e com os fugitivos.

— Maldição! Borislán e Nirhir, vão atrás deles! Tragam-nos vivos ou mortos!

— Sim, *majestade*! — respondeu Borislán.

— Borislán, chame seu irmão e mande-o vir falar comigo.

— Sim! Com licença, *Vossa Majestade*! — respondeu Borislán.

— Nirhir! Retire esse corpo!

Ele chamou dois *guardas* que retiraram o corpo do *guarda* que ele havia matado. Todos saíram.

Estava muito irritado devido às coisas estarem fugindo do planejado. Fiquei um tempo olhando para o cenário de planejamento de guerra sobre a mesa.

— Com licença, *Vossa Majestade*. Mandou me chamar?

— Falhou comigo. Mentiu a respeito da morte de Merllinhin.

Beofirk se ajoelhou.

— Jamais, *Vossa Majestade*. Tenho certeza que o matei com uma flecha no peito.

— E o corpo?

— Eu o vi imóvel no chão, sem reação.

— Ele o enganou, então. Merllinhin está vivo e junto com os fugitivos.

— Impossível, *Vossa Majestade*!

— Está dizendo que estou mentindo?

— Jamais, *Vossa Majestade*! Se ele está vivo me encarregarei de achá-lo e matá-lo!

— Então faça! Se falhar novamente, não perdoarei!

— Agradeço, *Vossa Majestade*! Não falharei.

Beofirk levantou-se parecendo irritado, pediu licença e saiu. Fiquei por um momento pensando no que Merllinhin era capaz de fazer para arruinar meus planos. Precisava matá-lo o quanto antes.

— Esse garoto que diz coisas estranhas e agora a volta desse *mag*o insolente. Não pode ser só coincidência — pensei, cansado.

Peguei minha coroa e a espada. Caminhava até o trono quando uma luz surgiu na minha frente.

— Preciso dessa coroa.

— VOCÊ! O que faz aqui? Como surgiu de repente?

Merllinhin apontou seu *cajado* com ponta de espada na minha direção e lançou uma luz muito forte que ofuscou minha visão por uns instantes. Afastei-me e quando minha visão voltou o vi segurando minha coroa.

— Como ousa?!

Saquei minha espada e o ataquei.



CAPÍTULO 9

PODER OCULTO

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN MORDRETTED

— Como ousa?!

Mordretted sacou sua espada e atacou Merllinhin.

— DEVOLVA-ME ISSO!

Merllinhin deu um passo para trás.

— Foi você quem matou seu pai? O *Rei Arthur*?

— Isso não fará diferença você saber! Você morrerá aqui!

— Não estou aqui para lutar com você. Não agora.

— Não fuja, covarde!

— Eu ainda descobrirei a verdade, mas agora tenho que ir.

Mordretted tentou atacá-lo desesperadamente, mas Merllinhin acionou um *controle* e sumiu no ar.

— MALDIÇÃO! *Mago* maldito!

Guardas entraram no salão.

— Agora que aparecem! Procurem por invasores! Vão! Mobilizem todos!

Merllinhin voltou para seu *esconderijo*.

— Como você faz isso? — perguntou Tristan, assustado e curioso.

— Não é hora para esses tipos de explicações!

Merllinhin retirou da coroa um *cristal* de formato irregular e acinzentado que, olhando rapidamente, parecia ser um pedaço pequeno de *rocha*, e o levou até Landerran, que permanecia desacordado.

— Ele tem o poder. Ele herdou o poder de seu pai, o *Rei Arthur* — disse Merllinhin, segurando o *cristal*, que parecia um *pedra* em certos momentos, brilhando.

— Mas como? Ele poderá fazer o que *Arthur* fazia? — perguntou Tristan.

— Sim e talvez muito mais, se for bem treinado.

— Sim, mas ele diz ser outra pessoa. Como vamos resolver isso?

— Para ser sincero, não sei como resolver isso. Já fiz experiências relacionadas ao tempo, mas nunca vi nada parecido. Pode ser que tudo seja coisa da mente dele, mas acho pouco provável devido às coisas que ele fala. Pelo tempo que estou aqui, nunca vi nada parecido que justifique tal *comportamento*. Ele pode estar dizendo a verdade, que não é desse tempo.

Tristan ficou alguns segundos tentando entender tudo o que Merllinhin havia falado, mas desistiu.

— Não entendo nada dessas suas coisas *mágicas*, mas o que faremos?

— Vamos convencê-lo a nos ajudar a salvar esse *reino*. Mordretted está planejando uma expansão, mas de forma violenta. Pretende aniquilar vilarejos para poder concluir com êxito seus planos. Vi as maquetes montadas com todo seu plano. Podemos impedi-lo, mas precisaremos do poder de Landerran.

— Tudo bem — respondeu Tristan, ainda confuso com as palavras de Merllinhin.

— Agora me responda: O que aconteceu desde que eu fui embora? Como o segundo filho de *Arthur* foi ficar com você?

— É uma longa história.

— Pode me dizer. Por enquanto temos tempo.

— Tudo bem. Desde que você partiu, o *reino* vinha prosperando bem e sem intenções de guerra. O primogênito de *Arthur* cresceu e, já em sua adolescência, tinha todas as qualidades para ser o sucessor de seu pai, mas sua arrogância e desprezo pelo mais fracos só convenciam o *Rei* a não aceitá-lo como futuro *Rei*. Mordretted passou a odiar o pai por causa disso. *Arthur* teve um segundo filho. Um tempo depois, *Arthur* apareceu morto e *Millani* havia desaparecido com o bebê. Foram ordenadas buscas e um dos *cavaleiros* de *Arthur* foi acusado de traição pela morte do *Rei*. Ele foi enforcado e os outros perderam seus postos de *cavaleiros*, inclusive eu. A maioria resistiu e acabou sofrendo consequências graves, outros fugiram e eu fiquei aceitando a *desonra* vivendo uma vida de ferreiro onde ninguém me importunava. Fiquei, não porque era um covarde e sim porque eu havia encontrado a *Rainha*. Ela estava muito ferida e com o bebê de meio ano de vida. Ela me confiou a criança e disse-me para não confiar em ninguém. Disse para amá-lo a todo custo. Eu não tinha tanta proximidade com a *Rainha*, mas pelo olhar de desespero dela, havia feito de tudo para salvar seu filho. Para provar minha lealdade, me rebaixei com o intuito de poder esconder e proteger a criança que me foi confiada.

— Entendi. Tenho quase certeza que foi o primogênito, Mordretted, que o matou.

— Também acredito nisso, mas não temos provas.

— Sim, mas descobriremos a verdade e o impediremos de cometer mais crueldades em sua busca por poder!

— Sim, vamos! — respondeu Tristan, fechando os olhos.

Ele se acomodou em um canto e dormiu. Merllinhin riu e foi consertar uns *dispositivos eletrônicos* e colocar outros para carregar com *energia solar* captada durante o dia.

— *Vossa Majestade!* Vamos intensificar as buscas pelos fugitivos! — disse Borislan.

— Deixe isso com Nirhir e Beofirk. Vamos seguir com o plano de expansão.

— Mas *Vossa Majestade*. Não seria melh...

— Vamos fazer isso agora! Prepare o exército!

Borislan recuou com os comentários.

— Sim, *Vossa Majestade!*

Borislan saiu contrafeito com a decisão de Mordretted.

— Borislan, se falhar não terá perdão! — disse Mordretted, antes de Borislan sair pela porta.

Ele ouviu o comentário insatisfeito e saiu.

— Está me vendo? Está melhor?

— Onde estou? Quem é você? — perguntou Landerran, atordoado.

Merllinhin ajudou a levantá-lo.

— Acorde, Tristan. Ele está acordando.

— Quem? Onde? Meu filh...

— Você! Tristan! Então ainda estou preso no meu sonho — disse Landerran.

Tristan retirou o sorriso.

— Está tudo bem?

— Sim. Acho que sim.

— Vamos. Tente ficar de pé — disse Merllinhin.

— Desculpe-me, mas quem é você? — perguntou Landerran, olhando para Merllinhin e depois para todos os lados.

— Ele é aquele velho, Ekinilr. Estava disfarçado.

— Hã?! Esse velho cheio de *truques* nos enganou o tempo todo.

— Era ele que eu disse que ia procurar para ajudar a resolver seu problema, mas já conversei com ele e o pior é que ele não tem a resposta.

— *Droga!* E agora?

— Preciso que... — dizia Merllinhin quando foi interrompido.

— Agora estamos no futuro? Esse *laboratório*?! Esses *equipamentos eletrônicos*? Tem coisas aqui que parecem ser mais avançadas do que no meu tempo.

Tristan e Merllinhin trocaram olhares.

— Você ainda está no mesmo tempo, mas depois resolvemos isso. Olhe aqui. Pegue isto.

Landerran estendeu as mãos e pegou o *cristal acinzentado* que não parava de brilhar.

— O que é isso? Parece um *chaveiro de pedra*. Não, parece uma *pedra* com um *cristal* dentro. Não sei! É alguma fonte de energia?

— Teoricamente, sim. Você tem o poder para manipular toda essa energia.

Landerran ficou observando o *objeto* por um tempo.

— Ok! Mas como faço isso?

Merllinhin ficou calado por uns segundos.

— Tente apertar com força.

Landerran tentou e nada aconteceu.

— Pense em algo que te deixe feliz.

Ele pensou em Abigail, mas nada aconteceu.

— Pense em algo que te deixe com muita raiva.

Ele pensou em Max e mais uma vez nada aconteceu.

— Não sei o que fazer. Alimentem-se e vamos lá para fora! — disse Merllinhin, impaciente.

— Prepare-se!

— Para que? — perguntou Landerran, confuso.

Merllinhin sacou seu *cajado* com ponta de espada e atacou o garoto sem hesitação. Landerran, no susto, tentou desviar, pulando para o lado, mas foi cortado no braço.

— PARE COM ISSO! VAI MATÁ-LO! — gritou Tristan, correndo para tentar impedir a luta.

Merllinhin acionou um *controle* no braço que ativou umas *correntes magnéticas* que prenderam Tristan às árvores.

Ele voltou a atacar Landerran que tentou correr, mas foi derrubado. Merllinhin ergueu seu *cajado* para dar o golpe final quando uma luz forte saiu da mão que Landerran segurava o *cristal* e, de repente, surgiu uma *espada*. Era uma *espada* bem diferente das tradicionais. Merllinhin parou.

— Então é assim que você ativa o poder. Vamos praticar isso.

Merllinhin ajudou Landerran a se levantar. O garoto parecia muito assustado e não estava entendendo nada.

— O que é isso? Como é possível? — perguntou Landerran, olhando para a *espada*.

— Isso é o poder que você herdou do seu pai. É um *Ikihatsunukishi*. Ele a chamava de *Excalibur*.

— *Ikitsu...* o quê?

— *Ikihatsunukishi* — corrigiu Merllinhin.

Landerran ficou olhando para a *arma*.

— Essa *espada* parece que é a mesma que estava fincada numa rocha no meu tempo. Um senhor me disse algo, que não consigo lembrar, a respeito dessa *espada*. Eu a segurei e algo aconteceu fazendo minha mente vir para esse tempo.

Merllinhin ficou pensativo.

— Temos muitas coisas para entender e resolver, mas, no momento, precisamos dessa sua habilidade. O *reino* está em perigo e independentemente de você pertencer a esse tempo ou não, quem está aqui precisa de sua ajuda — disse Merllinhin, acionando o *controle* no seu braço e libertando Tristan.

Landerran ficou olhando para o *Ikihatsunukishi*, sem saber o que fazer.

— Como vou fazer isso? Não sei nem ao menos lutar como vocês.

— Eu vou treiná-lo — disse Tristan, se aproximando com um olhar furioso, para Merllinhin.

— Seria uma boa ideia, mas não estamos com tempo — disse Merllinhin, parecendo preocupado.

Uma flecha surgiu do nada e quase acertou a cabeça de Landerran, mas por causa do reflexo rápido de Merllinhin a flecha foi desviada. Alguém surgiu das sombras.

— Você é rápido, mas quero ver você desviar de várias flechas.

— De novo esse cara! — disse Landerran.

Nirhir acenou com o braço e diversas flechas foram disparadas na direção de Merllinhin, Tristan e Landerran. Merllinhin deu um golpe no chão com seu *cajado* e uma energia os envolveu fazendo as flechas pararem. Nirhir olhou com surpresa e raiva.

— Suas habilidades *mágicas* são impressionantes, mas quero ver se conseguem combater diversos homens ao mesmo tempo.

Vários *guardas* se aproximaram empunhando espadas.

— O que faremos? — perguntou Landerran, com medo.

— Aquela foi minha última defesa. Agora vamos ter que lutar.

Cercados, os três se posicionaram um de costas para o outro. Os *guardas* avançaram e começou a luta. Tristan e Merllinhin conseguiram com muita

dificuldade derrubar os *guardas* que vinham em grande número. Landerran, perdido, conseguia se esquivar por sorte dos ataques, mas era Tristan quem estava se esforçando ao máximo para defendê-lo e se defender.

Merllinhin usou uma luz muito forte que cegou temporariamente vários *guardas* que estavam em cima deles, inclusive Tristan e Landerran. Com isso, ele aproveitou a baixa de guarda e derrubou vários *guardas* sem dificuldade. Nirhir se aproximou rapidamente para atacar Landerran pelas costas quando Tristan pulou na frente e recebeu o golpe em cheio.

— NÃOOO! — gritou Landerran.

Nirhir tirou a sua espada das costas de Tristan, que caiu, e logo em seguida atacou Landerran que ainda estava com a visão turva.

Merllinhin correu até eles e conseguiu defender o ataque. Nirhir se afastou e acenou para os *guardas* pararem. Eles estavam cercados.

— Rendam-se! Não têm para onde fugir! — ordenou Nirhir.

Merllinhin não sabia o que fazer. Não tinha mais *truques* para tirá-los dali. Landerran viu Tristan caído e foi até ele.

— Você vai ficar bem. Vamos sair dessa e Merllinhin vai ajudá-lo — disse Landerran, tentando confortar Tristan, que sangrava muito.

— Já me conformei que não é meu filho, mas se ele estiver em algum lugar aí dentro de você me escutando quero que saiba... que... te... amo — disse Tristan, fechando os olhos.

— Não! Não! Acorde!

Tristan parou de se mexer.

— Larguem suas armas! AGORA! — gritou Nirhir, sem paciência.

Landerran apertou seu *Ikihatsunukishi* com raiva e se levantou. As pedras ao seu redor começaram a levitar. Os *guardas* recuaram assustados.

— VAMOS! MATEM-NOS! — gritou Nirhir.

Landerran gritou com muita raiva e as pedras que estavam levitando começaram a acertar os *guardas* com muita força, derrubando-os. Nirhir correu e tentou se esconder. O *Ikihatsunukishi* começou a sofrer uma transformação, ficando maior e parecendo que tinha três lâminas.

Mais pedras saíram do chão e foram acertando os *guardas*, atravessando seus corpos como se fossem de papel. Em pouco tempo, Landerran já havia derrotado todos. Nirhir viu que a situação tinha saído do seu controle e tentou fugir, mas uma pequena pedra atravessou sua perna fazendo-o cair, com muita dor.

— Não o perdoarei! — disse Landerran, cheio de raiva.

Nirhir, sem reação, aguardou o golpe final, mas Landerran, de repente, desmaiou. Merllinhin correu para ajudar o garoto. Nirhir aproveitou a situação, se

levantou e, com muita dor, fugiu mancando. Merllinhin viu que Landerran estava vivo e tentou acordá-lo. Não conseguiu.

O *Ikihatsunukishi* havia voltado ao seu estado inicial, em forma de *crystal* acinzentado que lembrava uma *pedra*. Merllinhin pegou o *Ikihatsunukishi* e o guardou. Ele acionou algo que o fez mudar de forma, fazendo-o ficar um pouco maior e aparentemente mais forte. Colocou o *cajado* nas costas, pegou Tristan com um braço e Landerran com outro e os levou para seu *esconderijo* antes que aparecessem mais *guardas*.



CAPÍTULO 10

DESLEAL

LANDERRAN MERLLINHIN MORDRETTED

Merllinhin, chegando em seu *esconderijo*, acionou a porta de entrada, que logo abriu, e ele começou a entrar.

— Largue-os, *criatura* estranha! — disse Beofirk.

Merllinhin ficou sem reação.

— O que é você? Eu o vi se transformando nisso, seu *mag*o insolente! Você é algum tipo de *demônio*? Era para estar morto!

Merllinhin largou Landerran e Tristan no chão e voltou à forma de um velho homem de barba.

— Vocês não estão preparados para a verdade. Vão embora!

Diversos *guardas* chegaram prontos para atacar. Merllinhin os ignorou e levou Landerran para dentro e o acomodou. Depois, pegou Tristan e o deixou em um canto. Beofirk aproximou-se e entrou acompanhado de vários *guardas*.

— O que é tudo isso? — perguntou Beofirk, surpreso.

Merllinhin o ignorou mais uma vez e foi cuidar de Landerran, injetando algo em sua veia.

— Já disse para irem embora.

— Seu *insolente*! Vocês serão levados. Estão presos.

Landerran acordou.

— Onde estamos? Hã? O que aconteceu? — perguntou, atordoadado.

Merllinhin entregou o *Ikihatsunukishi* para Landerran, que tentou ativá-lo.

— Não consigo — disse Landerran, ainda atordoadado e olhando para Merllinhin.

Ele pegou na mão de Landerran e acionou um *controle*. Eles surgiram do lado de fora do *esconderijo*.

— Maldição! Quase matei a gente. Loucura tentar se transportar com *dispositivo* sem energia — disse Merllinhin, olhando para o *dispositivo eletrônico*, que parecia ter queimado.

Landerran, que havia caído, se levantou.

— Onde estamos?! — perguntou Landerran, olhando para todos os lados.

Sem saber como, ele ativou o *Ikihatsunukishi*, que se transformou na mesma *espada* diferente da primeira vez. Landerran se aproximou da cachoeira e, com o *Ikihatsunukishi*, fez as pedras partirem e tudo desmoronar.

— Você matou todos que estavam lá. Meu *laboratório*! As minhas chances de sair desse planeta se foram! — disse Merllinhin, espantado.

Mais *guardas* se aproximaram para atacá-los. Merllinhin ia puxar Landerran para eles fugirem dali, mas o garoto partiu para o ataque com seu *Ikihatsunukishi*, que estava na *primeira* forma, lançando pedras dos destroços do desmoronamento e derrotando todos os *guardas*.

— Vamos sair daqui! — disse Merllinhin.

Landerran ficou olhando em volta e analisando o que fez durante alguns segundos.

— Você não disse que queria usar meu poder? Então vamos! Vamos até o *castelo*. Quero resolver tudo por lá! Já estou cansado de tudo por aqui! — disse Landerran, se sentindo forte e confiante.

Merllinhin olhou, surpreso, para o garoto.

— Tudo bem, mas...

— Já estava me esquecendo! Onde está Tristan? Ele havia se ferido... — perguntou Landerran, preocupado.

— Ele estava no *esconderijo*. Você o enterrou.

— NÃOOOO! — gritou Landerran, indo até os escombros.

— Volte! Ele já estava...

Landerran parou e ficou pensativo por um momento. Seu *Ikihatsunukishi* voltou à forma de um pequeno *crystal*.

— Vamos! — disse Landerran, segurando as lágrimas.

— Sim! Vamos!

— Nos teletransporte até...

— Não será possível. O *teletransportador de salto entrelaçado* queimou devido ao último esforço, quando saímos do *laboratório*. Não tenho mais nenhum, mas...

— Mas?

Merllinhin acionou um pequeno *dispositivo* no braço que se comunicou com os *discos de levitação*.

— Vamos! Suba!

— Incrível! Como? Diga-me! Você também é do futuro?

— Vamos! Depois conversamos sobre isso. Precisamos impedir Mordretted de atacar inocentes!

— Não só isso! Também vou me vingar pelo que ele fez comigo! — disse Landerran, parecendo revoltado.

Merllinhin ia dizer algo, mas desistiu. Eles subiram nos *discos de levitação* e seguiram para o castelo em *Cihanloft*.

— AS PESSOAS QUE NOS VIREM VOANDO NÃO VÃO FICAR ASSUSTADAS? — gritou Landerran.

— ESTÁ TUDO BEM! O MODO CAMUFLAGEM ESTÁ ATIVO! NINGUÉM VAI NOS VER, MAS...

Os *discos de levitação* começaram a falhar depois de um tempo de voo. A segurança foi ativada e eles desceram.

— Eles não carregaram o suficiente. Maldição! Essa limitação de *fontes de energias* eficientes está me irritando! Vamos ter que prosseguir a pé! Vamos, não estamos muito longe!

Landerran ficou insatisfeito, mas prosseguiu o resto do caminho andando. Eles seguiram quase sem trocarem palavras. Assim que chegaram Landerran ativou o *Ikihatsunukishi*.

— Vamos invadir e pegar esse *Rei*! Vamos dar a ele o que ele merece

— Vamos com calma. Você ainda não tem total domínio do seu poder. Você pode acabar ferindo inocentes. Vamos tentar ir pelos caminhos *secretos*.

Landerran, sem paciência, levou abaixo o enorme muro de pedra que ficava ao *nordeste* do castelo. A população, assustada, achando que era um ataque de *reinos* inimigos, correu para os abrigos desordenadamente. Cornetas tocaram e *guardas* se aproximaram. Landerran, com seu *Ikihatsunukishi*, controlava pedras que saíam do chão e dos destroços do muro derrubado e acertavam os *guardas* violentamente. Sem muita dificuldade, foi derrotando todos que apareciam para tentar impedi-los. Merllinhin só olhava, espantado, já que Landerran não deixava um *guarda* sequer em pé.

— VAMOS ATÉ O CASTELO! — gritou Landerran, impaciente.

Eles seguiram e, no caminho, quando surgiam *guardas*, Landerran os derrotava sem esforço. Estavam quase chegando ao *trono* quando Landerran a viu:

— Abigail?! O que está fazendo aqui? Vem comigo! Vamos acabar com tudo e sair daqui! Vamos voltar para casa juntos!

A menina recuou.

— Já lhe disse que não sou quem você pensa. Quem é você? O que faz aqui? O que quer, de verdade, comigo?

— Apagaram suas lembranças, Abigail? Não se preocupe. Venha comigo e vamos embora daqui! — disse Landerran, aproximando-se da menina.

— Afaste-se da minha filha, seu *insolente*! — disse Borislán, se aproximando.

Cateline se afastou de Landerran e foi até o pai.

— Então você tem algum sentimento por essa garota — disse Mordretted, aparecendo de repente e segurando Cateline pelo pescoço.

Mordretted sacou sua espada.

— Afastem-se ou eu a mato!

Borislán arregalou os olhos, furioso.

— O que planeja, *Vossa Majestade*? Está machucando-a.

— Afastem-se, Borislán! Deixa que eu resolvo isso do meu jeito! Não era para você estar aqui! Ordenei-lhe que guiasse as *tropas* para invasão do vilarejo.

— Mas *Vossa*...

— Você não jurou me proteger e servir a todo custo? ENTÃO AFASTEM-SE!

Borislán ficou sem *reação*.

— Solte-a — disse Landerran, apontando seu *Ikihatsunukishi* para eles.

— Afastem-se ou eu a mato!

A raiva tomou conta de Landerran e as construções de pedras do castelo começaram a tremer.

— Cuidado, garoto! Você pode desmoronar tudo aqui e acabar nos matando! — disse Merllinhin, parecendo preocupado.

— Então minhas suspeitas estavam corretas. Vocês estão agindo juntos. Beofirk falhou em matá-lo seu *magô* maldito, mas vocês não escaparão! Se sumirem com seus *feitiços*, mato a garota!

Borislán estava tremendo de raiva a ponto de atacar Mordretted, mas se conteve. Muitos *guardas* adentraram no local onde eles estavam.

— Beofirk?! O que houve com você? Está muito ferido — disse o *Rei*, querendo rir.

— Perdão, meu *Rei*. Quase falhei novamente, mas estou aqui para protegê-lo a custo de minha vida — disse Beofirk, parecendo não ter muita força para manter sua espada de pé.

Guardas foram se aproximando cautelosamente de Landerran e Merllinhin. Landerran, com seu *Ikihatsunukishi*, arrancou pedras das paredes e começou a acertar os *guardas*.

— Garoto *insolente*, eu avisei! — disse Mordretted, apunhalando Cateline pelas costas.

— NÃOOO! — gritaram Landerran e Borislán, quase ao mesmo tempo.

Mordretted recuou, mas foi atacado por Borislán que estava repleto de ódio. Landerran foi até Cateline, que havia caído no chão. Com um último gesto, ela o tocou no rosto e fechou os olhos lentamente.

Beofirk, para denfender Mordretted, atacou Borislán.

— Saia do meu caminho, meu irmão. Ele matou minha filha. Sua sobrinha!

Beofirk pareceu hesitar um pouco, mas...

— Jurei proteger o nosso *Rei* a todo custo.

Eles começaram um combate intenso. Merllinhin estava lutando para proteger Landerran, que estava se lamentando com Cateline nos braços. Mordretted aproveitou a confusão e saiu do local. Beofirk, devido aos ferimentos, foi derrotado por Borislan facilmente, que se juntou a Merllinhin na luta contra os *guardas* que não paravam de chegar.

Landerran cuidadosamente deixou Cateline no chão e se levantou, tomado por um ódio intenso. Ele começou a emanar uma forte luz. Seus olhos ficaram brancos e todo o castelo começou a tremer. Os *guardas* pararam. Pedacos do castelo se desprenderam e foram acertando violentamente os *guardas*, que caíam sem saber o que os atingia.

O *Ikihatsunukishi* se transformou em sua *segunda* forma e logo em começou a sofrer uma nova transformação. As três lâminas se juntaram, formando uma *espada* enorme. O castelo começou a tremer com mais intensidade e as estruturas começaram a ceder.

O resto dos *guardas* recuaram assustados, mas alguns foram atacados com mais violência. Era uma chuva de pedra em alta velocidade que aniquilou todos que estavam ali em pouco tempo.

— VAMOS SAIR DAQUI! TUDO VAI DESMORONAR! — gritou Merllinhin, para Borislan.

Eles saíram do local imediatamente. Landerran, enfurecido, gritou de raiva e todo o castelo começou a desmoronar. Ele soltou uma rajada de energia que fez todo o local se desfazer em pequenos blocos de pedra.

Por um instante todas as pedras pareceram flutuar bem devagar, mas logo todas caíram. Landerran desceu lentamente flutuando sobre um grande pedaço de pedra. O caos tomou conta de tudo ao redor. Landerran desceu e logo em seguida desmaiou. O *Ikihatsunukishi* voltou para sua forma de *cristal*. Merllinhin e Borislan se aproximaram para levar o garoto dali. Merllinhin guardou o *Ikihatsunukishi* e pegou Landerran, colocando-o no ombro.

— Para onde vamos? — perguntou Borislan, assustado com tamanha destruição.

— Não sei, mas a princípio vamos sair logo daqui — disse Merllinhin, olhando para o céu.

— O que são vocês? — perguntou Borislan, receoso.

— É uma história muito longa. Depois conversamos.

Eles aproveitaram o caos, conseguiram cavalos e saíram. Já era noite. Depois de um bom tempo chegaram a uma fazenda. Merllinhin desceu do cavalo e com Landerran nos braços caminhou até uma pequena casa. Borislan bateu na porta e logo foram atendidos.

— Olá, meu amigo. Perdão por ter que te envolver em problemas, mas dessa vez preciso de um lugar para ficar enquanto penso no que vou fazer — disse

Merllinhin.

— Seja bem-vindo, velho amigo! Venham, entrem! Não tem problema, já esqueceu que tenho uma dívida com você? Entrem! Entrem!

Eles entraram e o Sr. Leodegann ficou por um momento na porta. Antes de entrar, ele olhou para todos os lados para ver se não havia ninguém suspeito por perto.



CAPÍTULO 11

RETORNO

LANDERRAN MERLLINHIN BORISLAN

— Quanto tempo, meu velho amigo! — disse Leodegann.

— Sim, faz muito tempo! — respondeu Merllinhin.

— Como conseguiu me achar? Mas que pergunta inútil! Ninguém consegue se esconder de você! — disse Leodegann, rindo e indo pegar algo para eles beberem.

— Como está a família?

— Estão bem! Eles acabaram de dormir. Eu já estava indo quando vocês chegaram.

— Sinto muito por incomodar.

— Tudo bem! Já lhe disse que tenho uma dívida com você. Em tudo que puder ajudar, eu te ajudarei.

— Agradeço. Então você preferiu se isolar.

— Sim, meu amigo. Não pude agir, assim como meus companheiros. Tive que agir como um covarde para protegê-los.

— Compreendo. Agiu certo.

— Tem sido difícil conviver com a *desonra*, mas por eles eu faço o que for preciso para mantê-los seguros! Minha família é o mais importante!

— Sim!

Merllinhin percebeu que Borislan estava em um canto sentado quieto e apertando com força sua espada.

— Sinto muito por sua perda.

Borislan permaneceu quieto.

— Mordretted matou a filha dele. Ele era um dos *guardas* mais fiéis dele — disse Merllinhin, em voz baixa para Leodegann.

— Lamentável! Mordretted perdeu todo o senso de sabedoria e lealdade. Ele era um menino que tinha tudo para ser promissor e seguir os passos do pai, mas algo aconteceu que o fez mudar e seguir esse caminho horrível que só faz as pessoas sofrerem. Muitos dos nossos companheiros cavaleiros que serviram a *Arthur* e que não aceitaram as atitudes de Mordretted foram assassinados por ordem dele.

— Terrível! Um de nossos companheiros, Tristan, morreu recentemente protegendo esse garoto.

— Tristan — disse Leodegann se lamentando.

Brianna apareceu e foi até Landerran, que estava desacordado. Leodegann e Merllinhin olharam para ele enquanto Brianna cuidava dos ferimentos do menino.

— Ele é filho legítimo de *Arthur* — disse Merllinhin, com um olhar preocupado.

— Não é possível! Como?

Borislán se levantou.

— O que você disse? — perguntou Borislán, não acreditando no que ouviu.

— Exatamente o que ouviram. Ele é o herdeiro do verdadeiro *Rei*, o *Rei Arthur*.

Todos pararam e ficaram olhando para Landerran. Brianna, por uns segundos, parou também e ficou olhando confusa para o garoto. Ela voltou a cuidar dele.

— Como isso é possível? Então esse garoto é irmão de Mordretted! Por onde ele andou esse tempo todo? — perguntou Leodegann.

— Tristan cuidou desse garoto até o dia de sua morte. A *rainha*, antes de morrer, confiou seu filho bebê a ele.

— Inacreditável! — disse Leodegann, surpreso.

— Ele tem o mesmo poder que o pai. Ele consegue usar a *Excalibur*, sendo que tem algo que nem eu consegui compreender por completo. Ele diz que se chama Lando e que veio do futuro.

— Então isso é verdade! — disse Borislán, confuso.

— Ainda não tive tempo de verificar tudo em detalhes, mas tenho quase certeza de que sim. Preciso compreender melhor essa situação, mas meu *laboratório* foi destruído e meus recursos se encontram no *satélite* desse planeta e, sem meu *teletransportador de salto entrelaçado*, que venho há anos tentando reparar para poder realizar saltos mais longos, nada será possível fazer para estudar a situação.

Todos olharam para Merllinhin sem entender o mínimo do que ele havia dito.

— Meu amigo, não compreendo suas palavras, mas o que planeja? Lamento, mas sendo sincero, só posso ajudá-los até aqui.

— Se esse garoto é mesmo filho de *Arthur*, aqui não é um local seguro para mantê-lo — disse Borislán

— Compreendo sua preocupação, meu amigo! Só estamos de passagem, pela manhã partiremos!

— Que poder esse garoto tem? Parece que ele é bem mais forte que o falecido *Rei*. Esse garoto destruiu todo castelo. Quem são vocês? — perguntou Borislán, assustado e segurando sua espada, pronto para contra-atacar.

— Acalme-se! Você teve uma grande perda. Agora você entende quem é o verdadeiro inimigo — disse Merllinhin.

Borislán ficou olhando para todos que o encaravam com um olhar preocupado. A filha de Leodegann apareceu de repente com um olhar de sono.

— O que está acontecendo papai?

Borislán olhou para a menininha indefesa e inocente. Ele começou a tremer levemente e foi até a saída.

— Não posso! — disse Borislán, saindo e batendo a porta.

— Vai dormir, minha filha — disse Leodegann, indicando com o olhar que a esposa tomasse uma atitude.

Brianna parou de cuidar de Landerran e levou a filha para dormir.

— Ele destruiu todo castelo! Não será possível que fiquem até amanhecer. Os *guardas* de Mordretted virão até aqui atrás de vocês. Sei que tenho uma dívida com você, mas não posso arriscar a vida da minha família.

— Compreendo, meu amigo! Não vou permitir que nada aconteça com sua família. Assim que Landerran acordar, nós partiremos.

Leodegann permaneceu quieto e foi fazer algo quente para beber. Merllinhin fez algo para acelerar a recuperação de Landerran e Leodegann ofereceu a bebida quente para Merllinhin. Eles beberam em silêncio. Leodegann foi descansar e Merllinhin sentou ao lado de Landerran.

— Bom dia, meu amigo! Desculpe-me por ontem! — disse Leodegann.

— Tudo bem! Landerran deve acordar a qualquer momento. Seus ferimentos já estão bem melhores.

Leodegann olhou para Landerran, surpreso.

— Ontem você não me respondeu. O que planejam? O que farão daqui em diante?

— Landerran possui o poder de *Arthur* e pelo que já vi, é muito mais poderoso, porém não tem domínio total desse poder. Vamos recuar a princípio para ajudá-lo a ter controle total sobre seus poderes. Depois retornaremos para que o verdadeiro herdeiro do *Rei* possa assumir seu trono. Não vou permitir que Mordretted continue com seu *reinado* sangrento! Com isso concluído, pretendo continuar com minhas buscas.

— Que buscas?

— Ouviu isso? — perguntou Merllinhin, preocupado.

— Cavalo! Quem será?

— Merllinhin pegou seu *cajado* e foi até a janela.

Bateram desesperadamente na porta.

— É Borislán! Deixe-o entrar! — disse Merllinhin.

Leodegann abriu a porta com cuidado.

— AINDA ESTÃO AQUI! MORDRETTED CONCLUIU SEU PLANO DE EXPANSÃO E DIZIMOU UM VILAREJO INTEIRO. AGORA ESTÁ À PROCURA DE VOCÊS, REVIRANDO O *REINO* INTEIRO. VOCÊS PRECISAM IR AGORA!

— O que está havendo? — perguntou Merllinhin, olhando para todos os lados.

— OS *GUARDAS* ESTÃO VINDO! VAMOS! — gritou Borislan, cansado.

— Por que voltou? Você que trouxe os *guardas*! — disse Leodegann, com raiva.

— VÃO! AGORAAA! — gritou Borislan, nervoso.

— Vai, meu amigo! Pegue sua filha e esposa — disse Merllinhin, indo até Landerran.

Em pouco tempo eles estavam prontos para sair.

— SAIAM! ESTÃO CERCADOS!

Merllinhin, Leodegann e Borislan trocaram olhares preocupados. Merllinhin saiu na frente e, logo atrás, Borislan.

— Rendam-se! — disse Nirhir, montado num cavalo e acompanhado de muitos *guardas* que apontavam flechas.

— O que faremos?! — disse Leodegann, aparecendo atrás de Borislan e Merllinhin.

— Estou pensando, mas acho que não temos chances.

Leodegann caminhou uns passos à frente.

— Parado! Mais um passo e morrerá! — disse Nirhir, acenando para os *guardas*.

Leodegann parou.

— Eu me rendo, mas deixe minha família ir. Elas não têm nada a ver com a situação.

Nirhir pensou por uns segundos.

— Tudo bem! Eu permito que elas vão!

Leodegann recuou e chamou Brianna e sua filha, Úrsula. Ele as colocou em um cavalo e se despediu. Elas galoparam cuidadosamente. Leodegann tentou caminhar até elas.

— SOMENTE ELAS! — gritou Nirhir.

Leodegann parou e ficou observando sua família se distanciar. Nirhir acenou para os *guardas* arqueiros que apontaram flechas para o alto na direção de Brianna e Úrsula. Eles dispararam e as acertaram mortalmente.

— NÃOOOOOOOOO! — gritou Leodegann, furioso correndo até elas.

Quando ele estava chegando até sua esposa e filha, Nirhir ordenou que arqueiros atirassem. Diversas flechas acertaram Leodegann, que caiu bem próximo à sua família, que não mais se mexia. Ele tentou um último esforço, mas a luz deixou seus olhos.

— MALDITOOOO! — gritou Merllinhin, tomado de raiva.

Ele tentou correr, mas foi impedido pelos diversos *guardas* arqueiros que apontavam flechas para ele e Borislan.

— Pensei em levá-los vivos, mas acho melhor poupar o esforço! — disse Nirhir, impaciente.

Ele ordenou que os arqueiros atirassem. Por um segundo, todos hesitaram.

— VOCÊ! SAIAM DAQUI! NOS DEIXEM EM PAZ — gritou Landerran, saindo da casa parecendo cansado e com o *Ikihatsunukishi* ativado nas mãos.

Nirhir ordenou o ataque e diversas flechas foram na direção dele. Landerran tentou usar o *Ikihatsunukishi*, mas não conseguiu. Merllinhin correu até Landerran e evitou que ele fosse atingido. Merllinhin caiu muito ferido com diversas flechas nas costas. Borislan foi atingido de frente por várias flechas, mas permaneceu de pé. Pouco tempo depois caiu sem reação.

— Desculpe-me, garoto! Esse não era meu plano! — disse Merllinhin.

Ele caiu fatalmente ferido e sua forma começou a mudar para um *ser* estranho. Landerran olhou para Merllinhin, assustado. Outra rajada de flechas foi lançada em sua direção. Ele tentou a todo custo se defender usando o *Ikihatsunukishi*, mas, sem resposta, ele viu as flechas chegando em câmera lenta e, de repente, sua visão foi ofuscada.



CAPÍTULO 12

DESPERTANDO PARA A REALIDADE

LANDO

— Hã?! O que houve?! — disse, confuso.

Estava deitado em algo macio e quente. Me levantei.

— Onde estou! Meu *dormitório*?! Como vim parar aqui?! Então foi tudo um sonho!

Um alívio imenso tomou conta de mim. Fiquei pensativo porque tudo o que aconteceu me pareceu bem real.

— Abigail! — pensei.

Preciso ir até ela.

— Agora, não! — disse para mim mesmo.

A cama estava tão confortável que voltei a deitar e fiquei mais uns minutos refletindo sobre o sonho louco que tive.

Vi que meu *Tab P* estava ao lado da cama. Perguntei à minha *AI* sobre as horas e ela me respondeu que eram 6:40 da tarde de *domingo*.

— Dormi a tarde toda, mas parece que dormi uma eternidade — pensei, confuso.

Lembrei do Sr. George. Ele havia marcado comigo e eu sonhei que tinha ido até ele.

— Mais tarde vou lá me desculpar por não ter ido.

Levantei, tomei um banho e fui até minha mãe para comer algo. A cozinha estava agitada. Passei por ela.

— Oi, mãe. Tem algo para comer?

— Agora não, meu filho. Tenho um jantar para terminar!

Ela nem olhou para mim. Tinha uma bandeja com petiscos. Peguei uns e saí.

Era *tarde* e queria resolver de uma vez por todas minha situação com Abigail. Lembrei do que havia escutado dela falando com o pai. Precisava ter certeza de tudo vindo diretamente dela. Peguei meu *Tab P* e fui mandar uma mensagem para ela.

— *Contato não encontrado* — disse *Mila*, minha *AI*.

— Mas como?! — pensei, confuso.

Vasculhei manualmente em busca do contato dela e nada encontrei.

— Será que excluí? — pensei, ainda mais confuso.

Meu pai apareceu de repente.

— Olá, meu filho! Entrei no meu intervalo, mas já vou ter que voltar. O Sr. Benjamin agendou um jantar de última hora e vou ter que dobrar. Vai valer a pena porque vamos receber o triplo, mas vai ser cansativo.

— Hã?! Quem é o Sr. Benjamin?

— Não entendi a pergunta. Como não sabe? Está tudo bem, meu filho?

Fiquei quieto por uns segundos.

— É sério, pai. Quem é o Sr. Benjamin?

— É o nosso chefe — respondeu ele me estranhando.

— Hã? — disse, confuso.

— Está tudo bem mesmo, meu filho? Está com um olhar preocupado!

Não estava entendendo mais nada! Um jantar agora que eu não estava sabendo. Minha mãe com uma atitude estranha. Esse tal de Sr. Benjamin ser nosso chefe. Contato da Abigail inexistente.

— E o Sr. James? Não é ele o nosso chefe? O dono disso tudo? — perguntei, olhando ao redor.

— Hã?! O que está dizendo, meu filho?! Quem é esse Sr. James?

Congelei por uns segundos com o que meu pai havia acabado de dizer.

— Como pode?! O que está havendo? — me perguntei, confuso e assustado.

— Você não me parece bem! Vamos comer alguma coisa e você vai descansar depois. Vou pedir à sua mãe para tentar preparar algo rapidinho para a gente. Não garanto que ela vá conseguir, porque desde que ela foi promovida, não lhe sobra tempo nem para nós — disse meu pai, com uma expressão de satisfação e um olhar de tristeza.

— Promoção?! — pensei, assustado.

— Vamos, filho! Não tenho muito tempo e logo tenho que voltar para o trabalho! — disse ele, andando em direção à cozinha.

Fiquei imóvel tentando entender o que estava acontecendo.

— O que houve? Você não vem?

Continuei uns segundos ainda imóvel.

— Eu não vou, não! Já comi!

— Sério?! Tudo bem, então! Vai descansar! Depois nos falamos — disse meu pai, indo embora e acelerando o passo.

Minha mente estava embaralhada. As coisas não estavam fazendo sentido.

— Será?! — pensei, lembrando do sonho.

Não poderia ser verdade! Tudo tinha sido um sonho!

— Será que não acordei, pulei para outro sonho? — pensei, apavorado e desejando estar errado.

Segui, desesperado, até o *dormitório* do Sr. George. Chegando, toquei a campainha, mas ninguém me atendeu. Bati desesperadamente na porta e ninguém apareceu.

— Isso só pode ser um pesadelo — pensei, apavorado.

De repente surgiu um senhor, do nada.

— O que faz aqui, meu jovem?

— Quem é o senhor?! — perguntei, assustado.

— Como quem sou eu?! Sr. Joseph, o *supervisor-geral* de todos vocês. Você não me respondeu. O que faz aqui?

— Onde está o Sr. George?! Ele que é o *supervisor-geral*!

— O que está dizendo? Não tem nenhum Sr. George aqui! Volte para suas obrigações!

— Não acredito! Isso é um pesadelo! Preciso acordar! — disse, dando tapas no meu próprio rosto.

— Pare com isso, meu jovem! Vou chamar a segurança se você não se controlar!

— Mas o Sr. George que era o *supervisor-geral*! Ele me mostrou a *Excalibur*, o *Ikihatsunukishi*, uma *arma* especial que se encontra em uma espécie de calabouço aí por debaixo do seu *dormitório*. Achava que tudo tinha sido um sonho, mas...

— O que você disse, meu jovem?!

— Que achava que tudo era um sonho, mas...

—Essa parte, não! Sobre a *arma* especial!

— A *Excalibur*?!

O Sr. Joseph me olhou, espantado.

— Acompanhe-me — disse ele, entrando em seu *dormitório*.

Sem muita opção e perdido eu o acompanhei.

— Sente-se!

Ele ficou pensativo por uns segundos.

— Como você sabe da *Excalibur*?! Quem lhe disse?!

— Foi o Sr. George! Ele me levou até o calabouço que fica abaixo, depois dessa porta — disse, apontando para a mesma.

O Sr. Joseph me olhou, assustado, e se aproximou de mim.

— DIGA-ME! QUEM LHE DEU ESSAS INFORMAÇÕES?

— Já lhe disse, foi o Sr. George!

— Não existe nenhum Sr. George aqui!

— Só pode ser outro sonho.

— Do que está falando?

Acreditando que poderia estar em outro sonho, eu expliquei, tudo tentando não demonstrar medo.

— No sonho que tive, eu acho. O senhor George desceu comigo e me mostrou esse tal de *Ikihatsunukishi*, *Excalibur*, fincado numa pedra. Lembro que a segurei e ela me levou para o passado. Aconteceram tantas coisas horríveis lá e quando achei que ia morrer, acordei na minha cama horas atrás. Pensei que tinha sido um sonho, mas quando saí do meu *dormitório*, as coisas aqui não eram mais as mesmas de quando o Sr. George me levou até essa *arma* mágica.

— Impossível! Eu guardo esse lugar há anos! A missão vem sendo passada de geração a geração por séculos, esperando que alguém da família nobre dos *Rikarggan* tivesse um herdeiro que pudesse tirar a *Excalibur* da pedra. Como você, filho dos empregados, pode ser o herdeiro?!

— Também não sei. Só sei que tudo que disse foi verdade.

— Venha comigo! — disse Sr. Joseph, abrindo a porta para descer ao calabouço. Eu o acompanhei e chegamos até a pedra onde estava a *Excalibur*.

— Ela está aqui há séculos. De tempos em tempos, trazemos o herdeiro da família aqui para ver se ele é o escolhido. Até hoje nenhum deles conseguiu. Os próximos que iria trazer aqui seriam os filhos do Sr. Benjamin.

— Que me lembre, seria o Sr. James e os seus filhos são Max e Abigail.

— Quem são esses? Já lhe disse que não tem nenhum Sr. James por aqui.

— Como?! Abigail?! O SENHOR ESTÁ MENTINDO! QUERO ACORDAR DESSE PESADELO!

— ACALME-SE! VAMOS SAIR DAQUI E ESCLARECER ESSAS COISAS LÁ FORA!

Não acreditava no que estava acontecendo.

— Será que estou em um sonho dentro de outro sonho? — pensei, apavorado.

Corri desesperado até o *Ikihatsunukishi* e tentei arrancá-lo.



CAPÍTULO 13

MAIS UMA VEZ

LANDERRAN

— O QUE FOI QUE ACONTECEU?

— O que houve, Landerran?

— Hã?! Não acredito!

— O que houve?! Teve um pesadelo?

— Tive, não! Na verdade, estou preso nele. O que está acontecendo?!

Ainda estava com a visão meio turva, mas logo foi normalizando. Percebi que estava no mesmo lugar e exato momento de quando toquei o *Ikihatsunukishi* pela primeira vez e vim parar no passado.

— Acho que o *Ikihatsunukishi* tem algum tipo de maldição que está me deixando louco.

— Você está louco, Landerran? Do que está falando?!

— Tristan, né?! Esse é o seu nome?

— Sim, sempre foi! O que está acontecendo? Está tudo bem com você?!

— Não, não está tudo bem! Estou preso em um pesadelo! Preciso me libertar disso o quanto antes!

— Você não está bem! Será que foi a comida que lhe fez mal? — perguntou Tristan, parecendo confuso.

— Vou tentar lhe explicar. Tudo para mim parece um pesadelo sem fim, mas tudo parece muito real. Não sou esse tal de Landerran, não em mente. Minha consciência veio do futuro. Estamos vivendo esse momento novamente e a única coisa que quero é tentar descobrir uma maneira de me libertar disso. Só tem uma pessoa que pode tentar nos ajudar.

— Do que você está falando?! Quem é você? Devolva meu filho, seu espírito do mal!

Abaixei a cabeça, indignado e sem paciência, disse:

— Vamos esperar...

— Esperar o quê? O que está acontecendo?

— Para provar que estou dizendo a verdade, em pouco tempo vão entrar *guardas* aqui cobrando impostos. Você não entregará tudo e questionará que eles vêm

recolhendo impostos com mais frequência. Um dos *guardas* tentará cortar seu braço e...

Ouvi gritos e choro. De repente começaram a bater violentamente na porta. Tristan me olhou espantado e abriu a mesma.

— Seu velho inútil. Impostos, AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada.

— Está aqui! Pegue.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem rendido muito e os impostos vêm sendo recolhidos com mais frequência — disse Tristan me olhando, assustado.

— Está questionando as ordens do *Rei*, seu velho inútil? Segurem-no.

Outros *guardas* seguraram Tristan. Eu fiquei tranquilo, esperando acontecer.

— Estique o braço dele aqui.

Esticaram o braço esquerdo de Tristan em uma mesa.

— Então vou cortar-lhe o braço como diferença — disse o *guarda*, rindo.

— Espere! Vamos lhe pagar na próxima vez que vierem. Pagaremos o que faltou e daremos um extra para cada um dos senhores como um agrado pelo *transtorno* que causamos hoje — disse, confiante.

O *guarda* olhou para os outros.

— Você parece *forasteiro* falando assim, mas isso é estranho, pois já te vi várias vezes.

O *guarda* ficou olhando para mim, suspeitando de algo.

— Que garantia nos darão de pagamento?

— Poderão arrancar nossos dois braços.

O *guarda* ordenou que soltassem Tristan e apontou sua espada para meu rosto.

— Não me lembro de você ser tão *audacioso*. Se não cumprir o que falou, vou arrancar mais do que seus braços.

Os *guardas* saíram e Tristan me lançou um olhar com um misto de alívio e espanto.

— Como?! O que está havendo? Quem é você? Cadê meu filho? Eu o quero de volta!

— Como já lhe disse. Isso está sendo um pesadelo para mim. Precisamos encontrar um velho! Um *magô*! Ele vai nos ajudar!

— Como você sabe dele?

— Já lhe disse que já vivi esse momento. Vamos! Sei onde encontrá-lo!

Tristan ficou pensativo por um momento.

— Como posso confiar em você?

Hesitei um pouco, mas disse:

— Porque sei o quanto você ama seu filho e quanto o quer de volta. Vamos para não perdermos tempo. Vamos pegar uns cava... Esqueci. Não tem cavalos. Vamos assim mesmo!

Tristan ficou receoso, mas aceitou vir. Ele arrumou as coisas e partimos.

Depois de um tempo encontramos o velho em sua carroça.

— *Hey, velhote! Revele-se! Sei quem você é! Vamos, Ekinilr! Ou melhor, Merllinhin!*

Ele me olhou espantado e desapareceu.

— *Droga! Ele e seus truques!*

De repente ele surgiu atrás de mim e me apontou uma espada que ficava na ponta de seu *cajado*.

— Quem é você?! O que sabe sobre mim?! — perguntou Merllinhin, em um tom de voz ameaçador.

— Calma! Calma! Não somos seus inimigos. Preciso que me ajude.

— Fale-me! O que sabe sobre mim?

— Sei de tudo! Já vivi esse momento antes! A princípio, vim do futuro. Eu acho! Estou preso nesse pesadelo e só você pode me ajudar.

— É você mesmo?! Merllinhin? — perguntou Tristan se aproximando cautelosamente e confuso.

Merllinhin se afastou e mudou sua forma para outro velho barbudo.

— Sim. Como me encontraram? Quem é esse garoto, Tristan? — perguntou Merllinhin, confuso.

— É meu filho, Landerran. Ele dormiu depois de comer e acordou assim. Não sei o que está acontecendo também. Esperamos que tenha as respostas — disse Tristan, parecendo muito confuso.

— Vamos! Sei que tem um *teleportador*. Nos leve para seu *esconderijo* atrás da cachoeira.

Merllinhin me olhou assustado e:

— Como?! Como sabe disso tudo? Você é uma ameaça!

Ele se afastou de mim.

— Calma, não sou uma ameaça! O que estou lhe dizendo é verdade. Já vivi esse momento. Queria que fosse um pesadelo, mas tudo está parecendo muito real. Ajude-me! — disse, tentando ser o mais sincero possível.

Merllinhin ficou pensativo por alguns instantes.

— Vamos! Se sabe onde fica meu *esconderijo* não tenho porque temê-lo. Se fosse para me matar ou ir até meu *esconderijo*, acho que já teria feito ou ido. Aproximem-se. Não posso fazer isso por muitas vezes.

Merllinhin liberou o cavalo da carroça e nos aproximamos dele.

— E o ouro do baú? — perguntei.

Ele me ignorou, acionou um *controle* e sumimos no ar. Logo em seguida, surgimos no esconderijo dele.

— O que é isso?! Que magia é essa? — perguntou Tristan, confuso.

— Depois te explico tudo meu velho amigo, mas agora preciso entender o que está acontecendo. Seja direto garoto! Como você veio parar nesse tempo já que disse que veio do futuro?

Tristan ficou olhando para todos os lados impressionado com as coisas tecnológicas e eu me sentei.

— Tudo começou quando, no meu tempo, um senhor me mostrou o *Ikihatsunukishi* fincado numa pedra. Era a famosa espada *Excalibur*.

— Não é possível! Continue!

— Ele queria ver se eu era capaz de tirá-la da pedra, mas quando tentei tirá-la vim parar nesse tempo. Não agora, antes. É a segunda vez que estou aqui. Eu consigo usar o *Ikihatsunukishi*.

Tristan me olhava, espantado e confuso.

— De que tempo você veio? — perguntou Merllinhin.

— 2023.

Ele e Tristan me olharam ainda mais surpresos.

— Já fiz experimentos com o tempo, mas nada tão complexo. Pode ser que na sua linha de tempo alguém tenha feito algo para deixar o *Ikihatsunukishi* entrelaçado temporalmente. Difícil tirarmos conclusões exatas. Precisamos do *Ikihatsunukishi*. *Arthur* era o único que conseguia manipulá-la e se o que está dizendo é verdade, você também tem o mesmo poder. O que não entendo é como você tem o mesmo poder. Teria que ser herdeiro de *Arthur*.

— Ele é! Ele é filho de *Arthur*! — disse Tristan, com um olhar triste.

— Compreendo. Agora faz mais sentido — disse Merllinhin, olhando seriamente para Tristan. — Como ele foi parar com você, Tristan? O que houve com *Arthur* e sua família? Como só Mordretted sobreviveu? Eu voltei justamente para investigar sobre isso.

— Desde que você partiu, o *reino* vinha prosperando bem e sem intenções de guerra. O primogênito de *Arthur* cresceu e já em sua adolescência tinha todas as qualidades para ser o sucessor de seu pai, mas sua arrogância e desprezo pelos mais fracos só convenciam o *Rei* a não aceitá-lo como futuro *Rei*. Mordretted passou a odiar o pai por causa disso. *Arthur* teve um segundo filho. Um tempo depois, *Arthur* apareceu morto e *Millani* havia desaparecido com o bebê. Foram ordenadas buscas e um dos *cavaleiros* de *Arthur* foi acusado de traição pela morte do *Rei*. Ele foi enforcado e os outros perderam seus postos de *cavaleiros*, inclusive eu. A maioria resistiu e acabou sofrendo consequências graves, outros fugiram e eu fiquei aceitando a *desonra*, vivendo uma vida de ferreiro onde ninguém me

importunava. Fiquei, não por ser um covarde e sim porque eu havia encontrado a *Rainha*. Ela estava muito ferida e com o bebê de meio ano de vida. Ela me confiou a criança e disse-me para não confiar em ninguém. Disse-me para amá-lo a todo custo. Eu não tinha muita proximidade com a *Rainha*, mas pelo seu olhar de desespero sei que ela tentou de tudo para salvar seu filho. Para provar minha lealdade, me rebaixei a tudo com o intuito de esconder e proteger a criança que me foi confiada.

Fiquei surpreso com as revelações. Então nesse tempo, Mordretted é meu irmão. Agora conseguia compreender ainda mais os sentimentos de Tristan a respeito desse Landerran em que minha mente estava presa.

— Entendi. Mordretted deve ter alguma relação com isso tudo. Muito estranho só ele ter sobrevivido e logo depois ter se tornado *Rei* — disse Merllinhin.

— Uma possibilidade, mas como vamos descobrir o que aconteceu? — perguntou Tristan.

— Vamos lá e arrancar a verdade desse Mordretted, pegar o *Ikihatsunukishi*, salvar o *reino* e tentar resolver meu problema. Não aguento mais tudo isso! — disse, impaciente.

— Vamos com calma. Tem muitas coisas que preciso entender — disse Merllinhin, indo até um armário com uns *equipamentos eletrônicos*.

— Vamos logo! O mais importante no momento é conseguir o *Ikihatsunukishi*. Com ele fico poderoso e podemos resolver tudo o quanto antes.

Merllinhin me olhou estranhamente e pegou algo que parecia uma *bateria* do armário.

— Vou resolver isso e buscar umas respostas! Não devia desperdiçar assim os poucos *saltos entrelaçados* que ainda tenho. Eles demoram muito para carregar e têm um limite e distância. Se não tivesse destruído meu... Esperem aqui! Não mexam em nada! — disse Merllinhin, parecendo preocupado.

— O que vai fazer? — perguntou Tristan.

— Já disse! Fiquem aqui e não mexam em nada.

Ele acionou o *controle eletrônico* que havia trocado a *bateria* e desapareceu.



CAPÍTULO 14

O MAGO TECNOLÓGICO

MERLLINHIN

— MORDRETTEED! — gritei, assim que surgi no salão de planos de guerra.

— Como ousa! Você?! — disse Mordretted, surpreso!

— Como passou pelos *guardas*? — disse Borislan, empunhando sua espada.

— Não é possível, era para você estar morto! Maldito Beofirk! Ele falhou! — disse Mordretted, parecendo confuso.

— Então foi você quem mandou homens atrás de mim, para me matar. O que houve com *Arthur* e *Millani*? Diga-me a verdade!

— Insolente! Renda-se!

— Entregue-me essa coroa! — ordenei, sem muita paciência, mas me aproximando cautelosamente.

— Como ousa! *GUARDASSS*! — gritou Mordretted, furioso.

Vários *guardas* adentraram o salão e se posicionaram imediatamente para me atacar. Uma *maquete* estava armada mostrando planos de invasão e expansão.

— Ele não faria isso! — pensei, indignado.

Rapidamente acionei um dos meus *controles* que fez aparecer uma viseira de proteção nos meus olhos e no meu *cajado*, emanou uma luz muito forte que cegou temporariamente todos. Aproveitei a situação e corri até Mordretted arrancando sua coroa. Acionei meu dispositivo de *salto entrelaçado* para sair rapidamente dali, mas, antes que desaparecesse por completo, senti meu braço sendo cortado. Minha última visão do salão foi de Borislan me golpeando no braço esquerdo.

Voltei para meu *esconderijo*.

— O que houve?! Seu braço... — disse Tristan, assustado.

— Borislan! Aquele mal... — disse, resmungando.

Fui até meu limitado estoque de medicamentos e peguei uma pomada de cicatrização rápida. Limpei meu ferimento e passei a pomada.

— Seu sangue! Roxo?! — disse Landerran, surpreso.

Ignorei o garoto, mas...

— Agora estou me lembrando. No dia em que voltei desse tempo, fomos atacados numa fazenda por Nirhir e seus *guardas*. Você foi ferido mortalmente e se

transformou em uma *criatura* estranha e meio azulada ou verde. Não lembro direito. Queria acreditar que tudo isso é um sonho, mas está parecendo muito real. Preciso entender o que está acontecendo. Pegou o *Ikihatsunukishi*? — perguntou Landerran, triste, inconformado e confuso.

— Como esse garoto conhece minha forma real?! — me perguntei, mentalmente, surpreso. — Garoto! Pegue! — disse, tirando um *cristal* acinzentado da coroa e entregando para Landerran.

O *cristal* que lembrava uma *pedra* imediatamente começou a reagir e se transformou numa espada bem parecida com a *Excalibur* de *Arthur*.

— Isso! Eu sinto o poder! Vamos logo resolver isso. Acabar logo com esse Mordretted!

— Vamos com calma, meu filh... Landerran! Essa parece com a *Excalibur* de *Arthur*, mas mesmo ele com esse poder não conseguiria sozinho vencer um exército sem ter um plano eficaz — disse Tristan, parecendo preocupado.

— Correto! Temos que ter um plano, mas também não podemos esperar muito, porque Mordretted tem planos de expansão que envolve extermínio de inocentes. Ele pretende aniquilar um vilarejo pacífico, só para realizar seus planos de expansão.

— Tem certeza disso?! Como você...

— Quando fui pegar a coroa dele, eu vi em suas *maquetes de guerra*.

Tristan permaneceu quieto e pensativo. O silêncio logo foi interrompido por Landerran que desativava seu *Ikihatsunukishi*, que voltou para a forma de um *cristal* irregular acinzentado.

— Isso tudo está sendo um pesadelo sem fim. Quero que tudo volte a ser como era antes! — disse o garoto, apertando o *cristal* com força.

— Vamos impedir Mordretted de assassinar inocentes. Depois vamos nos concentrar em resolver seu problema, Landerran! — disse, pensando nos projetos de manipulação do tempo que estavam em minha *nave*.

— Então vamos logo! — disse Landerran, confiante.

— Sim, mas antes vamos ver se você tem habilidade para manusear essa *arma* — disse, chamando-os para sair.

— Tudo bem, mas estou com sede! — disse Landerran, desanimando.

— Pegue, garoto! Vamos, porque daqui a algumas horas vai anoitecer!

— Prepare-se.

Logo em seguida, saquei meu *cajado* com ponta de uma espada e ataquei Landerran sem hesitação. Ele imediatamente ativou seu *Ikihatsunukishi* e se

defendeu do meu ataque, mas em uma outra investida eu o derrubei violentamente.

— PARE COM ISSO, VAI MATÁ-LO! — gritou Tristan, correndo para tentar impedir a luta.

Acionei um dos meus *controles* no braço e umas *correntes magnéticas* surgiram e prenderam Tristan às árvores.

Voltei e corri até Landerran para atacá-lo. Ele permaneceu concentrado esperando meu ataque. Investi uns golpes e ele se defendeu meio desajeitado. O garoto correu entre as árvores e de repente, pedras começaram a levitar. Segundos depois, elas dispararam na minha direção.

Com um reflexo rápido levantei um escudo de força que me protegeu de todas elas. Era só uma carga. Ele resolveu vir para cima de mim e me atacar. Parecia mais confiante. Eu fui para cima dele e o ataquei mais violentamente. Landerran, sem jeito, defendeu-se de alguns, mas o chute que dei no meio do seu peito o fez voar longe. Ele caiu sem fôlego. Com muito esforço tentou se manter de pé.

— Esse é todo seu poder? É um fraco! Nunca será tão forte quanto seu pai, *Arthur*!

O garoto me olhou com fúria.

— Meu pai se chama Ethan!

Pedras começaram a levitar em grande número. Eu não ia conseguir me defender de todas elas. Seu *Ikihatsunukishi* começou a brilhar intensamente e se transformou. Ficou maior e com três lâminas. Ele conseguiu subir de nível e transformar seu *Ikihatsunukishi* na *segunda* forma igual a *Arthur*. Parecia que ele tinha muito mais poder.

— JÁ CHEGA! JÁ VI O QUE PRECISAVA VER — gritei, nervoso.

Ele pareceu não me escutar. Rapidamente acionei os *controles* das *correntes magnéticas* e com elas arranquei o *Ikihatsunukishi* das mãos de Landerran. Quase não consegui, mas por muita sorte...

— Acalme-se! Você tem o poder que precisamos para enfrentar Mordretted, mesmo assim precisaremos de um plano!

Landerran ficou em silêncio por um tempo olhando para mim.

— Estou cansado e com muita fome.

— Compreendo. Você usou muita energia! Vamos voltar.

Tristan se aproximou da gente, parecendo irritado.

— Vocês quase se mataram! Que poder incrível, meu filh...

Landerran o ignorou parecendo estar tonto. Ele cambaleou e desmaiou. Tristan foi ágil e o segurou.

—Vamos voltar. Logo vai anoitecer.

Chegamos ao meu *esconderijo*. Injetei em Landerran um medicamento para ele poder recuperar as energias mais rapidamente. O garoto continuou desmaiado, parecendo preso num sonho que o impedia de acordar.

— O que vamos fazer? — perguntou Tristan, confuso.

— Pegue! Alimente-se! Vai descansar!

Ele sentou-se e foi comer como se não alimentasse há dias. Eu fui analisar uns dados.

— Pode me explicar agora! O que é tudo isso? — perguntou-me, depois de um tempo.

Não podia ser totalmente sincero, mas pensei um pouco.

— Não sou desse planeta.

— Hã?! O que é planeta?

Havia esquecido por um momento sobre a limitação de conhecimentos dos seres humanos.

— Esse planeta! Lugar onde todos vivem. Existem diversos parecidos pelo Universo. Esse, como outros planetas não habitáveis desse sistema, orbitam o sol que você vê todos os dias. Cada estrela que você vê no céu é um sol, que tem vários planetas na sua órbita. Assim como esse planeta, existem muitos outros com vida inferior e superior a daqui. Eu sou exemplo de uma vida superior à de vocês. Meu planeta era Noohtoro, mas foi destruído pelo...

— Então você é um *alienígena*! Isso explica muita coisa! — disse Landerran me interrompendo.

— Desde quando está acordado?! — perguntei.

— Vamos logo atrás de Mordretted! Vamos resolver logo o que é preciso! Quero voltar para casa! — disse Landerran, sem me responder.

— Vamos com calma. Pensei num plano e amanhã partiremos para o castelo.

— Qual plano? — perguntou Tristan, confuso.

Olhei para ele que parecia não ter entendido nada do que havia sido dito antes.

— Vamos acessar o castelo por uma passagem secreta e chegar até Mordretted sem precisar passar por tantos *guardas*. Pegaremos ele de surpresa.

— Acho que sei quais são essas passagens secretas — disse Landerran.

— Como sabe?! — perguntei, tentando entender o quanto que ele sabia.

— Como disse, já vivi esse tempo, mas parece que as coisas tomaram um novo rumo. Da primeira vez, eu e Tristan havíamos sido capturados. Você que surgiu de repente e nos salvou. Você usou essas passagens secretas para nos tirar da prisão.

— Compreendo. Ainda preciso entender melhor essa sua viagem no tempo. A sua presença aqui está criando uma linha de tempo alternativa. Isso pode afetar drasticamente seu futuro! Pode ter consequências desastrosas!

— Desde quando voltei, tudo está sendo desastroso. Um pesadelo sem fim, mas agora que você disse isso estou compreendendo algumas coisas. Eu vim e quando voltei para meu tempo as coisas não eram mais as mesmas de quando vim para cá. A minha primeira vinda para esse tempo fez com que meu futuro fosse alterado. Estando aqui pela segunda vez, pode ser que mude novamente meu futuro — disse Landerran, com um olhar assustado.

— Pelo que você disse, realmente, seu futuro está sendo reescrito. Temos que ter cautela nas ações e evitar que aconteça algo contigo que possa mudar seu futuro de uma forma desastrosa ou até mesmo impedir sua existência por lá. Se você morrer aqui, pode ser que não exista no futuro.

Landerran me olhou ainda mais assustado e permaneceu quieto. Precisava ser cauteloso, não só porque ele podia afetar seu futuro, como podia estar afetando o meu também. Eu tinha que evitar o pior!

— Vamos com calma! Preciso que me diga tudo o que aconteceu da primeira vez que veio para esse tempo!



CAPÍTULO 15

O PASSADO DISTORCIDO

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN

— Sim, só não sei se lembro de todos os detalhes — disse Landerran, tentando se lembrar de tudo.

— Tudo bem! Diga-me o que puder! — disse Merllinhin.

— Isso tudo é muito confuso! — disse Tristan, perdido na conversa.

Landerran e Merllinhin olharam para ele, mas não lhe deram atenção.

— Vamos lá! Do tempo que vim, um senhor, *chefe dos empregados*, Sr. George, me levou até o *Ikihatsunukishi*, que parece um pouco diferente na minha mão quando o ativo. Ele estava fincado numa pedra. O Sr. George me desafiou a tirá-la e quando tentei o *Ikihatsunukishi* levou minha mente para esse corpo aqui, que vocês chamam de Landerran.

— Tudo bem, mas diga-me tudo a partir do momento que chegou aqui — disse Merllinhin, impaciente.

— Sim! Assim que vim parar nesse tempo, surgi num celeiro onde estava Tristan.

Tristan olhou fixamente para Landerran e continuou em silêncio.

— Da primeira vez, estava confuso sem entender o que acontecia. Até tentei fugir, desesperado, do local, mas Tristan me levou de volta. Logo depois, uns *guardas* surgiram cobrando impostos. Sendo ágil com as palavras, consegui nos livrar de problemas. Tristan disse que conhecia alguém que podia me ajudar e assim começamos a busca por essa pessoa, que, no final, descobrimos que era você.

Merllinhin estava pensativo e perguntou:

— Como me encontraram da primeira vez?

— Foi como dessa vez. Você estava numa carroça, disfarçado e não se identificou da primeira vez. Você aceitou nos ajudar e levar para *Cihanloft*, sendo que no caminho fomos surpreendidos por saqueadores. Você fugiu no início, mas logo retornou mostrando seus *truques* e nos livrando deles. Acho que depois disso, *guardas* do *Rei* nos capturaram e dessa vez você fugiu nos abandonando.

Landerran lançou um olhar para Merllinhin.

— Levaram Tristan e a mim para *Cihanloft* e nos prenderam. Foi nessa hora que encontrei uma menina muito parecida...

Ele parou de falar e ficou pensativo.

— Continue! — disse Merllinhin.

Landerran demorou uns segundos para voltar a falar.

— Você surgiu explodindo tudo e nos resgatou. Fugimos pelas passagens secretas e saímos à beira de um riacho. Depois disso acordei com muita dor de cabeça e preso em um calabouço. Mordretted e Borislán me interrogaram e me torturaram. Quando estava desistindo de tudo e me convencendo de que não estava num sonho, Tristan surgiu disfarçado de *guarda* e me resgatou. Mesmo assim nos pegaram e nos levaram para a força e você surgiu mais uma vez do nada e nos salvou.

Landerran parou de falar.

— Continue! — disse Merllinhin.

— Depois disso não me lembro direito. Acho que acordei aqui e você me entregou o *Ikihatsunukishi*. Saímos e lutamos. Assim que aprendi a ativar o *Ikihatsunukishi*. Foi decidido que iríamos até *Cihanloft* para salvar o *reino* da tirania de Mordretted, mas Nirhir surgiu com muitos *guardas*. Lutamos, mas como não tinha experiência de luta com o *Ikihatsunukishi* não pude ajudar muito e Tristan...

— O que houve?! — perguntou Merllinhin.

Landerran olhou para Tristan.

— Ele foi ferido mortalmente — disse Landerran, abaixando a cabeça e com um olhar decepcionado consigo mesmo.

Tristan ficou sem reação. Merllinhin hesitou por uns segundos, contudo:

— Continue. O que houve depois?!

— Não me lembro direito. Sei que o *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação e depois disso acordei novamente aqui. *Guardas* estavam por todo lado, você me entregou o *crystal* que parecia uma *pedra* brilhante e saímos pelo seu *teletransportador*.

— *Saltador entrelaçado*! — disse Merllinhin, interrompendo Landerran.

— Não conseguimos ir para muito longe, só para o lado de fora. Sei que ativei o *Ikihatsunukishi* e destruí tudo por aqui e detivemos os *guardas*. Você disse que não podia teletransportar mais e usamos uns *discos de levitação* e seguimos para o castelo. Chegando, tivemos uma luta intensa. Estávamos na vantagem, quando Abigail...

— Quem é Abigail? — perguntou Merllinhin.

Landerran demorou para responder.

— Não me lembro direito, mas acho que o *Ikihatsunukishi* sofreu uma nova transformação e depois disso apaguei. Acordei numa fazenda onde depois uma família foi assassinada pelos *guardas* a comando de Nirhir. Borislán estava lá também e nos ajudando, mas fomos atacados. Quando ia ser atingido, um clarão me cegou e acordei na minha cama, no meu tempo, mas as coisas não eram mais as mesmas. Algumas coisas estavam mudadas, mas o *Ikihatsunukishi* estava no mesmo lugar, fincado numa pedra. Toquei nele e vim parar aqui novamente. Vi que estava tudo se repetindo e seguimos direto ao seu encontro. Depois que nos encontramos, as coisas têm acontecido de forma diferente.

— Compreendo! — disse Merllinhin, pensativo.

— Eu não entendi nada, só a parte em que fui ferido mortalmente. Quem me feriu? Diga-me! — disse Tristan, nervoso.

— Acalme-se, meu amigo! A presença dele aqui pela segunda vez alterou as coisas. Tudo que ele disse pode não acontecer. Vamos ser cautelosos e evitar que a história ruim se repita. Sendo que, Landerran, o que acontecer daqui em diante, vai afetar seu futuro drasticamente, mas como já disse, vamos evitar que o pior aconteça e que sua existência no futuro seja comprometida. O ideal seria mantê-lo em segurança, mas precisaremos do seu poder, garoto! Vão descansar. Partiremos amanhã para *Cihanloft*.

Landerran e Tristan não questionaram e permaneceram quietos. Merllinhin ficou analisando uns dados e mexendo em uns *equipamentos eletrônicos* e Tristan pegou no sono pouco tempo depois.

— Vai dormir — disse Merllinhin para Landerran.

— Você não dorme? — perguntou Landerran.

— Posso ficar acordado por dias.

— Isso é tudo muito louco. Estou conversando com um *alienígena*. Nunca pensei que isso ia acontecer comigo, ainda mais no passado.

— Nem eu imaginava que ia me deparar com um viajante do tempo — disse Merllinhin, concentrado no *equipamento eletrônico* em que mexia.

— Incrível! Como chegou aqui? Cadê sua *nave*?

Merllinhin hesitou por um instante em responder.

— Está na lua desse planeta. Não podia arriscar pousar com ela aqui e os seres com raciocínio inferior a verem. Vim para cá com esse *equipamento de salto entrelaçado* que estou mexendo, mas acabei ficando preso aqui.

— Legal, mas ficou preso como? Por que não o usa para voltar para sua *nave*?

— Ele foi danificado e com isso não consigo fazer *saltos* de longa distância. Um componente foi danificado e não consegui material neste planeta para repará-lo.

— Entendi. Isso deve ser decepcionante.

— Sim. No início, foi mesmo, mas acabei me afeiçoando aos humanos.

— Interessante, mas como danificou esse *equipamento de salto entrelaçado*?

— Foi seu pai que o danificou!

— Hã?! Pai?!

— Sim, *Arthur*! — disse Merllinhin, rindo. — Quando eu o encontrei pela primeira vez, acabamos entrando em confronto. Ele possuía o *Ikihatsunukishi*, que chamava de *Excalibur*. Ele quase me matou, mas, por fim, conseguimos nos entender. Foi nesse confronto que ele acertou o *equipamento*, danificando-o.

— Compreendo. Você tinha que ter algum *dispositivo* que pudesse controlar sua *nave* à distância e fazê-la pousar aqui.

— Você está certo. Eu pensei nisso só depois. Nem parece que sou mais evoluído do que vocês! — disse Merllinhin, rindo.

Eles ficaram em silêncio por um tempo.

— O que você veio fazer aqui nesse planeta? — perguntou Landerran, curioso.

— Detectei uma assinatura bem fraca da energia que transmite as Enerkry.

— Ener... o que?

— Enerkry. *Cristais* especiais. O mesmo que forma o *Ikihatsunukishi*.

Landerran ficou pensativo e:

— O que isso quer dizer?

— Tem coisas que ainda estou tentando entender. Rastreei o sinal que me levou até *Arthur*. Confirmei depois que vinha do *Ikihatsunukishi* dele, o qual ele chamava de *Excalibur*. O estranho era que o *cristal* não estava em sua forma natural. Ele estava trabalhado. Por isso que ele se transforma nessa *arma*. Tentei entender como isso veio parar aqui, mas até agora não consegui descobrir. E o mais incompreensível é que isso é uma *tecnologia* que ainda estávamos desenvolvendo em nosso planeta refúgio. Meu *cajado* tem o poder da Enerkry, mas com uma *tecnologia* bem inferior. Ele não se transforma como o seu *Ikihatsunukishi*. A Enerkry parecia ser a única coisa que poderia ser usada para enfrentar os...

Merllinhin percebeu que Landerran havia dormido. Ele não se importou e continuou com seu trabalho, virando a noite.

— Acorde! — disse Merllinhin para Tristan.

— O que houve?! — perguntou Tristan, assustado.

— Chegou a hora. Vamos para *Cihanloft*. Pegue! Alimente-se! — disse Merllinhin, indo acordar Landerran.

Antes que se aproximasse do garoto.

— NÃOOOO! — gritava Landerran, apavorado.

— Acalme-se! Está tudo bem!

— Hã?! Você! Pesadelo dentro de pesadelo! Quero que isso acabe! — disse Landerran, parecendo desesperado.

— Acalme-se! Vou encontrar um jeito de ajudá-lo, mas antes vamos para *Cihanloft* e evitar que inocentes morram.

Landerran acalmou-se e levantou. Pegou o *cristal* acinzentado.

— Vamos, antes que eu fique totalmente louco nesse lugar!

— Pegue! — disse Merllinhin, entregando uma espada para Tristan.

Ele se lembrou dos velhos tempos e fez pequenos movimentos com a espada tentando recordar de suas habilidades.

— Vamos! Temos como *saltar* até o castelo como fiz para ir buscar o *Ikihatsunukishi*, mas não tem muita energia para irmos e voltarmos, então vamos com os *discos de levitação* e se precisarmos fugir usaremos o *salto*.

— Por mim, tudo bem — disse Landerran, confiante.

Tristan sem ter entendido nada, acenou com a cabeça confirmando que estava pronto.

— Mas antes, não teria nada para comer? — perguntou Landerran, com um olhar faminto.

— Já ia me esquecendo! Pegue! Alimente-se e vamos! — disse Merllinhin, entregando algo para Landerran comer.

Ele comeu depressa e, logo em seguida, eles saíram. Merllinhin, por um *controle remoto*, chamou os *discos de levitação*. Landerran e Merllinhin subiram, confiantes. Tristan ficou olhando assustado e subiu nos *discos de levitação* com cautela. Eles levantaram voo em alta velocidade e partiram. Tristan parecia que ia cair, mas os discos agiram para mantê-lo equilibrado. Os *discos de levitação* acionaram a camuflagem.

Depois de um tempo eles chegaram a *Cihanloft* e pousaram à beira de um riacho.

— Foi aqui que chegamos quando você nos resgatou. Daqui que sofri um apagão e acordei preso em um calabouço — disse Landerran, olhando para Merllinhin.

Merllinhin ia dizer algo, mas permaneceu quieto.

— Como vamos entrar no castelo? — perguntou Tristan.

— Por aqui! Sigam-me! — disse Merllinhin.

Ele, com o poder do *cajado*, empurrou uma enorme pedra que revelou uma passagem secreta.

— Vamos por aqui!

Merllinhin iluminou o caminho com seu *cajado*.

— Você é cheio de *truques* mesmo. Realmente. Você não é desse planeta — disse Landerran.

— Não entendi. O que quer dizer?! Então você é um demônio que veio do inferno? — perguntou Tristan, confuso.

Landerran e Merllinhin trocaram olhares impacientes e ignoraram Tristan. Logo eles depararam com dois caminhos.

— Por aqui — disse Merllinhin.

Landerran o seguiu. Tristan ficou parado pensativo olhando para o outro caminho.

— O que houve meu amigo?! — perguntou Merllinhin.

Tristan demorou uns segundos para responder.

— Nada! — respondeu ele, com o pensamento longe.

Eles seguiram e saíram a *leste* da cidade, perto do castelo.

— Por aqui. Tem poucos *guardas* por esse caminho — disse Merllinhin, confiante.

Quando ele virou à esquerda, foi surpreendido por dois *guardas*. Merllinhin foi atacado e quase se feriu. Tristan avançou para ajudá-lo, mas, de repente, duas pequenas pedras atravessaram o corpo dos *guardas* como se fossem papel. Tristan e Merllinhin olharam para Landerran que estava com o *Ikihatsunukishi* ativado.

— Vocês são muito devagar — disse Landerran, com um sorriso confiante.

Tristan e Merllinhin trocaram olhares.

— Vamos! É por aqui! — disse Merllinhin, apontando para uma escada.

Quando eles iam subir Landerran viu uma menina que os seguiu com o olhar.

— ABIGAIL! — gritou Landerran.

Tristan e Merllinhin pararam.

— Vamos, garoto! Não podemos parar! — disse Merllinhin, preocupado.

A menina correu e Landerran foi atrás. Ele apontou seu *Ikihatsunukishi* para ela e fez uma muralha de pedra cercá-la. Landerran se aproximou dela.

— Abigail! Não fuja de mim. Não vou lhe fazer mal.

— Deixe-me ir! Não sou quem você chama! — disse a menina, amedrontada.

Landerran se aproximou com calma e pegou na mão dela.

— Não tenha medo! Vou te proteger. Venha comigo! Vou libertar esse lugar da tirania de Mordretted.

Ela olhou para ele surpresa e deixou que Landerran a guiasse.

— Meu nome é Cateline.

Landerran respondeu com um sorriso. Eles subiram e depararam com Mordretted a sós.

— Acharam que chegaram até aqui sem serem vistos? — disse Mordretted, rindo.

— Desista dos seus planos! Não permitiremos que mate inocentes! — disse Merllinhin.

— Sabia que nos veríamos logo! Seu *magô* maldito!

Landerran foi à frente.

— Desista! Só vou falar uma vez! — disse Landerran, apontando seu *Ikihatsunukishi* para Mordretted.

Pequenas pedras começaram a se desprender do chão e levitaram.

— Então você também é um *magô* — disse Mordretted, rindo e parecendo confiante.

— Pai?! — disse Cateline, sendo puxada por Borislán.

Landerran olhou para trás, surpreso. As pedras, que estavam levitando, caíram. Mordretted acenou com o braço e diversos *guardas* adentraram o local, acompanhados de Nirhir e Beofirk. Landerran e os outros ficaram cercados. Mordretted, com o olhar confiante e maligno apontou sua espada para Landerran:

— Eu que vou dizer só uma vez. Rendam-se ou morram!



CAPÍTULO 16

O CONFRONTO

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN MORDRETTED BORISLAN

— Eu disse que não ia repetir! Matem-nos! — ordenou Mordretted.

Merllinhin rapidamente lançou uma bomba de fumaça que ofuscou a visão de todos. Landerran aproveitou a situação e, com o poder de seu *Ikihatsunukishi*, arrancou pedras que formavam o castelo e acertou o máximo de *guardas* que podia ver. Quando menos esperava ele foi atingido no braço por uma flecha.

A neblina já estava se dissipando, quando Merllinhin puxou Tristan pelo braço e se aproximou de Landerran que estava ferido. Ele acionou o *dispositivo* no braço para dar um *salto entrelaçado*, sendo que teve que defender o garoto de levar um ataque e ergueu seu *cajado*, mas, do outro lado, veio um ataque muito rápido e só deu tempo dele se defender com o braço onde estava o *controle eletrônico* que ele tinha acionado o *salto*. Eles foram sugados e desapareceram.

— Maldição! Atingiram-me! Quase nos matei! — disse Merllinhin, olhando para a multidão, que estava assustada.

— O que houve?! — perguntou Landerran, tentando tirar a flecha do braço.

Tristan se aproximou dele e o ajudou a tirar a flecha.

— Estamos no meio da cidade — disse Tristan, olhando para o castelo que estava bem próximo.

— Vamos sair daqui! Não temos chances. Erro estúpido meu, achar que tínhamos alguma chance. Confiei demais em...

— NÃOOOO! — gritou Landerran. — Não chegamos até aqui para fugirmos.

Ele com o braço esquerdo sangrando, tentou ignorar a dor e seguiu de volta para o castelo.

— Volte aqui! — ordenou Merllinhin.

— Vamos com ele! — disse Tristan, indo atrás de Landerran.

Merllinhin sem alternativas, foi com eles. Logo diversos *guardas* apareceram e se puseram a postos. Beofirk e Borislan se posicionaram junto aos *guardas*.

— Desistam! Vocês não têm para onde fugir! — ordenou Borislan.

Landerran começou a caminhar na direção deles.

— Mais um passo e irá morrer — disse Beofirk, com um olhar sério.

Landerran parou e fechou os olhos.

— Não me subestimem!

Ele começou a emanar uma forte energia que fez pedras levitarem por todos os lados. Seu *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação e ficou maior e mais poderoso com três lâminas. Só com o olhar ele direcionou as pedras para os *guardas*, acertando-os violentamente em alta velocidade. Em segundos todos estavam no chão.

Landerran cercou Beofirk e Borislan com pedras flutuantes prontas para atravessarem seus corpos como se fossem papel.

— Saiam da minha frente, e eu poupo a vida de vocês! — ordenou Landerran, com um olhar furioso.

— PARADO! — gritou Mordretted, se aproximando.

Landerran hesitou por um momento.

— ABIGAILLLL! SOLTE-A! AGORAAAA! — gritou Landerran, nervoso.

Mordretted estava com sua espada no pescoço de Cateline.

— O que está fazendo, meu *Rei*? *Vossa Majestade* pode feri-la! — disse Borislan, surpreso com atitude de Mordretted.

— SOLTE-AAAA! — gritou Landerran, muito furioso.

— Então você tem uma afinidade com ela. Só não entendo como isso começou! Não me lembro de ver você por aqui e muito menos falando com ela — disse Mordretted, com tom esnobe.

Landerran deu uns passos até Mordretted.

— *Hey!* Pare! Mais um passo e a mato!

Ele parou e tentou pensar em um plano com a qual pudesse salvar a garota sem machucá-la.

— *Majestade!* O que está fazendo? — perguntou Borislan, insatisfeito.

— Afaste-se, Borislan!

Beofirk entrou na frente.

— Para trás, irmão! Nosso *Rei* sabe o que está fazendo. Não duvide de suas atitudes!

— Beofirk, olhe o que ele está fazendo com sua sobrinha! Eu também jurei servi-lo, mas não permitirei que machuque minha filha!

— Borislan! Você tem me servido muito bem até agora, mas eu devia tê-lo castigado pelos crimes cometidos por sua filha! — disse Mordretted, impaciente.

— O que está dizendo? — perguntou Borislan, surpreso.

— Sua filha tem me roubado para dar aos pobres. Um crime imperdoável. Só não tomei uma atitude antes, porque tem me sido útil. Até agora!

— Perdoe-me, *Majestade*, mas não permitirei! — disse Borislan, partindo para o ataque.

Beofirk se preparou para enfrentar o irmão, mas uma flecha atingiu o pescoço de Borislan. Beofirk procurou por todos os lados para saber de onde veio a flecha e de uma torre à sua esquerda ele viu Nirhir segurando um arco e preparando outra. Todos olharam para Nirhir que preparou o ataque, mas não lançou.

— NÃOOOOOOO! PAIIIII! — gritou Cateline, chorando.

Beofirk viu seu irmão cair de joelhos com a mão no pescoço que não parava de jorrar sangue. Borislan tentou dizer algo, mas sua voz não saiu. Antes que seu rosto tocasse o chão ele já estava inconsciente. Beofirk ficou sem reação.

— Não estou mais com paciência! — disse Mordretted, passando a lâmina afiada de sua espada no pescoço de Cateline.

— MALDITOOOOOO! — gritou Landerran, correndo na direção de Mordretted.

O garoto foi atingido por uma flecha na perna e parou. Mais *guardas* se aproximaram e começaram a cercar Mordretted. Landerran tentou se levantar, quando Tristan surgiu na sua frente. Ele deu um sorriso.

— Meu filh... parece que as coisas... não... saíram como plane... jado. Queria... poder ter uma... outra chance... de fazer... as coisas... de forma... diferente — disse Tristan, caindo na frente de Landerran com várias flechas nas costas.

— NÃOOOOO!

Landerran viu que havia mais *guardas* no alto do castelo com arcos e flechas apontados para ele.

— Garoto! Desculpe-me, mas acho que é o fim! Se eu tivess...

Merllinhin parou de falar e caiu na frente de Landerran, também com várias flechas nas costas e jorrando sangue roxo.

Landerran olhou para alto e viu várias flechas vindo em sua direção. Ele inconscientemente apontou seu *Ikihatsunukishi* para elas e fechou os olhos. De repente ele viu que um tornado de pedras estava ao seu redor. O tornado impediu as flechas de o atingirem. Passou pela sua cabeça novamente a visão de Mordretted cortando o pescoço de Cateline e, com isso, seu *Ikihatsunukishi* sofreu uma *terceira* transformação. Ficou bem maior e poderoso. Ele apontou seu *Ikihatsunukishi* para o castelo e o tornado ficou mais forte, devastando tudo que tinha pela frente. Landerran começou a ficar tonto, sua visão começou a ficar turva e...



CAPÍTULO 17

LOOP

LANDO

— Hã?! O que houve?! — disse, confuso.

Estava deitado em algo macio e quente. Me levantei.

— Meu *dormitório*?! Será que voltei?! Será que estou preso num sonho dentro de um sonho?!

Diversas perguntas me vieram à mente. Preocupado, imediatamente me ajeitei e saí. Fui para a cozinha e no caminho olhei meu *Tab P* e minha *AI* fez uma busca.

— *Contato não encontrado*.

— Será?! — pensei, sem acreditar no que estava acontecendo.

Não achei o contato da Abigail. Entrei na cozinha e vi minha mãe na correria. Nem cheguei perto. Olhei para o lugar onde me lembrei de ter pegado uns petiscos na bandeja. Para minha surpresa não tinha nada no local.

— As coisas estão diferentes! — pensei, confuso.

Quando ia sair, vi um dos cozinheiros deixando a bandeja com os petiscos no local onde havia pegado da última vez em que estive aqui.

— Não acredito! — pensei, totalmente confuso.

Logo me toquei que estava um pouco adiantado em relação à última vez que estive por aqui. Lembrei-me que da primeira vez, permaneci mais tempo no *dormitório*. Saí da cozinha e fui direto para o *dormitório* do Sr. George... Sr. Joseph. Era uma coisa que precisava entender.

— Em que tempo eu estou? — pensei, totalmente confuso.

Antes de chegar ao *dormitório* do *supervisor*, parei no local exatamente onde encontrei meu pai. Esperei e ele não apareceu. Óbvio, porque estava adiantado nos acontecimentos. Ia esperar por ele para saber se a minha teoria sobre o que estava acontecendo estaria correta, mas resolvi seguir caminho.

Chegando ao *dormitório* do *supervisor-geral*, toquei a campainha. Ninguém atendeu. Tentei por várias vezes e nada. Sentei de costas para a porta e fiquei pensando em várias coisas por um tempo. Quando decidi me levantar para ir embora alguém surgiu do nada.

— O que faz aqui, meu jovem?

— Sr. Joseph! — disse, desanimado e confirmando minha teoria.

— Sim! O que faz aqui?! Precisando de algo?

— Vamos direto ao assunto! Sei de tudo! Que eu sou o herdeiro da *Excalibur* e posso usá-la. Ela se encontra no porão sombrio abaixo do seu *dormitório*.

O Sr. Joseph me olhou, assustado.

— Como você sabe disse tudo? DIGA-ME! QUEM LHE DEU ESSAS INFORMAÇÕES?

— Sei de tudo, porque já vivi esse momento. Minha mente vem viajado no tempo e parece que estou preso em um *loop*.

Sr. Joseph me olhou como se eu fosse algo aterrorizante.

— Acompanhe-me — disse ele, entrando em seu *dormitório*.

— O *Ikihatsunukishi*! A *Excalibur*! Ela que me leva para o passado!

— Inacreditável! Por que isso está acontecendo? — perguntou o Sr. Joseph, para si mesmo em voz baixa.

— É uma pergunta que me venho fazendo desde que isso começou. No início achei que poderia ser um sonho, mas cheguei à conclusão de que isso tudo é muito real.

— Impossível! Eu guardo esse lugar há anos. A missão vem sendo passada de geração para geração por séculos, esperando que alguém da família nobre dos *Rikarggan* tivesse um herdeiro que pudesse tirar a *Excalibur* da pedra. Como você, filho dos empregados, pode ser o herdeiro?!

— Também não sei! Só sei que consigo usar o poder da *Excalibur*.

O Sr. Joseph me olhou, parecendo não acreditar no que falei.

— Venha comigo! — disse ele, abrindo a porta para descer ao calabouço.

Eu o acompanhei e chegamos até a pedra onde estava o *Ikihatsunukishi*.

— Ele está aqui há séculos. De tempos em tempos, trazemos o herdeiro da família aqui para ver se ele é o escolhido. Até hoje nenhum deles conseguiu. Os próximos que ia trazer aqui seriam os filhos do Sr. Benjamin.

— O senhor já me disse isso!

— Como?!

— O senhor já havia me dito na primeira vez que... Ah! Deixa! Diga-me, quem são os filhos desse Sr. Benjamin?

Sr. Joseph ficou quieto por uns segundos. Quando eu ia dizer algo ele respondeu.

— Julius e Elizabeth.

Fiquei pensativo. Abigail não saía da minha cabeça. Queria ter minha vida de volta, contudo precisava fazer algo para ter total certeza do que estava acontecendo e tentar descobrir o porquê..

— Vamos! Vou entrar em contato com umas pessoas que talvez possam ajudar a entender essa situação.

— Desculpe-me, Sr. Joseph! Preciso entender melhor o que está acontecendo — disse, indo até o *Ikihatsunukishi* fincado na pedra.

Assim que o toquei, minha visão ficou embaçada e...



CAPÍTULO 18

PASSADO INTERMINÁVEL

LANDERRAN

— O QUÊ?! VOLTEI?!

— O que houve, Landerran? Voltou o quê?!

— Hã?! Então é isso!

— O que houve?! Teve um pesadelo?

— Não! Vamos, Tristan! Precisamos encontrar Merllinhin.

— Do que você está falando?! Como conhece Merllinhin?

Ainda estava com a visão meio turva, mas logo foi voltando.

— Vamos! Antes que os *guardas* cheguem.

— Que *guardas*? Do que está falando? O que está acontecendo?

— Que *droga*, Tristan! Vamos logo! Não temos tempo!

— Quem é você? Devolva meu filho!

Fiquei pensando em algo para convencê-lo enquanto ele não parava de me questionar sobre o que acontecia. Depois de um tempo, ouvi gritos e choro.

— Maldição, chegaram!

— Quem?! — perguntou Tristan, parecendo confuso.

Bateram na porta violentamente. Eu abri.

— Sai da frente, garoto! Seu velho inútil! Impostos, AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada e me empurrando.

— Está aqui! Pegue.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem rendido muito e os impostos vêm sendo recolhidos com mais frequência — disse Tristan me olhando com o mesmo olhar assustado da última vez.

— Está questionando as ordens do *Rei*, seu velho inútil? Segurem-no.

Outros *guardas* o seguraram. Eu fiquei tranquilo, esperando acontecer, mas antecipei.

— Espere! Não precisa cortar o braço dele. Vamos lhe pagar na próxima vez que vierem. Pagaremos o que faltou e daremos um extra para cada um dos senhores como um agrado pelo *transtorno* que causamos hoje — disse, com total confiança.

O *guarda* olhou para os outros.

— Você parece *forasteiro* falando assim, mas isso é estranho, pois já te vi várias vezes.

O *guarda* ficou olhando para mim suspeitando de algo.

— Que garantia nos darão de pagamento?

— Poderão arrancar nossos dois braços.

O *guarda* ordenou que soltassem Tristan e apontou sua espada para meu rosto.

— Não me lembro de você ser tão *audacioso*. Se não cumprir o que falou, vou arrancar mais do que seus braços.

Os *guardas* saíram, mas um deles voltou.

— Espere! Como você sabia que eu ia cortar o braço dele? — perguntou o *guarda*, confuso e suspeitando de mim.

Fiquei sem reação com a pergunta dele. Percebi que havia falado demais, mas...

— Foi só um *palpite* — disse, torcendo para o *guarda* não questionar.

Ele me olhou nos olhos por uns segundos e foi embora.

— Como?! O que está havendo? Quem é você? Cadê meu filho? Eu o quero de volta! — disse Tristan, assustado.

— Calma! Você terá seu filho de volta, mas antes precisamos encontrar Merllinhin. Vamos! Sei onde encontrá-lo!

— Como você sabe dele?

— Já lhe disse que já vivi esse momento. Vamos! Não podemos perder tempo!

Tristan ficou pensativo por um momento.

— Como posso confiar em você?

Sem pensar muito respondi:

— Porque sei o quanto você ama seu filho e que vai querer ele de volta. Vamos!

Tristan ficou receoso, mas aceitou vir. Ele arrumou as coisas e partimos.

Depois de um pouco mais de uma hora encontramos Merllinhin disfarçado em sua carroça.

— *Hey*, Merllinhin. Revele-se! Não temos muito tempo. Precisamos de você.

Ele me olhou espantado e desapareceu. Já esperando que ele fosse aparecer atrás de mim, aguardei.

De repente, ele surgiu como esperado e apontou uma espada que ficava na ponta de seu *cajado*.

— Quem é você?! O que sabe sobre mim?! — perguntou Merllinhin, em um tom de voz ameaçador.

— Não somos seus inimigos. Preciso que me ajude.

— Fale-me! O que sabe sobre mim?

— Sei de tudo! Já vivi esse momento antes. Vim do futuro. Vamos para seu *esconderijo*. Lá decidiremos o que fazer

— É você mesmo?! Merllinhin? — perguntou Tristan se aproximando cautelosamente e confuso.

Merllinhin se afastou e mudou sua forma para outro velho barbudo.

— Sim. Como me encontraram? Quem é esse garoto, Tristan? Como sabem do meu *esconderijo*? — perguntou Merllinhin, parecendo confuso.

— Já lhe disse. Vim do futuro e já vivi esse momento. Essa é a *terceira* vez — disse, interrompendo Tristan, que ia dizer algo.

— Como isso é possível?! — perguntou Merllinhin, para si mesmo.

— Estou me fazendo essa pergunta até agora! Vamos! Use seu *equipamento* para *saltos entrelaçados* e nos leve para seu *esconderijo*.

— Como?! Como sabe disso tudo? Você é uma ameaça!

Abaixei a cabeça impaciente. Levantei e respondi:

— Sei que não é desse planeta. Você mesmo que me disse da última vez.

Merllinhin me olhou assustado e perguntou:

— *Terceira*?! Essa é *terceira* vez que você vive esse momento?

— Exatamente! E o mais estranho é que estou preso em um *loop*. Da primeira vez que voltei para meu tempo, acordei em um lugar diferente de que quando vim para cá. Na verdade, em parte, as coisas eram as mesmas, como a existência dos meus pais, mas muitas outras pessoas não existiam e algumas outras situações estavam diferentes. Achei que eram consequências da minha *primeira* vinda para cá, contudo, vim parar no passado de novo da mesma forma e vivi tudo novamente da *segunda* vez, mas de uma forma diferente e, por fim, fui mandado de volta para meu tempo. Achei que tinha voltado para meu tempo de origem, mas retornei para o mesmo tempo que havia voltado da *segunda* vez. Com meus pais, mas com as mesmas situações da *segunda* vez. Voltei duas vezes para meu tempo, mas diferente do meu tempo de origem. Tudo está muito confuso ainda, mas já consegui compreender algumas coisas. Preciso de sua ajuda. Vamos logo para seu *esconderijo*.

Tristan me olhava assustado e surpreso. Merllinhin se aproximou ainda mais de mim.

— Fascinante isso! Preciso estudar sua situação, mas antes preciso averiguar algo.

— Ahh! Lembrei! Precisa saber algo sobre Mordretted.

Merllinhin me olhou surpreso e disse:

— Exatamente!

Ele ficou pensativo.

— Vamos para meu *esconderijo*. Não vou deixá-los aqui. Lá decidimos.

— É isso que estou dizendo desde que te encontramos — disse, inconformado.

Merllinhin me ignorou, liberou o cavalo da carroça e nos aproximamos dele.

— E o baú de ouro? — questionei, seriamente.

— É falso. Vamos!

Ele acionou um *controle* e sumimos no ar. Logo em seguida surgimos no *esconderijo* dele.

— O que é isso! Que *magia* é essa? — perguntou Tristan, confuso.

— Depois te explico tudo, meu velho amigo, mas agora preciso entender o que está acontecendo. Garoto! Como se chama?!

— HÃ?! Desculpa! Esqueci que você ainda não sabe. Lando. Não! Aqui me chamam de Landerran. Sou filho do *Rei. Rei Arthur*, e sou herdeiro do poder dele.

— O QUE DISSE, GAROTO? HERDEIRO DO REI? — perguntou Merllinhin, nervoso.

— Isso! Precisamos recuperar *Excalibur*, ou melhor, o *Ikihatsunukishi*. Com ele, fico forte e o ajudo com a situação de Mordretted, que quer assassinar inocentes.

Merllinhin ficou pensativo por um momento. Eu rompi o silêncio.

— Vamos! Quero voltar para meu tempo de origem o quanto antes.

— Tudo bem! Vou pegar o *Ikihatsunukishi*, mas não entendo uma coisa. O que aconteceu com *Arthur* e *Millani*. Como vocês estão juntos? — quis saber Merllinhin.

Tristan deu um passo à frente e explicou como o pequeno Landerran desse tempo foi parar com ele.

— Entendi. Mordretted deve ter alguma relação com isso tudo. Muito estranho só ele ter sobrevivido e logo depois ter se tornado *Rei*. Você sabe de alguma coisa, garoto? — perguntou Merllinhin, pensativo.

— Não! Não descobrimos nada sobre isso! Só descobrimos que ele tem planos para aniquilar o vilarejo de um *reino* vizinho e nas duas vezes que tentamos impedi-los, falhamos e quando dei por mim tinha voltado para futuro, só que em um mesmo futuro alternativo onde não existia Abig...

— Não existia quem? — perguntou Merllinhin.

Hesitei em responder.

— Não podemos perder tempo! Vamos impedir Mordretted e voltar o quanto antes para você poder me ajudar a sair desse *loop*! Quero minha vida de volta! Vá e pegue o *Ikihatsunukishi* para mim. Por favor! — disse, sem olhar nos olhos de ninguém.

— Não consegui entender muito o que está acontecendo, mas independentemente disso, precisaremos de um plano — disse Tristan, perdido na conversa.

— Já estou pensando em algo, mas vou pegar o *Ikihatsunukishi*. Preciso saber se domina mesmo o poder dele — disse Merllinhin me olhando seriamente.

— Esperem por mim e não mexam em nada. Não deveria desperdiçar assim os poucos *saltos entrelaçados* que ainda tenho. Eles demoram muito para carregar e têm um limite e distância. Se não tivesse destruído meu... — disse Merllinhin, preocupado como da última vez.

Tristan ia perguntar algo, mas eu o interrompi.

— Cuidado para não ser atacado — disse, lembrando que da última vez ele havia se ferido.

Merllinhin pareceu ter me ignorado e acionou um *controle* no braço que o fez ser sugado para o nada.



CAPÍTULO 19

MÁSCARA REAL

MORDRETTED

Estava indo para meu harém começar o meu dia quando o maldito do Nirhir apareceu bêbado.

— Você... tem essa vida graças a mim. Prossiga... com o planooo.

— Quem você pensa que é para me dar ordens? — retruquei.

— Nem preciso... dizer. Vou até a sua...

— Vá! Vá! — disse, interrompendo e virando as costas para ele.

Nirhir surgiu na minha frente como um raio e colocou sua garrafa de vinho no meu peito.

— Cuidado, garoto!

Ele se afastou, cambaleando.

— Não sou mais um garoto!

Nirhir parou, mas logo depois foi embora.

— Maldito! — pensei, irritado.

Segui para meu harém.

Iniciou a tarde e fiz minha refeição principal sozinho. A noite teria festividade na cidade e não queria estar em público, mas para esconder meu desagrado da população, tinha que passar por essa situação indesejada. Segui para continuar com o planejamento de invasão ao vilarejo. Mandeï chamar Borislan e fiquei aguardando-o, pensativo, olhando para o plano montado sobre a mesa. De repente, uma luz surgiu do nada.

— A coroa. Entregue-me! — disse um velho, que não reconheci no momento.

— Você?! Como entrou? Era para você estar morto! Maldito Beofirk, ele falhou! — disse, surpreso.

— Entregue-me essa coroa! — tentou ordenar Merllinhin.

Saquei minha espada e parti para o ataque. Ele ofuscou minha visão e quando percebi ele havia tirado minha coroa. Merllinhin se afastou e eu ainda estava tentando enxergar.

— Devolva-me isso, seu insolente! — disse, revoltado.

— Diga-me! O que fez com *Arthur* e *Millani*? Você tem algum envolvimento com a morte deles?

— Maldito! Não vai conseguir fugir! O castelo é cercado por *guardas* e quando descobrirem que você está aqui terão muito mais e você não conseguirá sair como conseguiu entrar.

— RESPONDA-ME! O que fez com seus pais?

— Eles tiveram o destino que mereciam.

— Maldito! Então você os matou!

— Como passou pelos guardas? — disse Borislan, entrando no salão com sua espada em punho.

— Demorou, Borislan! ELIMINE-OOOO! — gritei, furioso.

Borislan o atacou, mas o velho *magô* maldito conseguiu escapar sendo sugado por uma luz.

— Maldição! — reclamei.

— Perdão, *Vossa Majestade*! Não sei como ele conseguiu entrar.

— Não percebeu que ele é um *magô*? Eu o quero morto! Era para seu irmão tê-lo matado. Chame-o aqui, imediatamente!

— Sim, *Vossa Majestade*, mas Beofirk só retorna à noite. Ele está em missão. Reforçarei a vossa segurança.

— Vá! Vá! — disse, sem paciência.

Borislan começou a se retirar.

— Volte — ordenei.

— Sim, meu *Rei*. Em que posso servi-lo?

— Havia lhe mandado chamar antes para podermos discutir o plano de invasão ao vilarejo. Preciso dominar aquele local o quanto antes. Vamos aproveitar que é um povo pacífico e dominá-los à força. Prepare as *tropas*. Logo darei a ordem de invasão.

Borislan me olhou, parecendo insatisfeito.

— Sim, meu senhor, mas não seria melhor retirá-los sem força, já que é um povo pacífico? Pouparemos recursos e esforço das *tropas*.

— Está me questionando, Borislan? Faça o que ordenei!

— Sim, *Vossa Majestade* — disse Borislan, sem olhar para mim.

— Vá! — disse, virando as costas para ele.

Percebi que Borislan estava saindo.

— Borislan! Se falhar, não terá perdão.

Virei para ele e o vi parando. Borislan estava de costas e nem percebeu que eu estava observando-o. Ele parecia pensativo, mas seguiu caminhando para fora do aposento.

— Maldição! Maldição! Maldição! — resmunguei, revoltado.

Precisava matar aquele *mago* o mais rápido possível. Beofirk era mais fiel. Iria usá-lo para eliminar Merllinhin a todo custo, mas não podia depender somente disso. Precisava daquele maldito. Precisava de Nirhir.

Fui até uns *guardas* e ordenei que procurassem por aquele bêbado. Fui me preparar para a festividade da noite. Não podia cancelar o evento. Tinha que agir como se nada estranho e suspeito estivesse acontecendo.

Depois de um bom tempo me preparando segui para o centro da cidade a fim de confraternizar com aquela população ingênua e insuportável.



CAPÍTULO 20

CONFIANÇA NO PODER

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN

— Maldição! — disse Merllinhin, olhando para seu braço ferido logo depois que surgiu de volta ao seu *esconderijo*.

Ele imediatamente foi cuidar dos ferimentos.

— O que houve? — perguntou Tristan, preocupado e se aproximando de Merllinhin.

Tristan ficou surpreso com a cor roxa do sangue de Merllinhin e logo depois se afastou.

— Isso! Você conseguiu! Entregue-me! — disse Landerran, tentando pegar a coroa onde estava o *Ikihatsunukishi* das mãos de Merllinhin.

Ele afastou o objeto das mãos de Landerran.

— Vamos com calma! Você sabe usar isso? — perguntou Merllinhin, olhando seriamente para o garoto.

— Entregue-me e te mostrarei! — respondeu Landerran, confiante.

Merllinhin entregou-lhe cautelosamente o *cristal* acinzentado que, assim que foi tocado por Landerran, começou a brilhar e imediatamente se transformou num tipo de *espada*. O *esconderijo* começou a tremer.

— Então você tem mesmo o poder de *Arthur*! — disse Merllinhin, olhando, surpreso, para Landerran.

Tristan também estava surpreso, mas se conteve e não comentou nada.

— Vamos lá para fora. Quero saber o quanto você é forte! — ordenou Merllinhin.

— Tudo bem, mas estou com sede — disse Landerran, desanimando.

— Pegue, garoto! Vamos! — disse Merllinhin, impaciente, lhe entregando a água.

— Prepare-se! — disse Merllinhin

Logo em seguida, ele sacou o *cajado* com ponta de espada e atacou Landerran sem hesitação. Ele imediatamente se defendeu do ataque, mas, em outra investida,

Merllinhin quase o derrubou.

— PARE COM ISSO! VAI MATÁ-LO! — gritou Tristan, correndo para tentar impedir a luta.

Merllinhin acionou seus *controles* no braço e *correntes magnéticas* surgiram e prenderam Tristan às árvores.

Merllinhin correu até Landerran para atacá-lo. Ele permaneceu concentrado, esperando o ataque. Merllinhin investiu uns golpes e ele se defendeu, como se já soubesse o que o *mag*o faria. Landerran correu entre as árvores e, de repente, pedras começaram a levitar. Segundos depois, elas dispararam na direção de Merllinhin.

Rapidamente, ele levantou um escudo de força que o protegeu de todas as pedras. Era só uma carga. Landerran foi para cima de Merllinhin e o atacou, confiante. Ele também partiu para o ataque e Landerran se defendeu de todos. Merllinhin, tentando ser mais rápido, deu um chute na direção do peito de Landerran, que se esquivou e contra-atacou com o *Ikihatsunukishi*, cortando o braço de Merllinhin, que se afastou.

— Até parece que já tivemos essa luta! Vamos parar por aqui! Logo vai anoitecer.

Landerran ignorou o que ele havia falado e disparou pedras em sua direção. Merllinhin, com muito custo, conseguiu se esquivar. Landerran preparava mais pedras para atacar quando Merllinhin rapidamente acionou os *controles* das *correntes magnéticas* e, com elas, arrancou o *Ikihatsunukishi* das mãos de Landerran. Quase não conseguiu.

— Acalme-se! Você tem o poder que precisamos para enfrentar Mordretted. Vamos pensar em uma estratégia para acabar com os planos malignos dele.

Landerran ficou em silêncio por um tempo.

— Estou cansado e com muita fome.

— Sim! Vamos voltar.

Tristan se aproximou, parecendo irritado.

— Vocês quase se mataram! Que poder incrível, meu filh...

Landerran o ignorou, parecendo estar tonto. Ele cambaleou e quase caiu. Tristan foi ágil e o segurou. Landerran estava se sentindo muito cansado e voltou para o *esconderijo* com a ajuda de Tristan.

— Alimentem-se e vão descansar. Já tenho um plano e agiremos amanhã — disse Merllinhin.

— O que planejou? — perguntou Tristan, enquanto se alimentava.

— Alimentem-se! Amanhã conversaremos sobre isso! Quando terminarem acomodem-se e descansem. Amanhã será um longo dia — disse Merllinhin, apontando para um local acolchoado.

Landerran permaneceu calado alimentando-se. Tristan terminou primeiro e foi deitar. Logo dormiu. Landerran terminou de comer e também foi descansar, mas permaneceu acordado pensando em tudo o que estava acontecendo. Merllinhin foi consertar uns *equipamentos eletrônicos*.

— Está tarde! Não consegue dormir? — perguntou Merllinhin para Landerran, que se levantou.

— Noohtoro! Seu planeta, não é?

Merllinhin permaneceu quieto e surpreso. Depois de um tempo...

— Exatamente! Inacreditável essa situação. O que mais lhe disse das últimas vezes em que nos encontramos?

— Que pretende usar os túneis para acessar o castelo.

Merllinhin riu.

— Quando detivermos Mordretted, vamos estudar esse efeito temporal que está ocorrendo com você — disse Merllinhin, tentando não perder a concentração no conserto de um *equipamento eletrônico*.

— A Enerkry, sua *nave*... Também sei de tudo.

Merllinhin errou no procedimento de conserto e parou.

— Surpreendente! — disse Merllinhin, levantando-se e indo preparar algo para beber.

— Pelo que me lembro, você veio até o planeta Terra por ter detectado a assinatura de energia do *Ikihatsunukishi*. Poder da Enerkry, que compõe seu *cajado* e o *Ikihatsunukishi* e que não sabe como essa *arma* veio parar aqui, mas uma coisa eu não entendi... Por que você está atrás desse poder?

— Toma! Beba! — disse Merllinhin, lhe entregando água gelada.

Inocentemente Landerran aceitou e bebeu esperando uma resposta de Merllinhin sobre sua pergunta, mas, imediatamente, seus olhos começaram a se fechar e ele apagou. Landerran ia cair, mas Merllinhin o segurou e o levou até o local acolchoado, o acomodou e voltou a consertar o *equipamento eletrônico*.

— acorde! — disse Merllinhin para Tristan.

— O que houve?! — perguntou Tristan, assustado.

— Chegou a hora. Vamos para *Cihanloft*. Pegue! Alimente-se! — disse Merllinhin, indo acordar Landerran. Antes que se aproximasse o garoto acordou.

— Hã?! Você!

— Sim! Vamos!

Landerran permaneceu quieto por um tempo, mas logo levantou e foi se alimentar. Assim que terminou, pegou o *crystal* acinzentado.

— Vamos! — disse Landerran, confiante.

— Pegue! — disse Merllinhin, entregando uma espada para Tristan.

Ele se lembrou dos velhos tempos e fez pequenos movimentos com a espada tentando se recordar de suas habilidades.

— Vamos! Temos como *saltar* até o castelo como fiz para ir buscar a *arma*, mas não tem muita energia para irmos e voltarmos, então, vamos com os *discos de levitação*, e se precisarmos fugir, usaremos o *salto*.

— Sim. Já sabia disso — disse Landerran, querendo ir logo.

Tristan, sem ter entendido nada, acenou com a cabeça, confirmando que estava pronto.

Eles saíram. Merllinhin chamou os *discos de levitação* usando um *controle remoto*. Landerran e Merllinhin subiram confiantes. Tristan ficou olhando, assustado, mas subiu nos *discos de levitação* com cautela. Eles levantaram voo em alta velocidade e partiram. Tristan parecia que ia cair, mas os *discos* agiram para mantê-lo equilibrado. Os *aparelhos* acionaram a *camuflagem*.

Depois de um tempo, eles chegaram a *Cihanloft*. Eles pousaram na beira de um riacho.

— Acho que seria melhor...

— Melhor o quê?! — perguntou Merllinhin para Landerran.

— Nada, vamos!

— Como vamos entrar no castelo? — perguntou Tristan.

— Por aqui! Sigam-me! — disse Merllinhin.

Ele, com o poder do seu *cajado*, empurrou uma enorme pedra que revelou uma passagem secreta.

— Vamos por aqui!

Merllinhin iluminou o caminho com seu *cajado*.

— O que mais esse *cajado alienígena* faz? — perguntou Landerran.

— Não entendi! O que quer dizer?! Então você é um demônio que veio do inferno? — perguntou Tristan, confuso.

Landerran e Merllinhin trocaram olhares impacientes e ignoraram Tristan.

— Não vou aguentar ter que viver isso de novo — pensou Landerran, inconformado.

Logo eles depararam com dois caminhos.

— Por aqui — disse Merllinhin.

Landerran o seguiu. Tristan ficou parado pensativo olhando para o outro caminho.

— O que houve, meu amigo?! — perguntou Merllinhin.

Tristan demorou uns segundos para responder.

— Nada! — respondeu ele, com o pensamento longe.

Eles seguiram caminho e saíram a *leste* da cidade, perto do castelo.

— Por aqui. Tem poucos *guardas* por esse caminho — disse Merllinhin, confiante.

Quando ele ia virar à esquerda, Landerran o impediu de prosseguir. Ele ativou seu *Ikihatsunukishi* e esperou. Logo depois, dois *guardas* apareceram e Landerran, com o poder do *Ikihatsunukishi*, usou as pedras que formavam o castelo para derrubá-los.

Tristan e Merllinhin trocaram olhares e olham para Landerran, surpresos.

— Parem de me olhar com essas caras — disse Landerran, com um olhar confiante.

— Vamos! É por aqui — disse Merllinhin, apontando para uma escada.

Quando eles iam subir, Landerran viu uma menina que os seguiu com o olhar.

— Abigail! — pensou Landerran.

O garoto ameaçou parar, mas continuou. Eles subiram e depararam com Mordretted a sós.

— Acharam que chegaram até aqui sem serem vistos? — disse Mordretted, rindo.

— Desista dos seus planos. Não permitiremos que mate inocentes! — disse Merllinhin.

— Sabia que nos veríamos logo! Seu *magô* maldito!

Landerran foi à frente.

— Desista! — disse Landerran, apontando seu *Ikihatsunukishi* para Mordretted.

Pequenas pedras começaram a se desprender do chão e levitaram.

— Então você também é um *magô* — disse Mordretted, rindo e confiante.

Borislán apareceu e atacou Tristan. Eles iniciaram uma luta e, quando Merllinhin ia ajudá-lo, diversos *guardas* adentraram ao local acompanhados de Nirhir e Beofirk. Tristan se afastou e aproximou-se de Landerran e Merllinhin. Eles foram cercados. Mordretted, com olhar confiante e maligno, apontou sua espada para eles dizendo:

— Rendam-se ou morram!



CAPÍTULO 21

DESCONTROLE RECORRENTE

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN MORDRETTED BORISLAN

— A bomba de fumaça — disse Landerran para Merllinhin.

— Matem-nos! — ordenou Mordretted.

Merllinhin, surpreso, agiu rápido e explodiu uma bomba de fumaça que ofuscou a visão de todos. Landerran aproveitou a situação e, com o poder de seu *Ikihatsunukishi*, fez o chão ao seu redor desmoronar. Todos caíram um andar abaixo em meio aos escombros. Landerran e os outros permaneceram flutuando sobre o resto do chão de pedra que controlava. Ele fez o chão descer e eles passaram pelos escombros.

A estrutura do castelo estava comprometida. Eles viram que a maioria dos *guardas* foi abatida. Procuraram pelo corpo de Mordretted, mas não acharam de imediato. Na procura Landerran viu um corpo.

— ABIGAILLL.

Ele foi até ela e a tirou dos escombros.

— Não! Não! Não era para isso ter acontecido. Acorde! — disse Landerran, chorando com Abigail nos braços.

Merllinhin e Tristan se puseram a postos para o ataque. Borislan se aproximou todo ferido e cambaleando. Ele se ajoelhou na frente de Landerran e Cateline.

— Minha... filhaaa. Afaste-se dela! — ordenou Borislan.

Landerran o ignorou, mas...

— Ela teve o fim que merecia — disse Mordretted, se limpando da poeira, acompanhado de Nirhir.

Borislan ouviu as palavras de Mordretted com desprezo e raiva. Ele se levantou.

— Jurei protegê-lo, meu *Rei*, mas não vou admitir que fale assim dela.

— Ela era uma traidora. Estava me roubando para dar aos pobres. Já teve sua sentença! — disse Mordretted.

Borislan permaneceu de cabeça baixa, chorando. Beofirk se aproximou, ferido.

— Você ainda está vivo! — disse Mordretted, com desdém.

O castelo começou a tremer.

— Temos que sair daqui. A estrutura deste lugar está comprometida e não permanecerá de pé por muito tempo! — disse Merllinhin, preocupado.

— Vamos! — disse Nirhir para Mordretted.

Eles se afastaram.

— Vamos, irmão! É triste a perda, mas não devemos comprometer nossa missão de proteger o *Rei*! — disse Beofirk para Borislan.

Ele permaneceu quieto e virou as costas para Beofirk.

— Boris... Por mais que seja meu irmão, não lhe perdoarei por traição.

O castelo começou a tremer com mais intensidade.

— Vamos! Não temos muito tempo — disse Merllinhin, acionando o *controle* no seu braço.

Beofirk se afastou e correu para sair do castelo. Parte do teto caiu sobre ele.

— IRMÃOOO — gritou Borislan.

Ele tentou ir ajudar Beofirk, mas Merllinhin ativou o *controle* que fez com que fossem sugados e sumissem do local.

Eles ressurgiram no meio da cidade.

— Não foi possível nos levar mais longe. Não tinha carga para todos nós — disse Merllinhin se lamentando.

— Olhem! — disse Tristan, apontando para o castelo que começou a desmoronar.

O povo que estava olhando para eles direcionou seus olhares apavorados para o castelo em destruição.

— Vamos aproveitar a distração e sair daqui agora! — disse Merllinhin, puxando Landerran pelo braço.

Ele não conseguiu tirar Landerran do lugar. O garoto emanava uma energia muito forte. Landerran se afastou de Cateline e levantou-se. Borislan foi até a filha e a segurou, chorando. O *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação. Mudou para sua *segunda* forma. Diversos *guardas* se aproximaram e os cercaram. Mordretted apareceu ao lado de Nirhir.

— Rendam-se! Estão cercados! — ordenou Mordretted.

Landerran, enfurecido, fez levitar pedras por todos os lados e elas dispararam em alta velocidade na direção dos *guardas*. Civis também foram acertados e feridos gravemente.

— Pare! Meu filhoooo! — ordenou Tristan, assustado.

Em pouco tempo, todos os *guardas* foram derrubados, restando apenas Mordretted e Nirhir de pé e cercados por pedras flutuantes que a qualquer momento poderiam atravessar seus corpos frágeis.

Landerran se aproximou deles.

— Eu ordeno que parem com seu plano maligno! O povo não merece o seu governo!

Mordretted riu.

— O que está achando engraçado? O sofrimento do povo não tem graça, seu tirano!

— Olhe ao seu redor, moleque! — disse Mordretted, com um sorriso.

Landerran olhou e se aterrorizou com a cena do povo assustado que estava por perto, que não parava de olhar para ele. Havia muitos feridos e alguns mortos. Também tinha crianças feridas devido ao ataque descontrolado dele.

— Você que está trazendo sofrimento ao meu povo. Meu desejo era fortalecer o *reino* a todo custo. Fazer *Cihanloft* crescer! Crescer para abrigar meu povo que estava em desenvolvimento constante. Vocês apareceram para atrapalhar meus planos. Planos que eram para beneficiar a todos!

— VOCÊ PLANEJAVA MATAR INOCENTES! Queria dizimar um vilarejo para concluir seus objetivos malignos!

— Ha! Ha! Você é muito inocente! O vilarejo que íamos destruir está produzindo armamento para nossos inimigos! Por mais que eles não tenham um exército, eles estão fortalecendo um! Íamos impedir um pequeno vilarejo de cometer um verdadeiro genocídio em meu povo! As *armas* que eles estão produzindo poderão tirar a vida de muitos dos nossos.

Landerran ficou *pasmo* com o que Mordretted havia falado. Ele ficou sem reação. As pedras que estavam na mira de Mordretted e Nirhir caíram e eles aproveitaram para se afastar.

Mais *guardas* apareceram e os cercaram apontando flechas.

— Vão e os pouparei! E não se intrometa mais! — ordenou Mordretted.

Landerran, inconformado, se virou e seguiu sem rumo.

— Garoto! Espere! — disse Merllinhin, dando uns passos na direção de Landerran.

Ele o ignorou e seguiu caminho.

— Vamos, Tristan! — disse Merllinhin.

— Vocês ficam! Ainda temos assuntos para resolver!

Landerran parou, pensou, mas continuou caminhando para sair de *Cihanloft*.

— Seu *magô* insolente! Era para você estar morto! — disse Mordretted.

— Então foi você quem mandou Beofirk me matar. Fingi ter sido derrotado porque estava próximo de encontrar respostas que há tempos vinha buscando e não queria mais pessoas atrás de mim. Disfarcei-me e continuei, mas, depois de um bom tempo, quando descobri por comentários o que havia acontecido com *Arthur* e *Millani*, voltei imediatamente. Você quem os matou, seu maldito!

Nirhir deu um passo à frente.

— Seu *magô* insolente! Sempre achou que estava à frente de todos, mas eu é que estava. Agi diante dos seus olhos mágicos e você nem percebeu!

Merllinhin arregalou os olhos surpresos.

— Então foi você! — disse Tristan, sem acreditar.

Tristan queria atacá-lo, mas estava cercado.

— Por que fez isso com seu próprio pai? RESPONDA-MEEEE! — gritou Merllinhin, revoltado, para Mordretted.

— Pai?! Ele nunca foi meu pai! Seu *magô* insolente! Agora morram!

Mordretted acenou para os arqueiros atirarem. Merllinhin tentou dar um *salto entrelaçado*, mas o *controle* no seu braço não respondeu. Ele chamou os *discos de levitação*, mas não chegariam a tempo. Tristan olhou para Merllinhin sem esperança de escaparem.

Os arqueiros atiraram. Tristan olhou para Borislán, que não parava de chorar com Cateline nos braços. Merllinhin viu Landerran, que estava longe e parecia estar voltando. Merllinhin correu até ele, mas as flechas o atingiram e aos outros também.

— NÃOOOOOO — gritou Landerran.

Ele correu até Merllinhin, que caiu, muito ferido.

— Aquele maldito! Não devia ter saído daqui! Fui um irresponsável! Tudo isso está sendo um pesadelo, mas não devia ter virado as costas para vocês. Perdoem-me! — disse Landerran, querendo chorar.

— Tudo bem, garoto do futuro! Eu que peço perdão por não ter conseguido te ajudar a voltar para seu tempo! Eu... como você... também tenho... muitas perguntas... que precisam ser respondidas.

— NÃO! Agente firme! Não tem nenhum dos seus medicamentos aí?

— Tenhooo, mas...

Merllinhin tocou Landerran no rosto. Ele fechou os olhos e fez uma *conexão neural* com o garoto. Fragmentos de memórias passaram de Merllinhin para Landerran, mas logo em seguida a *conexão* foi interrompida. Merllinhin havia voltado para sua forma normal de um *ser alienígena azul*.

— NÃÃOOOOOOO! — gritou Landerran, revoltado.

Ele viu Tristan caído e atingido por várias flechas. Landerran entrou em extrema fúria e um tornado de pedras girando em alta velocidade se formou ao seu redor. O tornado ficou cada vez maior e girava com mais velocidade a cada instante. O *Ikihatsunukishi* passou a ter sua *terceira* forma. O garoto gritou, furioso, e o tornado se expandiu, varrendo tudo à sua volta.

Landerran começou a perder a consciência e sua última visão foi de tudo a seu redor totalmente destruído.



CAPÍTULO 22

IMPACIENTE

LANDO

— Hã?! O que houve?! *Droga!* Voltei! — disse, revoltado.

Estava deitado na minha cama macia e quente. Fiquei um tempo descansando e pensativo em tudo que tinha acontecido. Levantei-me com a esperança de ter voltado para meu tempo de origem. Peguei meu *Tab P* e minha *AI* fez a busca pelo contato da Abigail.

— *Contato não encontrado.*

Minha intuição estava certa. Voltei para o *loop*. Para ter certeza fui ver minha mãe. Lá estava ela na correria como da última vez que a vi. Olhei a bandeja que já estava no local quando da primeira vez no *loop*, havia pegado alguns petiscos. Repeti a cena e peguei.

Caminhei calmamente e muito pensativo até o *dormitório* do Sr. George, não, Sr. Joseph. Não saíam da minha mente os fragmentos de lembranças de Merllinhin. Quando ele tocou no meu rosto, parecia que havíamos nos conectado mentalmente e que ele estava transferindo suas memórias e conhecimentos para mim, mas logo a *conexão foi* interrompida.

— Olá, meu filho. Entrei no meu intervalo, mas já vou ter que voltar. O Sr. Benjamin agendou um jantar de última hora e vou ter que dobrar. Vai valer a pena porque vamos receber o triplo, mas vai ser cansativo.

— Não! Agora não posso!

Meu pai me olhou diferente.

— Você está bem?! Vamos comer alguma coisa e você vai descansar depois. Vou pedir sua mãe para tentar preparar algo rapid...

— Não! Deixa para uma próxima oportunidade! Com licença, pai.

Ele arregalou os olhos e ameaçou questionar, mas não o fez.

— Tudo bem, meu filho.

— Até, pai.

Segui caminho. Vi que ele permaneceu parado, mas que logo depois seguiu até a cozinha. Cheguei à porta do *dormitório* do Sr. Joseph e não demorou muito para ele aparecer.

— O que faz aqui, meu jovem?

— Sr. Joseph, eu sou herdeiro da *Excalibur* e posso usá-la. Ela se encontra no porão sombrio abaixo do seu *dormitório*.

Ele me olhou, assustado.

— Como você sabe disso tudo? DIGA-ME! QUEM LHE DEU ESSAS INFORMAÇÕES?

— Já vivi esse momento. Minha mente vem viajando no tempo e estou preso em um *loop*. Preciso voltar para o passado. Tenho perguntas que precisam ser respondidas!

O Sr. Joseph me olhou como se eu fosse algo aterrorizante.

— Acompanhe-me — disse ele, entrando em seu *dormitório*.

— O *Ikihatsunukishi*! Ele que me leva para o passado! Vamos até ele!

— Inacreditável. Por que isso está acontecendo? — perguntou o Sr. Joseph, para si mesmo.

Não estava com muita paciência. Estava cansado de viver o mesmo momento.

— Impossível! Eu guardo esse lugar há anos. A missão vem sendo passada de geração a geração por séculos, esperando que alguém da família nobre dos...

— *Rikarggan* tivesse um herdeiro que pudesse tirar a *Excalibur* da pedra e blá, blá, blá! — disse, impaciente, interrompendo Sr. Joseph.

— Como você, filho dos empregados, pode ser o herdeiro?!

— Essa não é a questão. Vamos até o *Ikihatsunukishi*! Preciso voltar!

O Sr. Joseph me olhou parecendo não acreditar no que falei. Ele pareceu hesitar, mas continuou andando e abriu a porta para descer ao calabouço.

— Venha comigo!

Eu o acompanhei e chegamos até a pedra onde estava o *Ikihatsunukishi*.

— Ele está aqui há séculos. De tempos em tempos trazemos o herdeiro da fam...

— Sim, o senhor já me disse isso!

— Como?!

— Desculpe-me, Sr. Joseph! Não posso ficar aqui perdendo tempo!

Aproximei-me do *Ikihatsunukishi* e o toquei. Minha visão começou a ficar embaçada e...



CAPÍTULO 23

TENTANDO MUDAR MEU FUTURO

LANDERRAN

— VOLTEI?!

— O que houve, Landerran? Voltou o quê?!

— Sim! Voltei!

— O que houve?! Teve um pesadelo?

— Não! Vamos, Tristan! Precisamos encontrar...

— Encontrar quem?!

Permaneci quieto, pensando, e depois:

— Não! Vamos até Mordretted! Preciso ter uma conversa com ele.

— O que está dizendo?! Ficou louco? O que quer falar com o *Rei*?!

— Tristan! Quero que vá agora! Vão entrar *guardas* cobrando impostos. Não quero colocar você nessa situação que estou planejando. Já o perdi outras vezes e não quero que isso se repita. Vou resolver isso sozinho.

— Do que está falando?! Está louco? O que está acontecendo?!

— VÁ! AGORAAA! — gritei com Tristan.

Ele ameaçou a me bater, mas se conteve.

— O que está havendo? RESPONDA-MEEE! — gritou Tristan, aborrecido.

Permaneci quieto por um tempo, pensando em algo que fosse eficiente para não envolver Tristan nisso, mas...

— Chegaram!

— Quem?! — perguntou Tristan, parecendo confuso.

Bateram na porta violentamente. Tristan foi abrir.

— Seu velho inútil. Impostos? AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada.

— Está aqui! Pegue.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem...

— Não temos! Não insistam! SAIAM DAQUI!

— Garoto insolente! VAI MORRERRR!

O guarda se pôs a posto para me atacar quando Tristan entrou na frente.

— ESPEREEE! Vou dar um jeito pagar. Só me dê mais tempo!

— SAIA DA FRENTE! Seu velho maldito!

Eu ia desviar do ataque. Não imaginei que Tristan iria entrar na minha frente.

— Se nos matar, o povo se revoltará e você não quer ser o responsável por uma revolta.

O *guarda* ficou pensativo.

— Você parece *forasteiro* falando assim. Prendam-nos!

— Deixe-o. Levem só a mim. Eu que desrespeitei.

— NÃO! Não deixarei! Levem a mim. Poupem o garoto! — disse Tristan, nervoso.

O *guarda* pareceu indeciso por um momento.

— Levem os dois. Não vamos matá-los, mas o *Rei* tem esse poder e com certeza não escaparão da sentença de morte — disse o *guarda*, rindo.

— *Droga!* — pensei.

Não queria envolver Tristan nisso, mas as coisas não saíram como planejado, contudo estavam nos levando para *Cihanloft*. Poderia ter meu encontro com Mordretted. Fomos amarrados, colocados na carroça onde estavam levando os impostos e seguimos para *Cihanloft*.

Chegamos faltando pouco para anoitecer. A cidade estava sendo arrumada para alguma festividade. Recordei-me da primeira vez que vi a festa acontecendo e logo uma lembrança me veio à mente.

— Abigail! — pensei, triste.

Pelo caminho, as pessoas nos olhavam, curiosas. Tristan estava de cabeça baixa, envergonhado e confuso. Ele tentou falar comigo durante caminho até aqui, mas eu o ignorei. Não queria encher sua cabeça com coisas que ele não ia compreender.

Deixaram-nos na prisão. Antes dos *guardas* irem embora, eu os chamei.

— Chamem Mordretted. Quero falar com ele! Digam que vim do futuro e que tenho assuntos importantes para tratar. Digam que sei de seus planos de invasão ao vilarejo *Herbrianni*.

Os *guardas* riram e foram embora. Sentei no canto no chão frio e úmido.

— Quem é você?! O que fez com meu filho?!

Eu o ignorei novamente, mas como as coisas já tinham fugido dos meus planos.

— Tristan, você foi muito corajoso por ter cuidado de Landerran.

— Do que está falando?! Quem é você?

— Sei que não vai entender nada do que vou falar, mas... Vim do futuro. Meu nome é Lando e minha mente veio parar no corpo desse garoto que chama de filho,

Landerran.

— Que isso? Bruxaria?

— Tristan, fique calmo. Como disse, você não vai entender, mas escute tudo o que vou falar.

Ele aparentemente se acalmou e não tirou os olhos de mim.

— Vim do futuro. Já vivi esse momento! Sei de tudo que fez para salvar Landerran, filho de *Arthur*!

— O quê?! Como sabe?!

— Já disse! Deixe-me contar tudo.

Tristan parou.

— Como disse! Já vivi esse tempo mais de uma vez. Estava com planos de fazer as coisas diferentes sem envolvê-lo, mas você não fez o que mandei, quando pedi para ir embora. Assim como você, tenho muitas perguntas e algumas delas só Mordretted pode responder.

— Não estou acreditando! — disse Tristan, surpreso.

— É! Para mim também foi uma surpresa no início, mas já me acostumei. O que mais quero agora é ter respostas para minhas dúvidas — disse, pensando em Merllinhin.

Tristan parecia não acreditar em nada do que eu estava dizendo, mas permaneceu quieto, ouvindo.

— Conheço Merllinhin. Em outra ocasião nos encontramos. Ele me entregou a *Excalibur*. Possuo o poder para usá-la, assim como *Arthur*!

Tristan se virou e ficou pensativo.

— É tudo confuso mesmo. Não queria que fosse assim, mas como está acontecendo agora, preciso saber o porquê.

— Perdoe-me — disse Tristan, de cabeça baixa.

— Não diga isso! Não é culpa sua isso tudo estar acontecendo.

— Perdoe-me por não ter cuidado de você como prometi à *Rainha* — disse Tristan, soltando uma lágrima.

— Tudo bem! Não tenho lembranças da vida de Landerran anteriores ao momento que cheguei, mas se ele estava vivo até agora, com certeza você cumpriu seu papel. Era para Landerran estar morto, mas você o salvou!

Tristan queria chorar, mas se conteve. Permaneci pensativo. Lembrei que Merllinhin da primeira vez, havia nos resgatado daqui, mas, como não tivemos o encontro com ele, isso provavelmente não aconteceria. Tinha que achar alguma forma de falar com Mordretted. Peguei no sono tentando pensar numa estratégia para isso.

— PRISIONEIRO, ACORDEM!

Levantei no susto.

— Borislán!

— De onde me conhece, garoto?

— É uma longa história! No momento preciso falar com Mordretted.

— Mais respeito! Garoto insolente! E responda-me. De onde me conhece?

— Então é você?! — disse Mordretted se aproximando com mais quatro *guardas*.

— Resolveu aparecer! É com você mesmo que quero falar! — disse, desapontado porque Mordretted não estava com a coroa.

— Já disse para ter mais respeito, garoto insolente!

— Pode deixar, Borislán! Diga-me! Como você sabe dos meus planos? Espalhou essa informação entre os *guardas*.

— Sei de muitas coisas, mas quem vai fazer as perguntas sou eu — disse, impaciente.

Borislán se enfureceu e abriu a cela. Ele veio para me atacar, mas Tristan entrou na frente.

— Saia da frente se não também sofrerá! — disse Borislán, nervoso.

— Acalme-se, Borislán! Afaste-se! Diga-me garoto! O que sabe mais? Como conseguiu essas informações?

— Responda-me, Mordretted! Quem é seu verdadeiro pai?

Mordretted arregalou os olhos.

— Quem é você? O que você sabe? Responda-me!

— Sei que Nirhir matou *Arthur* e *Millani* a seu mando. Você conspirou para ficar com o trono.

Mordretted parecia assustado.

— Onde ouviu essas coisas? Você é algum *bruxo*? Pare de dizer blasfêmias!

— Então até aqui é verdade!

Mordretted ficou nervoso e Borislán surpreso. Tristan também me olhava assustado.

— O que sabe sobre a Enerkry? — perguntei, tentando tirar umas dúvidas.

— Ener... o quê? Do que está falando?

— Então não sabe! Deve ser porque *Arthur* não confiava em você como um herdeiro verdadeiro. Você não me respondeu. Quem é seu verdadeiro pai?

Mordretted parecia não estar acreditando no que estava ouvindo. Ele ficou agitado e se afastou.

— Vamos, Borislán! Enforque-os!

Borislán estava confuso e pensativo. Ele também se afastou.

— Borislán, proteja Cateline. Mordretted sabe que ela está roubando dele para dar aos mais necessitados. Ele não hesitará em puni-la com a morte — disse, pensando em Abigail.

Borislán se virou para mim assustado.

— Não sei o que você é, garoto, mas se tocar na minha filha, eu te mato!

Ele me olhou com fúria e ao mesmo tempo preocupado, depois trancou a cela e foi embora. Tristan ficou imóvel sem saber o que fazer ou me dizer.

— Perdoe-me, mas não posso nos salvar — disse para ele, lamentando não ter o *Ikihatsunukishi*.

Tristan foi até o fundo da cela e sentou-se no chão.

— O que você quis dizer, sobre Mordretted não ser filho de *Arthur*? — perguntou Tristan, confuso.

— Como já disse, vim do futuro e já vivi alguns momentos aqui no passado. É tudo muito confuso, mas vou lhe pedir que não fique se preocupando com isso.

— Como não vou? Isso tudo é muita loucura. Vamos morrer!

— Lamento, Tristan. Se eu tivesse com a *Excalibur*, talvez tivéssemos uma chance. Ela está na coroa — disse, lamentando a falta de sorte.

Tristan abaixou a cabeça, permaneceu quieto e pensativo. Eu estava com fome e sede. Queria voltar para o futuro como aconteceu das últimas vezes sem eu querer. Essa seria uma boa hora, mas por um momento pensei que seria muito egoísta abandonar Tristan aqui. Continuei pensativo e nós permanecemos quietos por um bom tempo.

Dois *guardas* se aproximaram.

— Vamos prisioneiros! Chegou a hora!

Eles trouxeram correntes para nos amarrar. Quando começaram, Tristan aproveitou e empurrou os *guardas* e eles caíram.

— VÁ, LANDERRAN! VÁ ATÉ MORDRETTED E PEGUE A COROAAAAA!
— ordenou Tristan.

Era cruel abandoná-lo, mas aproveitei a chance e corri. Tentei lembrar o caminho que percorri das últimas vezes que estive aqui. Perdi-me no início, mas me achei. Quando ia subir as escadas, muitos *guardas* apareceram.

— Parado, prisioneiro! Não fuja da sua sentença!

— Você! Beofirk! — disse, sem saber o que fazer.

Ele ficou surpreso por eu ter falado o nome dele. Desisti de tentar fazer alguma coisa e abaixei a cabeça.

— Prisioneiro?! Como sab... Vamos! A força lhe aguarda!

Ele e os *guardas* me conduziram até o local onde ia acontecer a execução. Segui pensando no que aconteceria se eu morresse. Se iria acabar com esse pesadelo junto com minha vida, se voltaria para minha linha do tempo de origem ou se voltaria para o *loop*. As possibilidades eram interessantes, mas a primeira poderia ser trágica.

Chegamos ao local que estava lotado de espectadores e me posicionaram na forca. Lá, já estavam Tristan e mais dois homens. Ele me olhou, triste, e logo desviou o olhar. Colocaram a corda no meu pescoço. Mordretted não estava presente. O grito do povo era irritante. Parecia que só queriam ver mortes sem saber do crime dos condenados ou se realmente eram culpados por alguma coisa.

Estavam prestes a dar a ordem para o carrasco executar a sentença, quando no meio da multidão avistei...



CAPÍTULO 24

EM BUSCA DE PODER

LANDERRAN TRISTAN

— MERLLINHINNNN! — gritou Landerran.

Ele viu Merllinhin no meio da população, mas disfarçado como eles o encontraram da primeira vez, de Ekinilr. O *mag*o se assustou e sumiu.

— Maldição! — disse Landerran.

Tristan ficou surpreso tentando entender o que estava acontecendo. Foi dada a ordem para abrir o chão aos pés deles quando, de repente, várias bombas de fumaça explodiram ofuscando a visão de todos que estavam ali, transformando tudo em caos e desespero.

O carrasco já havia executado a sentença e provavelmente esperava ver quatro corpos pendurados, mas, quando a fumaça foi se dispersando, só viram cordas cortadas.

Diversos *guardas* foram em busca dos que deveriam estar mortos, mas o caos da população dificultava o deslocamento deles.

— Hã?! — perguntou Landerran, tentando enxergar onde estava.

— O que houve?! — perguntou Tristan, confuso.

Ekinilr Merllinhin aproximou-se de Landerran e o segurou pelo pescoço.

— Quem é você?! Como sabe quem sou eu?

— Cal... ma! Sou... a... mi... go!

— SOLTE-O! — gritou Tristan.

Ekinilr Merllinhin o soltou.

— Como foi parar na forca, Tristan?

— Como sabe meu nome?! — perguntou Tristan, confuso.

Ekinilr Merllinhin tirou o disfarce.

— Como?! Merllinhin! O que faz aqui?

— Cheguei à cidade para investigar umas coisas e vi que ia ser executado. Ia salvar somente você, mas esse garoto gritou meu nome. Não tive outra escolha a não ser salvar todos.

Os outros dois homens que também iam ser enforcados estavam surpresos e sem entender o que estava acontecendo.

— E eles? O que faremos? — perguntou Tristan, olhando para os rapazes.

— Eles podem ir! Vão! — ordenou Merllinhin para os dois homens.

Eles não falaram nada e foram embora correndo. Merllinhin se aproximou novamente de Landerran.

— Responda-me! O que sabe sobre mim?!

— Vamos ser atacados! — disse Landerran, preocupado.

— Quem vai atacar? — perguntou Merllinhin.

— Não, não! Estamos em um local diferente.

— O que está dizendo, garoto?

— Respondendo à sua pergunta: Sei de tudo, *noohtoriano*!

Merllinhin armou seu *cajado* e apontou a parte afiada para o pescoço de Landerran!

— De onde você é *ser* estranho? O que faz nesse planeta? — perguntou Merllinhin, assustado.

— Calma, calma! Eu sou terráqueo, só não sou desse tempo!

— Explique-se!

— Minha mente veio do futuro e se agregou ao corpo deste que chamam de Landerran. Estou preso em um *loop* temporal e já vivi vários momentos aqui no passado de modos diferentes.

Merllinhin ficou surpreso e não era nenhuma surpresa para mim. Continuei explicando sobre as viagens no tempo, *Excalibur*, *Ikihatsunukishi* e planos de Mordretted, sendo que nessa parte omiti a parte em que o vilarejo estava fortalecendo o inimigo de *Cihanloft* com armas.

Antes, tinha que de alguma forma, convencer Merllinhin a pegar o *Ikihatsunukishi*. Seguimos até o *esconderijo*, que não ficava muito longe. Continuamos o caminho com os *discos de levitação*. Como no último *salto* Merllinhin teve que levar muita gente, acabou ficando sem energia. Tristan, como sempre, olhava para tudo, surpreso.

Chegamos ao *esconderijo*. Continuamos conversando e tentei convencer Merllinhin da importância de ter o *Ikihatsunukishi* comigo, já que eu era o herdeiro do *Rei*. Ia conversar com Merllinhin sobre o momento em que nos encontramos e que ele havia feito a *conexão neural* comigo quando tocou no meu rosto, mas ele...

— Esperem por mim e não mexam em nada. Não devo demorar. Vou buscar o *Ikihatsunukishi*.

Merllinhin trocou a *bateria* do seu *dispositivo de salto entrelaçado* e acionou um *controle* no braço, sendo que eu pulei junto. Imediatamente fomos sugados para o nada e...



CAPÍTULO 25

MALDIÇÃO DO HERDEIRO

LANDERRAN MERLLINHIN

— VOCÊSSS! COMO ENTRARAMM? — gritou Borislan, surpreso.

— Garoto! Não era para estar aqui! *Saltar* dois sem programar poderia ter nos matado.

Borislan sacou sua espada e os atacou.

— Vá, garoto! Procure por Mordretted!

— NÃO PERMITIREI! — gritou Borislan, indo na direção de Landerran.

— Aqui! Eu serei seu oponente! — disse Merllinhin, entrando na frente de Borislan. Eles começaram a lutar.

Landerran seguiu caminho torcendo para não encontrar nenhum *guarda*. Com a sorte do seu lado, ele evitou ser visto por dois *guardas*, e continuou andando.

— Abigail! Não, Cateline!

A garota se assustou.

— Quem é você?! Como me conhece?!

— Não tenho tempo para explicações! Venha comigo! Mordretted sabe que você está roubando dele e dando para os pobres.

Ela ficou mais assustada. Eu a puxei pelo braço...

— Vamos! Vou te proteger, mas preciso encontrar Mordretted! Preciso da coroa que está com ele!

Cateline me acompanhou, mas só deu uns passos e parou.

— Não posso! Não sei como sabe sobre mim, mas não o conheço!

— Confie, Cateline!

Ela deu uns passos para trás.

— Então você tem um apego a ela. Impressionante! — disse Mordretted, segurando Cateline pelo pescoço.

— SOLTE-AAAAA MALDITOooooo!

— Meça suas palavras, garoto insolente!

Landerran tentou aproximar-se, mas...

— Na... na... não. Não se mova! — disse Mordretted, com a espada no pescoço de Cateline.

— MALDITOOOO!

— Não sei como descobriu tudo aquilo que me falou, só sei que vai morrer. Devia tê-lo matado na prisão quando tive oportunidade.

— *Vossa Majestade!* O que faz com ela? — disse Beofirk, aproximando-se.

— Beofirk! Mordretted vai matá-la. Ele não hesitará em fazer isso! — disse Landerran.

— CALADO! Realmente não vou hesitar em matar essa ladra!

— O que quer dizer, *Vossa Majestade?*

— Não importa se ela é sua sobrinha, você sabe muito bem que ladrões são punidos com a morte! Ela tem me roubado para se beneficiar — disse Mordretted, nervoso.

— Compreendo, meu *Rei* — disse Beofirk, desapontado com Cateline.

Landerran não tirava os olhos dela. Só desviava o olhar rapidamente para a coroa na cabeça de Mordretted. Ele não parava de pensar em um jeito de tirar a coroa sem que Mordretted ferisse Cateline.

— Renda-se e eu a poupo! — ordenou Mordretted.

Landerran, sem alternativas, se ajoelhou e pôs as mãos na cabeça. Beofirk foi se aproximando para prendê-lo, quando o *cajado* de Merllinhin acertou a coroa de Mordretted, tirando-o da sua cabeça. Landerran aproveitou a distração, pegou a coroa e tirou o *crystal* que imediatamente se transformou na *arma*.

— Maldição! — disse Mordretted, revoltado.

Merllinhin pegou o *cajado* que voltava para ele e se aproximou de Landerran. *Guardas* com arcos e espadas apareceram e começaram a cercar o local.

— Vamos, garoto! Vamos *saltar*! Não sei se poderemos ir muito longe, mas precisamos sair daqui! Já conseguimos o que queríamos. São muitos. Não estou com tantos recursos para enfrentá-los! — disse Merllinhin, acionando o *controle* em seu braço.

Imediatamente Landerran o impediu.

— Não podemos — disse Landerran, olhando para Cateline.

Merllinhin viu uma flecha se aproximando e só deu tempo de pôr seu braço na frente. A flecha acertou seu braço e seu sangue roxo começou a escorrer.

Nirhir se aproximou.

— Eu posso derrotar todos — disse Landerran, fazendo seu *Ikihatsunukishi* sofrer a *segunda* transformação.

O castelo começou a tremer.

— Merllinhin, salve a garota loira e *salte* para fora daqui! Eu fico!

— Mas...

— Vá, Merllinhin! Vou distraí-los!

Landerran usou as pedras que formavam o castelo e começou a acertar os *guardas*. Flechas vinham na sua direção, mas ele as desviava com as pedras. Merllinhin saltou do lado de Mordretted e puxou Cateline. Quando ele ia *saltar* para fugir com ela, uma espada o atingiu pelas costas e atravessou seu peito. Merllinhin caiu muito ferido.

— Minha filha! — disse Borislan, se aproximando também muito ferido e já caindo.

— Papai! — disse Cateline, correndo para tentar segurar Borislan.

Uma espada atravessou Cateline mortalmente quando ela estava quase chegando onde o seu pai estava. Ela caiu em cima de Borislan que estava desacordado.

— Por que fez isso, Nirhir? Seu maldito! — disse Beofirk, revoltado e apontando sua espada para ele.

— Afaste-se, Beofirk! — disse Mordretted, também apontando sua espada.

O ódio tomou conta de Beofirk. Ele não tirava os olhos de seu irmão e de sua sobrinha. Landerran, após ter derrotado alguns *guardas*, viu Cateline caída e ferida mortalmente. Ele ficou totalmente irado e seu *Ikihatsunukishi* se converteu para seu *terceiro* formato. O castelo começou a desabar e os *guardas* restantes começaram a entrar em pânico. Alguns começaram a fugir.

— Vamos Mordretted, o castelo não vai aguentar! — disse Nirhir.

— Vamos! — respondeu Mordretted.

Quando Mordretted e Nirhir viraram-se para fugir, Merllinhin, com sua última força, usou o *controle magnético* no *cajado* fazendo a ponta da *arma* atravessar Nirhir. Ele caiu sem reação. Merllinhin olhou para o garoto, fechou os olhos e mudou para sua forma real.

Landerran se enfureceu ainda mais e fez o castelo desabar. Ele começou a ficar tonto. Sua visão foi ficando ofuscada e a última coisa que ele viu foi Beofirk atacando Mordretted.



CAPÍTULO 26

CONDENADO

LANDO

— Impossível. Acho que estou condenado a isso — disse, deitado na minha cama macia e quente.

Não quis me levantar. Estava cansado de tudo. Parecia que não tinha uma solução para me libertar desse pesadelo.

—Acho que devo aceitar e viver minha vida — pensei, desapontado.

Não conseguia compreender o motivo desses acontecimentos.

— Por que comigo? Por quê? — ficava me questionando.

Permaneci deitado e pensativo. Depois de um tempo peguei no sono.

Estava em um local estranho. Sentia-me pesado, como se a gravidade fosse mais forte. Tinha um cristal na mão. Era parecido com o acinzentado, aquele que usei e que se transformava na arma, mas era de cor azul, meio verde.

— Uma criatura — disse vendo-a na minha frente, que rapidamente me pegou pelo pescoço.

Tentei transformar o cristal na minha mão em arma, mas nada aconteceu. A criatura pegou o cristal da minha mão e absorveu, tornando-se maior e aparentemente mais forte. Ela ia me engolir...

— Hã?! O que houve?! *Droga!* — disse, assustado e olhando para todos os lados do meu *dormitório*.

Levantei-me, peguei meu *Tab P* e minha *AI* fez uma busca pelo contato da Abigail.

— *Contato não encontrado.*

Era o que já esperava. Estava suado e fui tomar um banho. Arrumei-me e vi que já era quase *meia-noite*. Estava com fome, mas já era tarde e provavelmente não teria mais ninguém por lá. Meu estoque de biscoitos estava vazio. Verifiquei e meus pais não estavam no *dormitório* deles. Minha mãe ainda devia estar na cozinha. Aproveitei para ir até lá verificar e de repente arrumar algo para comer.

Enquanto seguia caminho, algo que não esperava me veio à mente. Lembrei-me do Thomas, pois havíamos marcado de ir ao cinema. Ele devia estar chateado.

Resolvi mandar mensagem para ele e até mesmo poder desabafar sobre o que estava acontecendo, mas...

— *Contato não encontrado* — disse *Mila*, minha *AI*.

— *Droga!* — disse, revoltado.

Estava disposto a aceitar essa vida, preso nesse *loop* e sem Abigail, mas sem meu melhor amigo também seria difícil me acostumar. Chegando à cozinha encontrei minha mãe.

— Mãe! Ainda por aqui? Parece exausta.

— Sim, meu filho. Devo terminar daqui a duas horas! O Sr. Benjamin chamou seus convidados de hoje para um almoço mais tarde. Preciso adiantar as coisas — disse minha mãe, muito cansada.

— Mas, mãe...

— Depois, meu filho.

Ela foi terminar de separar as coisas para o almoço de logo mais. Vi que havia sobrado muita coisa do jantar e aproveitei para separar alguma coisa para comer. Separei, sentei em um canto e comi.

Voltei para meu *dormitório* e no caminho fui admirando as estrelas. Era uma noite bonita. Fiquei imaginando quantas espécies inteligentes poderiam existir além dos *noohtorianos*. Percebi o quanto atrasados estávamos tecnologicamente. A *conexão neural* com Merllinhin me fez adquirir pequenos fragmentos sobre a vida dele e seu conhecimento. Nada que pudesse me tornar mais inteligente, mas que me fazia agora ter um olhar mais amplo do que poderia haver além do Universo que eu pensava que conhecia.

Merllinhin temia algo que vinha além das *galáxias*. Algo destruidor! Algo que deixou um rastro de destruição em seu planeta natal. As informações não eram bem claras. Eram vultos de imagens que surgiam aleatoriamente na minha cabeça.

Precisava conversar com Merllinhin a respeito disso, mas não queria mais voltar. Estava cansado de vê-la morrer. No meu tempo de origem, ela não queria mesmo mais falar comigo. A conversa que ouvi dela com o pai foi bem clara, que ela só queria me usar devido à minha habilidade de resolver tudo.

Quando passei pelo *dormitório* dos meus pais, vi que meu pai estava dormindo largado como se tivesse trabalhado vinte e quatro horas direto. Entrei no meu e me joguei na cama. Estava sem ânimo para fazer qualquer coisa. Olhei para meu *Tab P* pensando no que podia fazer.

— *Tecnologia* ultrapassada — pensei.

Larguei o *Tab P* de lado e fiquei olhando para o teto imaginando mil coisas e tentando entender os fragmentos de pensamentos que me foram passados por Merllinhin. Depois de horas, dormi.

Estava acorrentado e com frio. O cristal que se transformava em arma estava na minha frente. Queria pegá-lo, mas não conseguia me soltar das correntes.

— *Abigail.*

Ela havia surgido na minha frente.

— *Pegue esse cristal e me entregue — disse, mas ela me ignorava.*

Ela começou a desaparecer lentamente. Eu gritava, mas ela só me olhava enquanto desaparecia.

— *Merllinhin.*

Ele surgiu no lugar dela. Ele pegou o Ikihatsunukishi e desapareceu como se tivesse dado um salto entrelaçado.

— *NÃO!!! — gritei, desesperado.*

Criaturas parecendo demônios começaram a surgir aos montes. Eram dezenas, milhares e não paravam de surgir. Elas vieram na minha direção...

— *NÃO!!!!!!*

Acordei apavorado e todo suado. Olhei para todos os lados sem saber o que procurava. Levantei-me e vi que já era de manhã. 10:58 da manhã de segunda-feira.

— *Filho!*

— *Pai, bom dia.*

— *Bom dia, meu filho! O que houve? Não ouviu a AI. Tem solicitação de serviços para você. Os convidados do Sr. Benjamin vão começar a chegar daqui a pouco. Tem que estar tudo pronto.*

Fui conferir as notificações da AI da casa e vi que realmente haviam chamados. Percebi o quanto ainda era ultrapassada a tecnologia de Inteligência Artificial da gente e eu achando que estávamos bem avançados.

— *Tudo bem, pai. Vou tomar um banho e já vou.*

— *Vou voltar para o serviço. Até mais, filho!*

Rapidamente, tomei um banho, me arrumei e fui atender aos chamados. Vi que minhas ferramentas estavam diferentes.

— *Deve ser coisa do tempo alterado, loop — pensei.*

Cheguei ao local para atender à solicitação de reparo elétrico.

— *Como sempre, atrasado! — disse uma garota.*

— *Quem é você?! — perguntei, não a reconhecendo.*

— *Como quem sou eu?! Está com amnésia?*

Eu a ignorei e fui fazer meu serviço.

— *Como ousa virar as costas para mim? Meu pai vai ficar sabendo!*

— *Pare de importuná-lo! — disse um garoto, que eu também não fazia a mínima ideia de quem era.*

Ignorei os dois e continuei com o reparo.

—Vá, Elizabeth. Mamãe está te procurando — disse o garoto.
— Hã?! — pensei, lembrando-me do nome.
Elizabeth me olhou com raiva e saiu.
— Ela não para de te importunar — disse o garoto.
Ignorei-o e continuei trabalhando.
— Está tudo bem, Lando?
— Sim! — respondi secamente.
— Tudo bem! Vamos jogar depois do almoço! Dessa vez eu vou te ganhar.
— Hã?! Quem é você? — perguntei, perdido.
— Como quem sou eu?! Julius. Está com amnésia?
Recordei-me do nome de uma das vezes anteriores que havia voltado para esse tempo. Filhos desse Sr. Benjamin *Rikarggan*.
— Somos amigos?! — perguntei, confuso.
— Que eu saiba, sim. Está tudo bem com você? — perguntou Julius me olhando assustado.
— Sim! Sim, mas estou com sono. Não dormi bem!
— Tudo bem! Termine seu serviço e vá descansar! Falo com meu pai para te liberar.
Acenei com a cabeça querendo dizer tudo bem, ele me deu um sinal afirmativo com a mão e foi embora.
Precisava entender como eram as coisas nesse tempo alterado, para não ficar levantando suspeitas. Não queria que ninguém soubesse o que aconteceu comigo até o momento. Só queria viver minha vida em paz.
Terminei o serviço e fui até a cozinha para comer algo. Lá estava uma correria e minha mãe, com uma expressão de super exausta, estava trabalhando. Parecia que ela havia virado a noite. Nem cheguei perto para não atrapalhar. Peguei umas coisas, escondido, e voltei para meu *dormitório*. Comi enquanto via um documentário sobre o Universo.

Eram quase cinco horas. Passei a tarde vendo documentários. Subitamente ouvi meus pais entrando em seus *dormitórios* e falando alto.
— NÃO VOU ADMITIR ISSO! QUANDO SAIRMOS VOU PROCESSÁ-LO!
— Calma, querido! Já aconteceu. Vamos arrumar nossas coisas. Não adianta discutir — disse minha mãe, tentando acalmar meu pai.
— NÃO! NÃO!
— O que está havendo? — perguntei.
— Vamos embora! Sua mãe foi despedida e humilhada.

— Deixa isso para lá, amor.

— ELE ACHA QUE PODE TRATAR QUALQUER UM ASSIM! ELE VAI VER! — gritou meu pai, revoltado.

— Ele quem? O que houve? — perguntei, confuso e espantado.

— Sua mãe nem dormiu direito para poder dar conta desse almoço. Só porque ela errou na dose de um tempero foi humilhada pelo Sr. Benjamin. Sua mãe ainda tentou se desculpar, mas ele só a humilhou ainda mais e resolveu despedi-la.

Fiquei surpreso com o que havia acontecido.

— E agora?! — pensei.

Não tínhamos para onde ir e provavelmente sairíamos sem muitos recursos, para poder iniciar uma nova vida.

Saí e deixei meus pais discutindo o que fariam daqui para a frente. Resolvi ver e falar com esse Sr. Benjamin. Ia diretamente até ele e conversar. Ele parecia ser o contrário do Sr. James que não tratava ninguém mal, apesar de não querer que tivéssemos relações mais íntimas com os membros da família dele. Segui caminho e vi de longe Sr. Benjamin entrando na sua limousine. Uma mulher que parecia ser sua esposa foi até ele.

— Querido! Vamos rever essa situação.

— NÃOO! Isso é culpa sua. Você que teve essa ideia de querer promovê-la sem saber se ela daria conta. Fui envergonhado diante meus sócios por causa daquela comida horrível.

— Só foi um dos pratos! Erros acontecem!

— Não para quem está na supervisão de todos os cozinheiros! Não admitimos erros de líderes de equipe que possam prejudicar o desempenho dos demais. Ela está fora! — disse Sr. Benjamin, batendo a porta da limusine e indo embora.

A esposa dele pareceu se lamentar e entrou na mansão. Não tinha como viver assim! Seria um pesadelo muito pior e também não ia admitir o que fizeram com minha mãe.

— Se tivesse o *Ikihatsunukishi*, esse lugar não estaria mais em pé — pensei.

Foi um pensamento cruel, mas estava furioso. A única solução seria...

Segui até o *dormitório* do Sr. Joseph. Chegando, bati na porta com força. Bati e toquei a campainha por um tempo e nada dele aparecer. Fui até a oficina e peguei umas ferramentas. Voltei e arrombei a fechadura.

— Muito fácil arrombar essas fechaduras antigas — pensei.

Segui até a porta que levava ao *calabouço* e tentei arrombar. Essa era uma fechadura mais moderna e estava tendo dificuldade para abrir. Não tinha percebido que um alarme silencioso havia sido disparado. Quando consegui abrir, vi que o Sr. Joseph chegou, acompanhado de seguranças.

— O que está fazendo, garoto? — perguntou o Sr. Joseph.

— PARADO AÍ! — ordenou um dos seguranças.

Desci desesperadamente até o *calabouço*. Percebi que eles correram atrás de mim. Um dos seguranças disparou uma *arma de choque* que ia me acertar em cheio, mas, no mesmo momento, consegui tocar na *espada* que estava fincada na pedra e torci para que ela me levasse de volta para...



CAPÍTULO 27

TENTANDO UM RECOMEÇO

LANDERRAN

— VOLTEI, VOLTEI?!

— O quê?! Voltou o quê?!

— Sim... Voltei! — disse, aliviado.

— O que houve?! Teve um pesadelo?

Não o respondi de imediato, mas...

— Está tudo bem... pai.

Ele me olhou desconfiado.

— Tudo bem! Volte a descansar, pois temos muito trabalho a fazer — disse Tristan, voltando ao serviço de ferreiro.

— Tenho que ir atrás de Merllinhin. Vou sozinho — pensei.

Ia sair sem falar nada, mas não poderia deixá-lo. Os *guardas* chegariam logo e iam arrancar o braço dele. Pensei num plano e aguardei.

Ouvi gritos e choro. Bateram na porta violentamente e deixei Tristan abrir.

— Seu velho inútil. Impostos? AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada.

— Está aqui! Pegue.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem rendido muito e os impostos vêm sendo recolhidos com mais frequência — disse Tristan me olhando preocupado.

— Está questionando as ordens do *Rei*, seu velho inútil? Segurem-no.

Outros *guardas* seguraram Tristan. Eu fiquei calmo, esperando acontecer.

— Estique o braço dele aqui.

Esticaram o braço esquerdo do Tristan em uma mesa.

— Então vou cortar-lhe o braço como diferença — disse o *guarda*, rindo.

— Espere! Não precisa cortar o braço dele. Vamos lhe pagar na próxima vez que vierem. Pagaremos o que faltou e daremos um extra para cada um dos senhores como um agrado pelo *transtorno* que causamos hoje — disse, já sabendo o que ia acontecer.

O *guarda* olhou para os outros.

— Você parece *forasteiro* falando assim, mas o estranho é que já te vi várias vezes.

O *guarda* ficou olhando para mim suspeitando de algo.

— Que garantia nos darão de pagamento?

— Poderão arrancar nossos dois braços.

O *guarda* ordenou que soltassem Tristan e apontou sua espada para meu rosto.

— Não me lembro de você ser tão *audacioso*. Se não cumprir o que falou, vou arrancar mais do que seus braços.

Os *guardas* saíram e Tristan, aliviado, me olhou, surpreso.

— O que houve, filho? Nem parecia ser você.

— Tudo bem! Vamos dar um jeito de sair dessa! Vamos trabalhar dobrado!

— Sim, vamos sim! — disse Tristan, parecendo não ter esperanças e me olhando como se suspeitasse de algo.

Esperei o tumulto causado pelos *guardas* passar e saí sem chamar atenção de Tristan. Ia resolver tudo que precisava com Merllinhin e depois iria voltar para buscar Tristan. Esperava conseguir antes dos *guardas* voltarem cobrando impostos. Caminhei calmamente até o local onde encontramos Merllinhin pela primeira vez. Depois de um tempo eu o vi disfarçado e se aproximando em uma *carroça*.

— Precisando de ajuda, meu jovem?

— Sim, Merllinhin e não desapare... ça.

Ele sumiu e logo apareceu atrás de mim, sem disfarce, me ameaçando.

— Quem é você?! Como sabe quem sou eu?

— Porque já nos encontramos por várias vezes nesse tempo. Sou um viajante do tempo. Não exatamente eu e sim minha mente, que veio parar neste tempo e estou preso em um *loop temporal*.

Continuei explicando resumidamente tudo o que tinha acontecido. Depois de um tempo de explicações, ele resolveu me levar para seu *esconderijo*. Queria ir direto para *Cihanloft* para pegar o *Ikihatsunukishi* e garantir, com o poder dele, que ninguém pudesse me ferir, mas quando mencionei a *conexão neural* que tive com ele, imediatamente insistiu em irmos para o *esconderijo* para conversarmos já que ficar muito tempo parado em um lugar seria perigoso, pois poderíamos encontrar no caminho pessoas que não desejaríamos ver. Seguimos então para o *esconderijo* e, para evitar gastar recursos, fomos com os *discos de levitação*. Em pouco tempo chegamos e entramos.

Voltei com as explicações mais detalhadas sobre todas as vezes que voltei e o que havia acontecido. Depois de um bom tempo de conversa comecei a falar sobre a *conexão neural*.

— Diga-me! O que viu quando nos conectamos mentalmente?

— Fragmentos! Nada muito claro! Você teme algo que tem alguma ligação com seu planeta natal. Não sei do que se trata, mas parece que você acabou parando aqui nesse planeta por causa dessa ameaça. Se nos conectarmos novamente...

— Vamos para *Cihanloft*! Vamos buscar o *Ikihatsunukishi*! — disse Merllinhin me interrompendo e mudando a sua expressão.

— Além da Enerkry, o que mais você busca?

Ele parou e pareceu ter ficado irritado com minha pergunta, mas não falou nada.

— Vamos! Já anoiteceu! Vamos *saltar*!

Não o questionei, queria estar com o *Ikihatsunukishi* o quanto antes, mas...

— Qual o ponto de destino do *salto*?

— Sala do trono. Por quê?

— Nada! Vamos!

Ele me olhou, desconfiado, mas seguiu com o plano. Ele acionou o *controle* e *saltamos* para a sala do trono.



CAPÍTULO 28

AMOR IMPERDOÁVEL

LANDERRAN MERLLINHIN

Eles surgiram na sala do trono e não havia ninguém.

— Está acontecendo um evento festivo! — disse Landerran.

Merllinhin olhou um plano de guerra que estava montado.

— Ele não seria capaz — disse Merllinhin, inconformado.

— Não vamos nos meter nisso. Temos assuntos mais importantes! — disse Landerran, querendo sair da sala.

— Não vou permitir que ele devaste um vilarejo.

— Esse vilarejo está fornecendo armas para os inimigos de *Cihanloft* — revelou Landerran, impaciente.

— Por que não me disse isso antes? — questionou Merllinhin.

— Isso não é importante. Esse tempo não é importante. Não sei o que vai acontecer daqui para a frente, mas o mais provável é que volte para o futuro na mesma linha de tempo alterada que tenho retornado sempre. O que preciso é de informações para saber o porquê de isso tudo estar acontecendo. O seu conhecimento pode me ajudar a entender melhor. Preciso que faça aquilo de novo, de nos conectarmos mentalmente para que eu comece a decifrar essas incógnitas na minha cabeça.

Merllinhin ficou surpreso e permaneceu quieto.

— Não temos tempo. Decida-se! — disse Landerran, irritado.

Alguém apareceu, os viu e saiu, rapidamente.

— Cateline! — disse Landerran.

Merllinhin foi mais rápido e segurou a garota.

— Você a conhece, Landerran?

— Solte-a!

Merllinhin a soltou.

— Quem são vocês, intrusos? Não era para estarem aqui! — disse Cateline, assustada.

— E nem você! — respondeu Landerran.

— O que faremos com ela?! — perguntou Merllinhin, segurando-a novamente.

— Solte-me! Vou chamar os *guardas*! — disse Cateline, nervosa.

— Não vai, porque você está aqui, justamente para pegar o que não é seu e entregar a quem necessita.

Cateline arregalou os olhos, surpresa.

— Por favor! Elas precisam! As crianças precisam! — disse Cateline, chorando.

Landerran a tocou no rosto carinhosamente.

— Não se preocupe! Vou protegê-la, mesmo que custe minha vida.

Ele não sabia se poderia cumprir essa promessa, pois em todos os seus encontros ela havia morrido.

— Será?! — disse Landerran, pensando alto.

— Será o quê? — perguntou Merllinhin.

Landerran olhou intensamente para Cateline.

— Será que ela é uma das incógnitas que me faz estar preso nesse *loop*? Ela é a única além de mim que existe no meu tempo de origem. E eu regressei toda vez que ela morreu — pensou Landerran, surpreso.

— Vamos! Não saia de perto de mim, Cateline. Diga-me! Onde está Mordretted? Ele está com a coroa? — perguntou Landerran.

— Ele está no festival. Sim, ele está!

— Vamos ser cautelosos, Landerran. Tem muitos *guardas* em *Cihanloft* e mesmo com meus recursos, não será possível enfrentar todos e o *salto* para nos tirar da cidade não é garantido. Pode falhar se as distâncias forem longas — disse Merllinhin.

— Com meu *Ikihatsunukishi*, posso derrotar todos facilmente. Vamos chegar o mais perto possível dele. Nesse momento, crio uma distração e você salta sobre ele e pega a coroa — disse Landerran, seriamente.

Merllinhin não pareceu confiante, mas seguiu em frente com o plano de Landerran. Eles saíram e foram abatendo os poucos *guardas* que encontravam no caminho sem chamar atenção. A maioria estava na segurança de Mordretted no festival.

Estavam quase saindo do castelo.

— Ele está voltando — disse Merllinhin.

— Vamos esperar aqui. Vou aparecer para ele e você aproveita para pegar a...

— Para onde ele foi?! — perguntou Cateline para Landerran.

— Maldito! Ele vai mesmo fugir! — disse Landerran, revoltado.

Um alvoroço começou onde Mordretted estava. De repente, Merllinhin surgiu na frente de Landerran.

— Pegue! — disse Merllinhin, jogando a coroa para Landerran.

Imediatamente ele tirou o *crystal* da coroa e transformou na *arma*. Logo em seguida, ela se transformou na sua *segunda* forma. Pedras começaram a levitar e

girar em torno deles. Os *guardas* os avistaram e correram na direção das pedras flutuantes. As tropas se aproximaram, mas hesitaram em atacar devido a grande quantidade de pedras que pareciam estar vivas, voando para todos os lados.

— QUEM SÃO VOCÊS, *FEITICEIROS*? — gritou Borislán.

Landerran, com seu poder, começou a derrubar os *guardas* sem que eles tivessem iniciado o ataque. Merllinhin olhou para ele, surpreso e assustado com tamanho poder. Landerran criou uma muralha de pedras que saíram do chão e cercaram Mordretted, Borislán e os dois *guardas* que não foram derrubados e foi aproximando-se com pequenas pedras girando ao seu redor, prontas para atravessar o que ele desejasse com total violência.

Borislán viu sua filha.

— CATELINEEEE! — gritou Borislán, preocupado.

— Desista, Mordretted! Você não serve para ser *Rei*! Sei de todos os seus planos de expansão. Até o apoio em partes, pois o vilarejo que planeja exterminar está fortalecendo o inimigo, mas você cometeu um crime imperdoável. Matou *Arthur* e sua família, contudo, falhou em matar o único e legítimo herdeiro do poder dele: Eu! Essa *arma* que está em minhas mãos, você a viu de forma diferente nas mãos de *Arthur*. Ela é a famosa *Excalibur*. Isso prova tudo que estou falando. Renda-se e pague pelos seus crimes! — ordenou Landerran, seriamente.

Mordretted ficou sem reação com o que ele havia falado. Os *guardas* que sobraram largaram suas armas e cochicharam entre eles sobre o que Mordretted havia feito, de ter matado *Arthur*.

— *Vossa Majestade*! O que ele quis dizer sobre ser o único herdeiro? O que o senhor fez com o *Rei Arthur*? O senhor o matou? — perguntou Borislán, olhando descrente para Mordretted.

— Onde está Nirhir quando se precisa dele? — disse Mordretted, desesperado e sem saber o que fazer.

Subitamente Beofirk apareceu por trás, puxou Cateline para perto dele e se afastou. Landerran se distraiu e direcionou as pedras que estavam flutuando ao seu redor na direção de Beofirk atingindo seus braços e costas e derrubando-o.

Mordretted aproveitou a distração do garoto, sacou sua espada e tentou atacá-lo. Landerran assustou-se e direcionou um ataque todo desajeitado na direção de Mordretted arremessando-o para longe, fazendo-o chocar-se contra a muralha de pedra que ele havia erguido para cercá-los. Borislán também foi atingido e caiu gravemente ferido.

— PAIIII, NÃOOOOOOO! — gritou Cateline, correndo até Borislán.

Ela passou por Landerran, chorando, e chegou até o pai. Ela o colocou no seu colo pedindo para ele acordar. Ele já não respirava mais.

— Cateline! Perdoe-me! — disse Landerran, se lamentando.

Ela o ignorou e continuou chorando desesperadamente.

— Já conseguimos o que queríamos. Agora vamos! — disse Merllinhin, parecendo preocupado.

Landerran estava perdido sem saber o que fazer. Cateline pegou algo da cintura do pai.

— Vamos, Landerran! Mais *guardas* podem aparecer. Vamos *saltar* para fora daqui.

Beofirk se levantou com muito custo.

— Era para você estar morto, seu *magô*. Eu mesmo o havia matado.

— Sim me lembro de você — respondeu Merllinhin, pensativo e preocupado.

Landerran foi até Cateline.

— Vamos! Prometi que ia te proteger e vou. Você pode ser a resposta para tudo. Preciso que viva.

Cateline sem olhar nos olhos de Landerran se levantou e se aproximou dele ainda chorando. Ele chegou mais perto para abraçá-la. Ela correspondeu ao abraço, mas...

— Por... que, Abi... ga... il?

— Não sei do que está falando. Eu te perdoo, mas não pela morte do meu... pai — disse Cateline, com uma faca enfiada no abdome de Landerran.

Ele desativou o *Ikihatsunukishi* e se afastou dela. A faca ensanguentada, permaneceu na mão de Cateline. Landerran pôs a mão no ferimento e caiu de joelhos sentindo muita dor.

— Maldição! — disse Merllinhin, correndo até Landerran.

Ele usou uns sedativos no garoto, mas o ferimento era muito profundo. Para salvá-lo, tinha que saltar com ele até o laboratório. Merllinhin estava acionando o *controle* no braço para *saltar* quando Beofirk apareceu de repente e, com um golpe desajeitado devido à dor nos braços, conseguiu acertar o braço de Merllinhin onde ficava o *controle do dispositivo de salto entrelaçado*, danificando-o. Beofirk deixou a sua espada cair. Merllinhin, com o outro braço, o derrubou com seu *cajado*.

— Maldição! — disse Merllinhin, sem saber o que fazer.

Ele pegou Landerran no colo e tentou sair dali. Só tinha um caminho, pois, no outro, a muralha ainda permanecia de pé. Mais *guardas* com espadas e flechas apareceram e os cercaram.

— Seu *magô* maldito! Vai me pagar! — disse Mordretted, muito ferido e sendo ajudado por dois *guardas*.

Merllinhin estava perdido, pois o *controle* que foi danificado era o que controlava seus recursos *eletrônicos*.

Landerran, tonto com o efeito dos anestésicos, tentou ficar em pé.

— Calma! Você pode morrer se fizer esforço — disse Merllinhin, sem esperanças de salvá-los.

Cateline, em meio à confusão, tentou sair sem ser percebida.

— Para onde vai? Junte-se a eles! — ordenou Mordretted.

Ela se aproximou de Landerran e Merllinhin.

— Sei que anda roubando de mim, garota. Você terá o mesmo destino deles.

Landerran tentou ativar seu *Ikihatsunukishi*, mas a dor se intensificou e ele caiu. Merllinhin o segurou a tempo.

— Desculpe-me garoto, mas não posso salvá-lo.

— Tudo bem! — disse Landerran, sorrindo.

Mordretted acenou com o braço e todos os arqueiros atiraram neles sem piedade.

A última visão de Landerran foi Cateline sendo atingida por flechas que pareciam vir de todas as direções e a última sensação foi o calor de uma mão em seu rosto.



CAPÍTULO 29

VERDADE OCULTA

LANDO

— Hã?! Estou morto?

Estava deitado na minha cama que parecia mais macia e quente.

— Ela é a chave! Ela não pode morrer! — pensei, convicto de que Cateline era a resposta para tudo.

Não tinha total certeza se estava no *loop* e, para confirmar, levantei-me, peguei meu *Tab P* e pedi a minha *AI* para fazer a busca pelo contato da Abigail.

— *Contato não encontrado.*

Confirmando onde estava, voltei a deitar-me.

— O que eram os *Specrenerkrihihz*? Por que ele os temia tanto? — fiquei me questionando.

Merllinhin havia feito novamente a *conexão neural*, mas, antes que eu pudesse *ver* mais coisas, ela foi interrompida. Precisava voltar e concluir os pensamentos que ainda estavam vagos, sem respostas.

— Nirhir! Dessa vez vou direto nele. Tem coisas que pode ser que ele saiba, mas...

Continuei elaborando uns planos antes de voltar. Fiquei por um tempo deitado, pensando, mas resolvi levantar e ir logo até o *calabouço* para voltar o quanto antes. Ajeitei-me e saí. Chegando ao *dormitório* do Sr. Joseph, ele estava chegando junto.

— O que faz aqui meu jovem?

— Vamos direto ao assunto...

Expliquei o necessário a ele. Pouco tempo depois já estava no calabouço, de frente para a espada fincada na pedra. Me aproximei.

— Abigail, dessa vez vou te proteger a todo custo! Não falharei! — disse, tocando na espada, confiante de voltar.

Sem esperar minha visão voltar totalmente, levantei rapidamente e chamei Tristan.

— Vamos ali comigo!

— Para onde, filho? O que houve? Teve um pesadelo?

— Não, apenas me acompanhe que vou lhe mostrar uma coisa.

— Espere, filho! — disse Tristan me acompanhando.

Segui para irmos embora e, de longe, vi os *guardas* cobrando os impostos.

— Isso! Isso que ia te mostrar!

Os *guardas* estavam maltratando o povo enquanto cobravam os impostos.

— Como você sabia? — perguntou Tristan, parecendo confuso.

— Por aqui! — disse, tentando não ser visto pelos *guardas*.

Quase fomos pegos, mas um senhor nos ajudou e nos escondeu a tempo. Agradei e prosseguimos.

— O que está havendo, Landerran? — perguntou Tristan, quando já estávamos longe da visão dos *guardas*.

— É uma longa história, mas escute com atenção.

Enquanto caminhávamos, fui explicando o necessário para convencê-lo a me acompanhar e encontrarmos Merllinhin. Ele reagiu, surpreso como o esperado, mas, no fim, acompanhou-me sem resistência. Logo avistamos Ekinilr Merllinhin.

— Ele vai reagir de maneira meio agressiva, mas fique tranquilo que ele não vai nos atacar.

— O que quer dizer com isso, Landerran?

Ekinilr Merllinhin se aproximou em uma carroça carregando um baú.

— *Hey!* Merllinhin. Não desapare... ça!

Como esperado, ele sumiu e apareceu atrás de mim, me ameaçando. Expliquei na medida do possível o que aconteceu e, depois de um tempo, ele aceitou minhas explicações.

Tristan ficou surpreso com a aparição de Merllinhin e comigo, com todas as coisas que eu estava prevendo. Seria difícil convencer Merllinhin a fazer uma *conexão neural* comigo, por isso decidi buscar umas respostas antes de ir atrás do *Ikihatsunukishi*.

— Vamos, precisamos encontrar Nirhir!

— Quem? — disseram Merllinhin e Tristan, quase ao mesmo tempo.

— Confiem! Sei o que estou fazendo! Já vivi esse tempo mais de uma vez!

Merllinhin pareceu não querer seguir meu plano, mas contei sobre o que Nirhir fez com *Arthur* e ele seguiu comigo. Subimos na carroça.

— Sei que tem água. Estou com sede — disse, olhando para Merllinhin.

Ele me deu a água.

— Gelada! Excelente — disse, bebendo como se fosse a coisa mais refrescante nesse lugar.

— Gelada?! — questionou Tristan.

Eu ri, mas não respondi.

— E esse baú? — perguntei, já sabendo que era falso.

— Você já sabe! — disse Merllinhin, querendo rir.

Entramos numa floresta.

— Vamos ficar cautelosos. Vão aparecer *saqueadores*.

— Já os percebi! — disse Merllinhin, olhando para os lados.

— *Salte* atrás do líder. Ele tem uma *tatuagem* no pescoço.

— *Velho*, entregue esse baú — disse Bokkohis.

Havia homens armados com espadas e arco e flechas. Imediatamente Merllinhin desapareceu e surgiu atrás de Bokkohis, ameaçando-o com a lâmina do seu *cajado*.

— Mande seus homens recuarem e sumam! — ordenou Merllinhin, aos ouvidos de Bokkohis.

Ele permaneceu imóvel, olhando para todos os seus homens que apontavam as armas para eles e que aguardavam uma ordem.

— Abaixem as armas! AGORA! — gritou Bokkohis, assustado.

Merllinhin o soltou e se afastou cautelosamente. Bokkohis seguiu em frente e se virou olhando para Merllinhin.

— Um *magô*! Você ainda vai pagar por isso, seu *insolente* — disse, furioso e assustado.

Bokkohis e seus homens foram embora.

— Você ainda continua surpreendendo — disse Tristan para Merllinhin.

Ele riu para Tristan e me olhou guardando o sorriso.

— E agora, o que acontece? — questionou Merllinhin.

— Vamos continuar que logo vamos encontrá-lo.

Eles voltaram para a carroça e seguiram caminho. Depois de um tempo, dois *guardas* aparentemente bêbados se aproximaram.

Nirhir, acompanhado de Dodortkis, reconheceu Merllinhin e imediatamente saltou do cavalo e sacou sua espada. Merllinhin saltou para trás dele e o ameaçou. Aproximei-me deles e peguei a espada de Nirhir. Dodortkis estava tão bêbado que não sabia o que fazer.

— Deixem-no! — disse Dodortkis, tentando sacar sua espada e deixando-a cair após empunhá-la.

Tristan se aproximou e pegou a espada dele.

— Pegue as cordas deles e amarre-o — disse Merllinhin para Tristan.

Nirhir estava tão bêbado que não reagiu, mas, pelo seu olhar de ódio, parecia que a qualquer momento ele poderia reagir.

— Consegue *saltar* todos nós até seu esconderijo? — perguntei para Merllinhin.

— Não tenho certeza, mas posso nos deixar próximos.

— Então vamos, porque Beofirk pode aparecer a qualquer momento!

Ficamos perto de Merllinhin e ele acionou *controle* no seu braço. Minha última visão foi de uma flecha que parecia que ia nos acertar!

Surgimos perto do local onde ficava o *esconderijo*. Caminhamos um pouco até chegar à cachoeira.

— Essa passou perto! — comentei, assustado.

— Vamos! — disse Merllinhin, indo atravessar a cachoeira.

Nirhir e Tristan olhavam para tudo, surpresos.

— Hã?! O que é isso? O que são essas coisas? — perguntou Tristan, espantando e olhando para todos os lados.

— Bem-vindo ao meu *laboratório*.

— O que é tudo isso? — perguntou Tristan, tocando em alguns *botões luminosos* de um *painel de controle*.

— Cuidado com isso! Não mexam em nada! Coloque-o aqui — disse Merllinhin, apontando para uma cadeira acolchoada.

Tristan colocou Nirhir na cadeira.

— O que faremos, garoto do futuro?! — perguntou Merllinhin.

— Futuro — sussurrou Nirhir.

— Você tem algum soro da verdade ou algo do tipo? — perguntei para Merllinhin.

— Não sei o que é isso, mas se está querendo que ele diga tudo que sabe, não tenho equipamentos para isso.

— Então vamos torturá-lo — disse, parecendo sério.

— Não vamos fazer isso! Não somos assim — retrucou.

Também não era assim, mas sugeri essa opção para saber a reação deles.

— Então não sei o que fazer. Sabemos que ele matou *Arthur* e *Millani*, mas precisamos saber o que aconteceu com detalhes.

— Soltem-me! Vocês não conseguirão as informações que querem — disse Nirhir, parecendo sério e nervoso.

— Se é preciso entender o que houve com *Arthur* e ele tem as respostas, há um jeito de obtê-las — disse Merllinhin, após um tempo pensativo.

— Você disse que não tem nenhum soro da verdade! — falei, impaciente.

— E não tenho, mas tem um jeito! Fazer uma *conexão neural* com ele. Posso obter todas as informações que estão no cérebro dele, mas ele também obterá as minhas — disse Merllinhin, parecendo muito preocupado.

Fiquei surpreso. Então a *conexão* era uma troca de *todas* as informações *neurais*. Eu queria muito fazer uma *conexão* com Merllinhin para tentar entender os pensamentos e buscas dele, mas ele ia ter todos os meus também.

Ficamos todos em silêncio por um curto tempo. Merllinhin se aproximou de Nirhir e estendeu suas mãos na direção da cabeça dele.

— O que vai fazer comigo? Afaste-se de mim! — disse Nirhir, nervoso.

Merllinhin o tocou na cabeça e os olhos deles ficaram azuis brilhantes. Eu e Tristan olhamos para eles, surpresos. Tristan parecia estar mais surpreso e assustado. Depois de poucos minutos eles se desconectaram. Nirhir desmaiou.

Merllinhin se afastou e colocou a mão no rosto. Tristan foi até ele.

— Tudo bem, meu amigo?!

— Sim, sim. Você estava certo, garoto! Ele tem total envolvimento com a morte de *Arthur*.

— Isso eu já tinha certeza. O que mais descobriu? — perguntei.

Merllinhin apontou para Nirhir que estava desmaiado.

— Ele é o pai de Mordretted.



CAPÍTULO 30

O SEGREDO DO REI

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN

— Como?! — perguntou Tristan, confuso.

— Mordretted é filho de Nirhir com Morganna, falecida irmã de *Arthur*.

Tristan arregalou os olhos de surpresa e abaixou a cabeça pensativo.

— Estava falecida até o momento, porém está viva e é conhecida por *Norinna* e é a proprietária de um *bar* no meio de uma floresta. Morganna e Nirhir planejaram tudo para tirar *Arthur* do poder. Ela forjou que estava doente e morrendo. Morganna entregou Mordretted para o irmão, *Arthur*, cuidar. Ele cuidou da criança como se fosse seu filho. Com a morte premeditada de Morganna, ela e Nirhir esperaram Mordretted crescer para tramarem contra *Arthur* e o filho deles assumir o poder, mas os planos foram atrapalhados quando souberam que a *rainha* teve um bebê. O legítimo herdeiro — disse Merllinhin, olhando para Landerran.

Todos permaneceram quietos e pensativos.

— Quando Nirhir e Morganna souberam do filho de *Arthur* e *Millani*, planejaram dar um fim na criança, mas Morganna não conseguiu. Nirhir agiu sozinho e envenenou *Arthur* e *Millani*.

Merllinhin olhou para Tristan.

— Você o encontrou. Você o salvou, Tristan.

Tristan começou a chorar e permaneceu calado.

— Depois disso, Nirhir criou evidências para culpar os cavaleiros da Távola Redonda. Um foi apontado como culpado e sentenciado à morte. Alguns que se opuseram acabaram sendo condenados também. Uns fugiram e outros renunciaram ao posto de cavaleiros. Assim Mordretted assumiu o poder, mas a todo momento sendo controlado por Nirhir. Morganna não aprovou o que Nirhir fez e se afastou dele, mas isso acabou afastando-a do filho também que, na mesma época, acabou sabendo da existência dela. Mordretted nunca gostou da mãe, por achar que ela o tinha abandonado e fingia que ela ainda estava morta. Nirhir, nos últimos meses, vinha mantendo contato com Morganna, porque ela queria saber notícias do filho. Nirhir, apesar de ser a pessoa que é, ainda ama Morganna, mas ela até hoje não o perdoou por sua busca impiedosa e incansável por poder.

— Interessante tudo isso. Vamos usar essas informações contra Mordretted e fazê-lo se render. Agora vamos pegar o meu *Ikihatsunukishi* — disse Landerran, afoito.

— Sim, vamos! — disse Merllinhin, sem questionar.

Landerran ficou surpreso porque esperava Merllinhin dizer que precisavam de um plano.

— Essas revelações estão sendo demais para mim. Minha vontade nesse momento é me vingar, mas, mesmo assim, acho que temos que ter um plano.

— Podemos saltar até *Cihanloft*? — perguntou Landerran.

— Não, não há energia para todos nós *saltarmos*.

— E os *discos de levitação*? Vamos usá-los!

Merllinhin pensou.

— Tudo bem!

— Vamos agora! Aproveitamos que logo começará um evento festivo na cidade e usamos o momento em que Mordretted aparece no meio do povo e o fazemos confessar na frente de todos! Vamos levar Nirhir! — disse Landerran, querendo agir imediatamente.

Merllinhin deu uma espada para Tristan. Eles se prepararam e partiram. Merllinhin carregou Nirhir no ombro. Depois um tempo de voo nos *discos de levitação* que os camuflava eles sobrevoavam a cidade que estava iniciando a festividade.

— Ele vai aparecer ali — disse Landerran, apontando para baixo.

Eles aterrissaram ao lado do castelo que não tinha quase ninguém. Só havia dois *guardas* e eles os derrubaram facilmente.

— Daqui você consegue nos fazer *saltar* até onde Mordretted vai aparecer? — perguntou Landerran para Merllinhin.

— Acho que daqui sim! Isso pode danificar meus outros recursos, contudo permitirá o *salto* sem nos matar! — disse Merllinhin, parecendo rir.

Landerran olhou insatisfeito para ele, mas não questionou.

— Então vamos aguardar ele aparecer para agirmos! — disse Landerran, confiante.

Ele estava concentrado e convicto de que seu plano daria certo. Assim que saltassem do lado de Mordretted ele pegaria a coroa e o faria confessar na frente de todos. Landerran olhou para o lado e viu a última pessoa que desejaria ver naquele momento.

— Cateline?! — disse, impaciente.

— Ela nos viu — disse Tristan.

Merllinhin lançou seu *cajado* nela.

— NÃOOO! ATACOU POR QUÊ? — gritou Landerran, partindo para cima de Merllinhin.

Merllinhin o empurrou e, com o *controle magnético* do seu *cajado*, prendeu Cateline e a puxou até ele.

— Soltem-me! — tentou ordenar Cateline.

— Solte-a! — ordenou Landerran se levantando.

Merllinhin a soltou e ela caiu.

— Afaste-se — disse Cateline para Landerran, que estava se aproximando dela.

— Acalme-se! Não vou feri-la, estou aqui para protegê-la. Sei das suas atitudes para ajudar as crianças. Mordretted sabe que você anda roubando dele e não hesitará em puni-la. Ele só não fez nada até o momento por causa do seu pai. Venha! Comigo estará segura! — disse Landerran, estendendo as mãos para Cateline.

Ela, surpresa, também estendeu a mão e Landerran a ajudou a se levantar.

— Quem são vocês? — perguntou Cateline, confusa.

— Confie! Estamos aqui para acabar com o *reinado* de tirania de Mordretted!

— Afaste-se dela! — ordenou Borislán.

Muitos *guardas* se aproximaram.

— Maldição! Não! Para trás de mim, Cateline! — ordenou Landerran, preocupado com a segurança dela.

— São muitos. Não tenho tantos recursos para enfrentar todos. E também não tem como *saltar* para fora da cidade — disse Merllinhin, preocupado.

— *Droga!* Onde está Mordretted com a maldita da coroa? Preciso do meu *Ikihatsunukishi* — disse Landerran, desesperado.

Tristan e Merllinhin se posicionaram para o ataque. Eles foram cercados.

— O que está havendo? — perguntou Mordretted se aproximando.

— Merllinhin, faça o mesmo que fez com Cateline. Pegue a coroa — disse Landerran.

Merllinhin acenou com a cabeça, confirmando, mas...

— Parado, *alienígena!* Você também, terráqueo inútil! Afastem-se! — disse Nirhir, com uma faca no pescoço de Cateline.

— Como ele conseguiu se soltar das cordas? — questionou Tristan.

— A faca! Não vimos que ele tinha uma faca escondida — disse Merllinhin, frustrado.

Ele, Tristan e Landerran se afastaram. Nirhir foi cautelosamente para perto de Mordretted com a faca no pescoço de Cateline.

— Esse planeta está condenado. A ameaça vinda dos céus um dia chegará e vocês, terráqueos, não poderão impedir. Assim como aconteceu com a espécie

desse *alienígena*, acontecerá com vocês, terráqueos fracos e inúteis! — disse Nirhir, parecendo louco.

Sem piedade, ele cortou o pescoço de Cateline. Ela segurou o ferimento que não parava de jorrar sangue e logo caiu desacordada.

— NÃOOOO! — gritou Borislan, enfurecido.

— MALDITOOOOO! — gritou Landerran.

Merllinhin aproveitou a situação e lançou seu *cajado* na cabeça de Mordretted. Com sorte ele conseguiu arrancar a coroa dele e prendê-la em seu *cajado* que voou até as mãos de Landerran. Ele retirou o *Ikihatsunukishi*, que se transformou diretamente em sua *terceira* forma. Landerran olhou para trás e viu Merllinhin com uma espada atravessada em seu peito.

— Era para você estar morto, *magô*! — disse Beofirk, tirando sua espada do corpo de Merllinhin. Ele ficou surpreso com o sangue roxo que banhava sua espada.

— MALDIÇÃOOOOOOO! — gritou Landerran em fúria.

Pedras foram arrancadas de todos os lugares e começaram a girar em volta de Landerran. Giravam cada vez mais rápido como um furacão que foi se expandindo e levando tudo o que estava no seu caminho.



CAPÍTULO 31

PASSADO E FUTURO

LANDO

— *Droga! Droga! Droga!* — disse, revoltado, socando o colchão quente e macio.

Levantei-me e peguei umas ferramentas. Segui diretamente para o *dormitório* do Sr. Joseph. Chegando, arrombei a fechadura da porta sem dificuldade. Vi que foi acionado um alarme silencioso e, sem perder tempo, arrombei a segunda porta que levava ao calabouço. Um pouco mais difícil, mas já sabendo o que fazer, arrombei sem dificuldades e desci rapidamente até onde estava fincada a *Excalibur*. Sem pensar muito, a segurei.

Sem esperar minha visão voltar totalmente, levantei rapidamente e chamei Tristan.

— Acompanhe-me!

— Para onde, filho? O que houve? Teve um pesadelo?

— Acompanhe-me, agora! Vou lhe mostrar uma coisa.

— Espere, filho! — disse Tristan me acompanhando.

Continuei caminhando para irnos embora e, de longe, vi os *guardas* cobrando os impostos.

— Atenção! — disse.

Os *guardas* estavam maltratando o povo enquanto cobravam os impostos.

— Como você sabia? — perguntou Tristan, confuso.

— Por aqui — disse, tentando não ser visto pelos *guardas*.

Quase fomos pegos, mas dessa vez não precisamos da ajuda do senhor, como da última vez. Antecipei os movimentos e nos safamos.

— O que está havendo, Landerran? — perguntou Tristan, quando já estávamos longe da visão dos *guardas*.

— Escute com atenção e não me interrompa.

Enquanto caminhávamos, fui explicando tudo para convencê-lo a me acompanhar e encontrarmos Merllinhin. Ele reagiu surpreso e emocionado, mas no

fim me acompanhou sem resistências. Logo avistamos Ekinilr Merllinhin.

Sem paciência, esperei ele se aproximar.

— *Hey, Merllinhin!*

Como esperado, ele sumiu e apareceu atrás de mim, ameaçando-me mais uma vez. Expliquei com detalhes tudo o que aconteceu e depois de um tempo ele aceitou minhas palavras.

Tristan ficou surpreso a com aparição de Merllinhin e comigo, com todas as coisas que eu estava prevendo.

— Isso tudo é demais até para mim — disse Merllinhin, surpreso e parecendo assustado.

— Vamos fazer Mordretted confessar e dessa vez vamos usar Morganna.

Merllinhin estava muito pensativo, como se não estivesse prestando atenção em nada ao seu redor.

— Chame os *discos de levitação* e vamos buscar Morganna.

Merllinhin, sem questionar meus planos, chamou os *discos de levitação* para seguirmos caminho sem gastar os *saltos* que poderiam ser mais úteis em outra ocasião. Tristan ficou receoso em subir nos *discos de levitação*, mas foi assim mesmo. Passamos antes no *esconderijo* para pegar todas as *baterias* reservas de energia. Prosseguimos e, depois de um tempo, chegamos ao *bar* da *Madame Norinna, Morganna*, que ficava no meio de uma floresta não muito densa.

Entramos e logo várias mulheres vieram até nós para nos seduzir.

— Quero falar com *Madame Norinna*! — disse, sem paciência.

— Para quê? Não somos suficientes para vocês? — disse uma das belas moças me acariciando.

— Não vou repetir! Onde está *Madame Norinna*? — perguntei, afastando a moça.

As meninas se assustaram com o tom ameaçador da minha voz. Merllinhin apontou o *cajado* para elas. As meninas gritaram.

— O que está acontecendo aqui?! — perguntou *Madame Norinna*.

Ela se assustou com nossa presença.

— Preciso que nos acompanhe, *Madame Norinna*, ou melhor, Sra. Morganna! — disse.

— Quem são vocês?! — perguntou Morganna, assustada.

— Estamos aqui para impedir seu filho Mordretted! Sabemos de tudo! Eu sou o verdadeiro herdeiro do *Rei, Rei Arthur*.

Morganna me olhou, surpresa, e começou a chorar. Ela se aproximou de mim, mas Merllinhin a impediu.

— Então você sobreviveu! Perdoe-me! Nirhir passou dos limites. Eu só queria que meu filho tivesse uma vida mais significativa — disse a Sra. Morganna,

parecendo arrependida.

— Eu sei! Agora nos acompanhe! Temos que impedir que Mordretted continue a maltratar o povo. Ele não tem sabedoria para governar *Cihanloft*!

Morganna, parecendo ter ciência que Mordretted não estava sendo um bom *Rei*, aceitou nos acompanhar.

— Vamos! — disse Merllinhin, chamando os *discos de levitação*.

— Espere! Onde estão aquelas *correntes magnéticas*? Vamos esperar Nirhir, ele está vindo para cá!

Morganna ficou surpresa com o que falei. Merllinhin pegou as *correntes* que estavam juntas com os *discos de levitação*. Esperamos escondidos Nirhir, que apareceu logo que anoiteceu.

— Chegamos! Hoje quero duas — disse Dodortkis, quase caindo do cavalo.

Nirhir desceu do seu. Ele viu Morganna na porta.

— O que faz aqui fora?! — perguntou Nirhir, desconfiado.

— Não tive escolha — disse Morganna.

Nirhir foi amarrado pelas *correntes magnéticas* antes que tivesse tempo de reagir. Aproximamos-nos deles.

— Quem são vocês?! — perguntou Nirhir, confuso e bêbado.

Expliquei tudo o que sabíamos para ele, que ficou sem reação e muito surpreso com o que falamos. Dodortkis estava tão bêbado que nem tivemos trabalho para lidar com ele. Tristan pegou a espada dele.

— Agora podemos ir. Vamos até Mordretted — disse.

Merllinhin chamou os *discos de levitação*.

— Como vamos levar todos? — perguntou Tristan.

Merllinhin ia dizer algo, mas eu falei primeiro:

— Merllinhin, pegue a Sra. Morganna no colo. Nirhir vai pendurado pelas *correntes* no *disco de levitação* de Tristan.

— Mas não terá energia para chegar até *Cihanloft*!

— Eu sei! — disse, confiante.

Merllinhin, envergonhado, pegou a Sra. Morganna no colo. Levantamos voo. Nirhir e Morganna estavam surpresos por estarem voando. Em pouco tempo já estávamos próximos do castelo.

— Não vai dar! Não tem...

— Como já disse, eu sei! Para um *salto*, acho que tem!

Merllinhin riu e saltamos para *Cihanloft*. Quando sobrevoamos a cidade, já estava acontecendo o evento festivo, então esperamos o momento certo em que Mordretted ia aparecer para o povo em um tipo de palco.

A energia dos *discos* estava no limite e comecei a ficar preocupado se daria para permanecermos no ar até Mordretted aparecer. Para meu alívio logo depois ele

chegou. Tinha alguns *guardas* em sua volta, mas nos aproximamos cautelosamente. Silenciosamente e bem acima de Mordretted, soltamos Nirhir. Ele caiu na frente dele.

— O que?! Você? De onde surgiu? — questionou Mordretted, assustado.

Logo em seguida, pulamos dos *discos de levitação*. Tristan derrubou os *guardas* que estavam em volta. Merllinhin o ajudou. Eu pulei atrás de Mordretted e tirei sua coroa. Peguei o *cristal* que parecia com uma *pedra* e o ativei transformando o *Ikihatsunukishi* na *segunda* forma.

Eu apontei o *Ikihatsunukishi* para ele. O povo estava assustado, mas, ao mesmo tempo, olhando para o palco tentando entender o que estava acontecendo. Muitos *guardas* acompanhados de Borislán nos cercaram. Com seu *cajado*, Merllinhin amplificou nossas vozes para toda a cidade ouvir. Eu comecei...

— POVO DE *CIHANLOFT*, ESCUTE! — disse.

Todos se assustaram e permaneceram quietos olhando para o palco. Continuei falando.

— ESSE QUE CHAMAM DE *REI* NÃO TEM SANGUE REAL. ESSE QUE ESTÁ AMARRADO, NIRHIR, FOI QUEM MATOU *ARTHUR* E SUA ESPOSA. FOI TUDO UM PLANO PARA MORDRETTEDE ASSUMIR O PODER, ELES SÃO PAI E FILHO!

Todo o povo ficou surpreso. Os *guardas* não sabiam o que fazer.

— MENTIRAAAA, SEU INSOLENTE! VOCÊ NÃO TEM COMO PROVAR NADA! — disse Mordretted, parecendo desesperado e olhando para Nirhir.

Merllinhin acionou o *controle* no seu braço e o *disco de levitação* onde a Sra. Morganna permaneceu, desceu e parou na frente de Mordretted.

— NÃO PODE SER! — disse Mordretted, sem saber o que fazer.

— MEU FILHO! — disse a Sra. Morganna, se aproximando para abraçar Mordretted.

— AFASTE-SE! VOCÊ ME ABANDONOU!

— NÃO ERA PARA AS COISAS TEREM TOMADO ESSE RUMO! QUERÍAMOS O MELHOR PARA VOCÊ, MAS NIRHIR PERDEU A RAZÃO E COMETEU UM CRIME. MEU IRMÃO, *ARTHUR*, IA TE NOMEAR *REI* POR VONTADE PRÓPRIA, MAS COM A GRAVIDEZ DA RAINHA, TUDO MUDOU! SEU PAI, NIRHIR, PASSOU DOS LIMITES, MAS VOCÊ NÃO PRECISA SEGUIR O MESMO CAMINHO! PERDOE-ME, MEU FILHO!

— NÃOOOO — disse Mordretted, chorando.

Todos em *Cihanloft* olhavam para ele, surpresos com as revelações. Mordretted se ajoelhou na frente de Nirhir.

— POR QUÊ? APESAR DE GOSTAR DOS LUXOS, ODEIO SER REI. NÃO GOSTO DE FINGIR SER BONZINHO. ODEIO ESSE POVO IMBECIL. SÓ FIZ

O QUE FIZ PORQUE VOCÊ ME DISSE QUE ERA NECESSÁRIO. ODIEI MINHA MÃE ESSE TEMPO TODO, ACHANDO QUE A IDEIA HAVIA PARTIDO DELA, MAS FOI TUDO VINDO DE VOCÊ. COMO PÔDE FAZER ISSO COM ELA?

Mordretted se levantou, sacou sua espada e atacou Nirhir, fincando sua espada no peito dele, mas alguém pulou na frente e recebeu o ataque junto.

— MÃEEEE?! POR QUÊ? — questionou Mordretted, chorando e retirando a espada que atravessou o corpo deles.

— TUDO ISSO TAMBÉM FOI CULPA MINHA. A IDEIA REALMENTE PARTIU DE MIM, DE QUERER TE DAR O MELHOR. EU ENGANEI MEU IRMÃO FORJANDO MINHA MORTE POR CAUSA DE UMA DOENÇA MORTAL. NÃO DEVIA TÊ-LO ENTREGUE PARA ELE. TALVEZ UMA VIDA SIMPLES FOSSE A MELHOR ESCOLHA PARA VOCÊ. PERDOE-ME! — disse Morganna, chorando.

Nirhir tocou no rosto dela e disse:

— POR QUÊ? VOCÊ ME ODEIA PELO QUE FIZ COM SEU IRMÃO? VOCÊ NUNCA ME PERD...

Morganna o beijou na boca e, logo em seguida, a luz deixou seus olhos. Nirhir chorou e morreu também.

Mordretted, horrorizado pelo que tinha feito, ergueu a espada contra o próprio abdômen e...

— NÃO FAÇA ISSOOOO! — gritei.

Havia sido tarde. Ele atravessou o próprio corpo com sua espada, olhou para todos ao seu redor e suplicou:

— PERDOE-ME, POVO DE *CIHANLOFT*!

Com muito esforço ele se aproximou dos pais e tentou abraçá-los, mas caiu em cima deles derramando suas últimas lágrimas.

Todos ficaram sem reação e tristes com o que tinha acontecido. Muitos choravam.

Merllinhin se aproximou de mim.

— ACABOU, LANDERRAN! AGORA É VOCÊ QUEM VAI GOVERNAR *CIHANLOFT*, FILHO DE *ARTHUR*! HERDEIRO DO REI!



CAPÍTULO 32

NOSSO FUTURO

LANDERRAN TRISTAN MERLLINHIN

Landerran olhou para todos ao seu redor. Ele desativou o *Ikihatsunukishi*. Tristan se aproximou e ajoelhou-se diante de Landerran. Os *guardas* ao redor começaram a se ajoelhar para ele. Merllinhin desativou o amplificador e fez o mesmo, assim como todos de *Cihanloft*. Beofirk apareceu do lado de Borislan. Ele, que havia visto tudo, acenou com cabeça para seu irmão e logo em seguida ajoelhou-se. Borislan sorriu e se ajoelhou também. Cateline apareceu do lado do pai.

— Cateline?! — disse Landerran, surpreso e parecendo aliviado.

— Filha?! — disse Borislan, se levantando.

— Você me conhece? — perguntou Cateline, confusa.

Landerran deu um sorriso.

— Não, não conheço!

— Como sabe meu nome então?!

Landerran não respondeu e virou as costas para ela. Ele foi até Tristan e Merllinhin.

— Vamos! Aqui já resolvemos! Agora vamos!

— Então você não vai governar, *Cihanloft*? — perguntou Merllinhin.

— Por mais que eu queira, não pertenço a esse tempo. Minha vontade é voltar. Ajude-me a voltar — pediu Landerran querendo chorar.

Tristan o abraçou. Landerran retribuiu o abraço e, depois disso, Merllinhin *saltou* para fora da cidade. Eles não puderam ir muito longe por causa da limitação de energia do *salto entrelaçado*.

— Quase que matei a gente com esse *salto* sem energia. É uma longa caminhada e andar à noite não parece uma boa ideia. Devíamos ter ficado — disse Merllinhin, rindo.

Landerran riu também.

— O que vamos fazer? Deveríamos voltar e esperar amanhecer. Pegamos uns cavalos e vamos seguir para onde queiram ir — disse Tristan, não enxergando muito bem no escuro da noite.

Merllinhin iluminou o caminho com seu *cajado*.

— Tem um amigo. Podemos ir até ele. Não é muito longe.

Landerran sorriu.

— Sim, vamos! Chega de confusão por hoje! No momento só quero descansar.

Eles caminharam por um tempo e chegaram numa fazenda. Aproximaram-se de uma pequena casa e Merllinhin bateu na porta.

— Olá, meu amigo! Perdão por aparecer a essa hora, mas... — disse Merllinhin.

— Leodegann, meu velho amigo! — disse Tristan, abraçando o dono da casa.

— Sejam bem-vindos, meus velhos amigos! Venham, entrem. Não tem problema, já esqueceu que tenho uma dívida com você, Merllinhin? Entrem! Entrem!

Eles entraram e se acomodaram. Merllinhin explicou tudo o que havia acontecido. Leodegann ficou surpreso e feliz porque, com o fim de Mordretted, sua família poderia ter uma vida mais tranquila, sem se preocupar com perseguições.

Todos passaram parte da noite conversando e, depois de um tempo, foram descansar.

Eles acordaram ao amanhecer, alimentaram-se e se ajeitaram para partir. Leodegann lhes deu cavalos. Eles se despediram e seguiram de volta para o *laboratório* de Merllinhin.

— Com tanta *tecnologia*, terminamos em cavalos — disse Landerran, rindo.

— Sim! — disse Merllinhin, olhando para o céu.

Landerran se lembrou da *nave* de Merllinhin que estava na lua e que ele não tinha recursos para ir até lá.

— Ainda não consigo entender tudo que falam — disse Tristan, confuso.

Landerran e Merllinhin trocaram olhares e permaneceram quietos rindo. Eles seguiram caminho e já era tarde quando chegaram.

— O que será do futuro de *Cihanloft*? — perguntou Tristan.

— Se um dia eu voltar para meu tempo, Landerran vai permanecer. Ele governará e vocês o guiarão para ser um *Rei* sábio e justo — disse Landerran, emocionado.

Merllinhin sentou-se e diante de algo que parecia um computador, começou a analisar uns dados. Tristan se acomodou em um canto acolchoado. Landerran se aproximou de Merllinhin.

— Não te contei, mas sei sobre os *Specrenerkrihihz*. Sei que quando saiu de *Cihanloft* foi em busca de outros como *Arthur*. Ainda tem coisas que preciso entender. Talvez se concordasse em fazer *conexão neu...*

— Não! Você não aguentaria o fluxo de troca de informações. Um terráqueo não aguentaria.

— Mas... Se você disse que não sabe como essa *arma*, forjada de Enerkry, veio parar aqui no planeta, então confirma que é uma *tecnologia alienígena*. Alguém bem antes de você deixou isso aqui e, para *Arthur* e eu termos o controle dessa *arma*, provavelmente fomos abduzidos ou também não somos deste planeta.

Merllinhin parou e se levantou. Ele olhou seriamente para Landerran e o tocou no rosto. A *conexão neural* iniciou.

— Merllinhin!

— Lando!

— O que está havendo?! — perguntou Landerran, confuso.

— Sou o Merllinhin do seu tempo de origem! Vi tudo o que aconteceu com você até o momento! Esse momento seria o final perfeito para você, mas não para o Universo. Na sua linha de tempo de origem, a história não aconteceu de nenhuma dessas formas que você explorou e nada que fez fará mudar sua realidade. Meus experimentos com o tempo me fizeram ver o futuro e você. Vou te esperar e te guiar! Você deve voltar. Toda experiência e conhecimento que adquiriu serão de suma importância. O futuro dependerá disso!

Merllinhin começou a desaparecer. Landerran olhou para suas mãos e as mesmas também começaram a sumir. Logo depois suas visões foram ofuscadas por um intenso brilho azul.



CAPÍTULO 33

ENTRELAÇAMENTO TEMPORAL

LANDO

— Hã?! O que houve?! — perguntei, confuso.

— Tudo bem! Você voltou.

— Hã?! Sr. George!

Estava com o *Ikihatsunukishi* desativado na mão. Vi que ele não estava mais fincado na pedra.

— O que houve, Sr. George?!

— Você retirou o *Ikihatsunukishi* e ele voltou à sua forma de *crystal*.

Comecei a chorar, aliviado, mas logo me contive.

— Como o senhor sabia o que ia acontecer?!

— Venha! Levante-se! — disse o Sr. George, estendendo a mão para me ajudar.

Peguei a mão dele para levantar e uma *conexão neural* aconteceu.

— Merllinhin!

— Disse que ia te esperar! — disse o Sr. George, se transformando em Merllinhin.

— Então era o senhor esse tempo todo. O senhor era a chave para me fazer voltar! Achava que era Cateline quem me prendia no *loop*. Achei isso porque toda vez que ela morria eu voltava no tempo, no *loop* alterado, mas acabei de perceber que voltava por causa da morte de Merllinhin. Voltava toda vez que ele, o senhor, morria.

Merllinhin acenou com a cabeça, confirmando.

— Então o senhor descobriu. Realmente existem outros aqui nesse planeta.

— Sim! Encontre-os! Juntem-se! Só vocês podem enfrentar a ameaça que está por vir!

— Mas o senhor sabe se temos chance de vencer?

Merllinhin abaixou a cabeça.

— Se preocupe em encontrar os outros. Preciso ir! Têm coisas que preciso verificar fora daqui. Só estava esperando esse momento para poder partir. Agora é com você!

— Vai voltar para sua *nave*? Para onde vai? Na *conexão* não consegui ver o que irá fazer.

Merllinhin não me respondeu e desapareceu como se tivesse dado um *salto entrelaçado*.

Saí do calabouço e procurei por ele, mas não o achei. Tinha um recado em papel sobre uma mesa.

— Recado em papel? Quem ainda escreve em papel? — pensei.

Peguei o recado e li:

Adeus, meu amigo! Encontre os outros e mantenham-se unidos. Espero um dia nos encontrarmos de novo, mas, se isso não acontecer, proteja quem você ama a todo custo, com a mesma bravura que Landerran! Siga seu destino! Siga seu coração!

Fiquei emocionado com o recado. Saí do *dormitório* dele e fechei a porta, que já havia arrombado em outra realidade da última vez. Pensei na situação e ri sozinho.

— Obrigado, *Hmerllinhrrhimh*! — disse, sorrindo.

Voltei para meu *dormitório*, pensativo. O tempo nem pareceu andar, mas estava cansado mentalmente como se tivesse passado muitos dias estressantes. Chegando ao meu *dormitório*, vi que as coisas estavam como eu havia deixado. O alívio tomou conta de mim e me joguei na cama. Vi meu *Tab P* e, para minha surpresa, havia uma mensagem de Abigail.

Vamos nos encontrar fora da mansão. Encontre-me no shopping às cinco horas.

[2:32 PM]

Lembrei-me que havia marcado com meu amigo Thomas. Pensei no que deveria fazer e desmarquei com ele e marquei com ela, respondendo sua mensagem. Apesar de tudo que havia acontecido conosco antes, eu precisava ouvir de sua boca que ela não gostava de mim. Com minha vida de volta, fui fazer as coisas que gostava de fazer enquanto esperava a hora de me encontrar com Abigail.

Me arrumei e saí. Antes, encontrei meu pai.

— Vai para onde, meu filho?!

— Vou ao cinema, logo mais estou de volta.

— Legal! Vai curtir um pouco suas férias escolares.

Me despedi dele e segui para o *shopping*. Cheguei e sentei numa área mais reservada. Mandeí minha localização para Abigail, avisando que já havia chegado.

Ela não me respondeu e eu a aguardei chegar. Não demorou muito e a vi se aproximando. Abigail estava linda como sempre, mas parecia triste. Levantei.

— Oi!

— Oi, Lando! Sente-se.

Esperei ela dizer alguma coisa.

— Desculpa pelo ocorrido. Seus pais quase foram punidos por minha culpa. Consegui reverter a situação, mas precisei fazer algo horrível — disse Abigail, querendo chorar.

— Tudo bem — disse, secamente. — Responda-me com sinceridade. Você me ama?

Ela começou a chorar.

— Sim! É por isso que vou fugir de casa! Não posso conviver no mesmo lugar que você e não poder nem te abraçar!

Fiquei surpreso com sua resposta. Aproximei-me dela e a abracei. Ela me olhou nos olhos como se quisesse dizer algo, mas hesitou. Nossos rostos se aproximaram inconscientemente e nos beijamos. Envergonhado, logo parei de beijá-la pois, alguém poderia estar nos vendo.

— O que houve?! Você não sente o mesmo por mim?! — perguntou Abigail.

— Não é isso! Também te amo, mas não quero que fuja de casa!

— Eu preciso. Não aguento mais as regras que tentam me impor. Quero viver minha vida como bem entender.

— Sim! Você pode viver como quiser, mas não precisa fugir para isso! Principalmente se for por minha causa.

— Não! Não posso! Vou fugir de casa e viver minha vida! Quando eu estiver estabilizada você vem viver comigo! — disse Abigail, parecendo empolgada.

— Não!

— Não o quê?! Não gostou da ideia?

— Não posso viver com você!

— Hã?! Mas você disse que me amava.

— Sim, eu te amo, mas não vou permitir que estrague uma vida promissora por minha causa e também...

Queria ser sincero com ela a respeito do que havia acontecido, mas seria muita loucura para ela e talvez perigoso. Não iria me perdoar se acontecesse algo com ela como aconteceram várias vezes em...

— Também vou ter que ir embora.

— Embora?! Para onde vai?!

— Vou seguir meu coração.

— E eu não faço parte disso?!

— Infelizmente, não.

Ela começou a chorar.

— Pare, Abigail! Vamos fazer o seguinte...

Ela me olhou com esperança nos olhos.

— Você volta para casa e vive sua vida da melhor forma que possa viver. Isso sem chatear seus pais. Converse com eles, tente expor seus ideais, mas sem se rebelar com o rigor das condições deles. Fazendo isso, se está disposta a me esperar, eu prometo que voltarei com todas as condições de chegar aos seus pais e pedir para eles sua mão. Vou me esforçar até ser alguém valorizado.

— Sim, mas você já é de muito valor para mim...

— Sim, mas deixe-me ir. Viva sua vida e me espere. Eu voltarei.

Ela parecia não querer aceitar esperar, mas, por fim, deu um sorriso e me beijou no rosto.

— Sim! Vou te esperar, mas não me faça esperar muito.

Ela se levantou e saiu. Ainda virou para trás uma última vez para me ver e depois foi embora.

Continuei sentado, pensando. Prometi algo que não sabia se poderia cumprir. Não sabia que perigos poderiam surgir. Tinha que procurar por outros iguais a mim. Os *Ikihatsunukishisen*. Minha última *conexão* com Merllinhin antes dele desaparecer me revelou o que ele sabia sobre os outros até o momento. Ele já havia encontrado alguns deles há muito tempo, mas algumas situações os fizeram se afastar e perder contato. Preciso começar do zero e fazer isso sem dinheiro suficiente seria difícil. Teria que começar viajando para fora do país a fim de investigar a única pista que ele me deixou sobre um dos possíveis *Ikihatsunukishisen*. Ele havia me alertado também sobre um *grupo secreto* que possivelmente também estaria atrás dos *Ikihatsunukishisen*.

Resolvi comer alguma coisa no *shopping*. Tinha que economizar já que ia precisar de dinheiro para começar. Comprei algo simples e fui comendo no caminho de casa. Voltei de ônibus. Depois de um tempo, quando estava quase no portão principal da mansão, vi uma menina de cabelos escuros até o pescoço parada, olhando fixamente para dentro. Passei pela garota e, quando estava entrando na mansão, ela me chamou.

— Hey! Você é da família *Rikarggan*?

— Não, eu trabalho para eles — respondi, cautelosamente.

— Como faço para falar com o Sr. *Rikarggan*?

— Você teria que marcar uma reunião com ele, mas acho que será difícil você conseguir — respondi, olhando para o jeito simples dela se vestir.

— Você pode me ajudar. Preciso de algo que ele tem.

— Não posso! Eu não tenho acesso direto ao Sr. *Rikarggan*. Se quer falar com ele, te aconselho a tentar por meios legais e burocráticos — disse, rindo.

— Então terei que invadir e pegar à força.

Fiquei surpreso com o que ela havia dito. Como uma simples garota ia conseguir invadir uma mansão cheia de seguranças?

— Boa sorte então! — disse, rindo e indo embora.

— Talvez o que eu vou lhe dizer não faça sentido, mas sou uma *Ikihatsunukishisen* e vou pegar o que está lá dentro a todo custo.

O AUTOR



Designer gráfico e criador de Enerkry, atualmente divide seu tempo entre o desenvolvimento de vários projetos literários, de animação e programação. É casado, tem dois filhos e mora com eles atualmente no Rio de Janeiro, Brasil.

Para mais informações acesse:

www.leandrovsilva.com.br

O limite da sua imaginação é até onde você pode imaginar.

Imagine até o infinito!

LeandroVSilva®

[Facebook](#)

[Instagram](#)

Agradecimentos

Família

Agradeço à minha esposa, *Liziane*, e aos meus filhos, *Victor Romeo* e *Vinicius Henrique*, que continuam me apoiando no desenvolvimento dessa série e em outros projetos literários.

Amo vocês e continuarei amando por toda a eternidade.

Escritor e Autor desta obra

LeandroVSilva

Autores da Série

LeandroVSilva

Daniel Barão

Revisão

Nami Nascimento

Artes Capa e Mapa

Ricardo Mango

Designer Capa

LeandroVSilva



A Série Enerkry é um enorme quebra-cabeça de mistérios, suspenses, ações, aventuras, romances, poderes inexplicáveis aos olhos humanos e muita ficção científica.

Atente-se a todos os detalhes, una todas as histórias, desvende todos os mistérios e descubra os segredos dos *Ikihatsunukishisen* e seus *Ikihatsunukishi*.

Será que seus poderes são uma ameaça aos humanos?

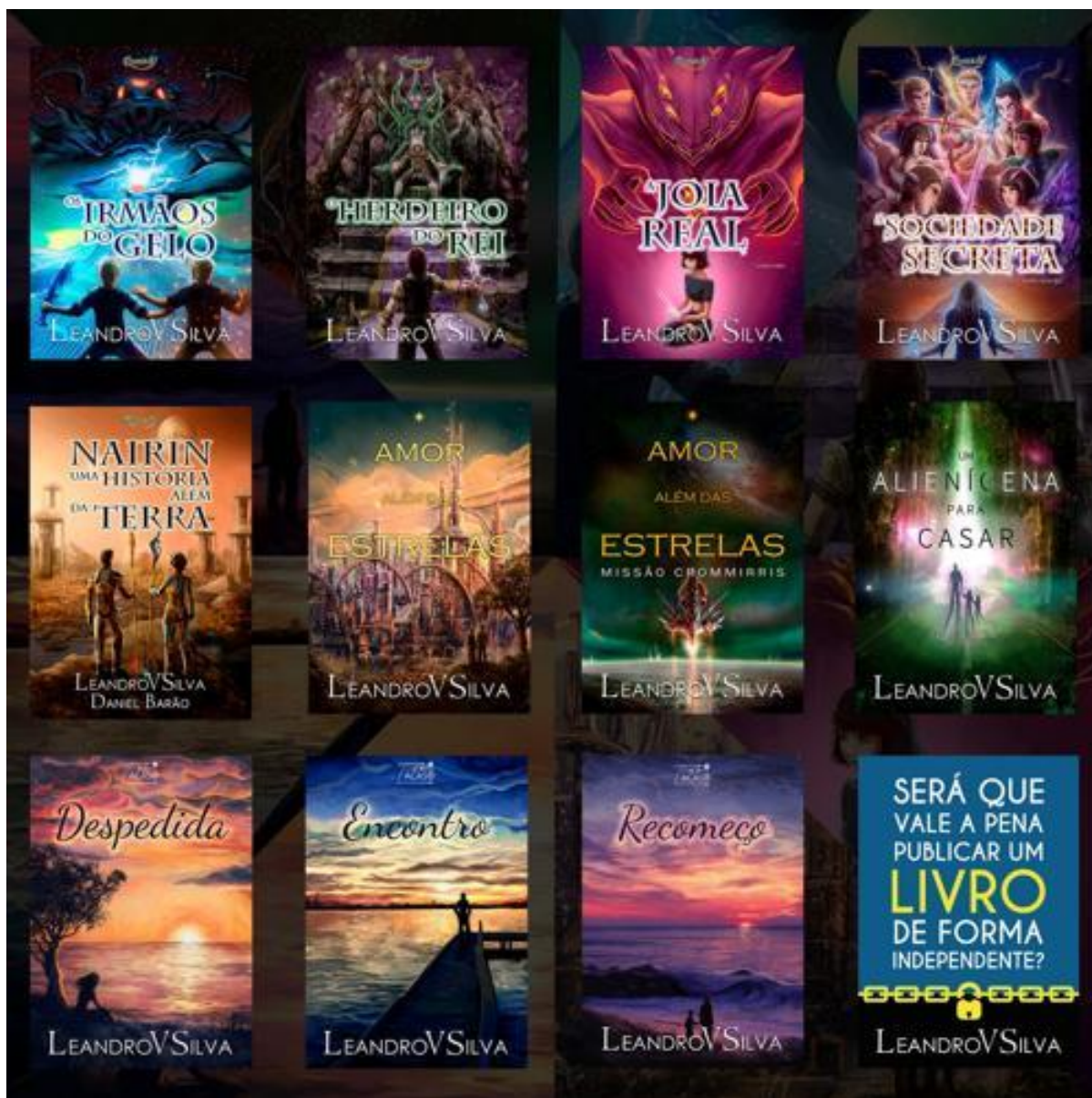
Por mais ameaçador que pareçam ser, talvez eles sejam a única esperança contra algo destruidor que se alastra pelo Universo.

Série criada por *LeandroVSilva* com colaboração de *Daniel Barão*.

Para mais informações acesse:

www.enerkry.com.br

+ LIVROS DE LEANDROVSILVA



www.leandrovsilva.com.br
www.leandrovsilva.shop
www.leandrovsilva.vip



[INSCREVA-SE](#)



PÓS-CRÉDITOS

ROGER ROMEO

— Parou por que, Romeo? — perguntou Roger.

— Senti uma coisa. Acho que senti outro *Ikihatsunukishisen* — disse Romeo, com o *Ikihatsunukishi* ativado.

— É o Victor ou alguma *criatura* com *Ikihatsunukishi*? — perguntou Roger, surpreso.

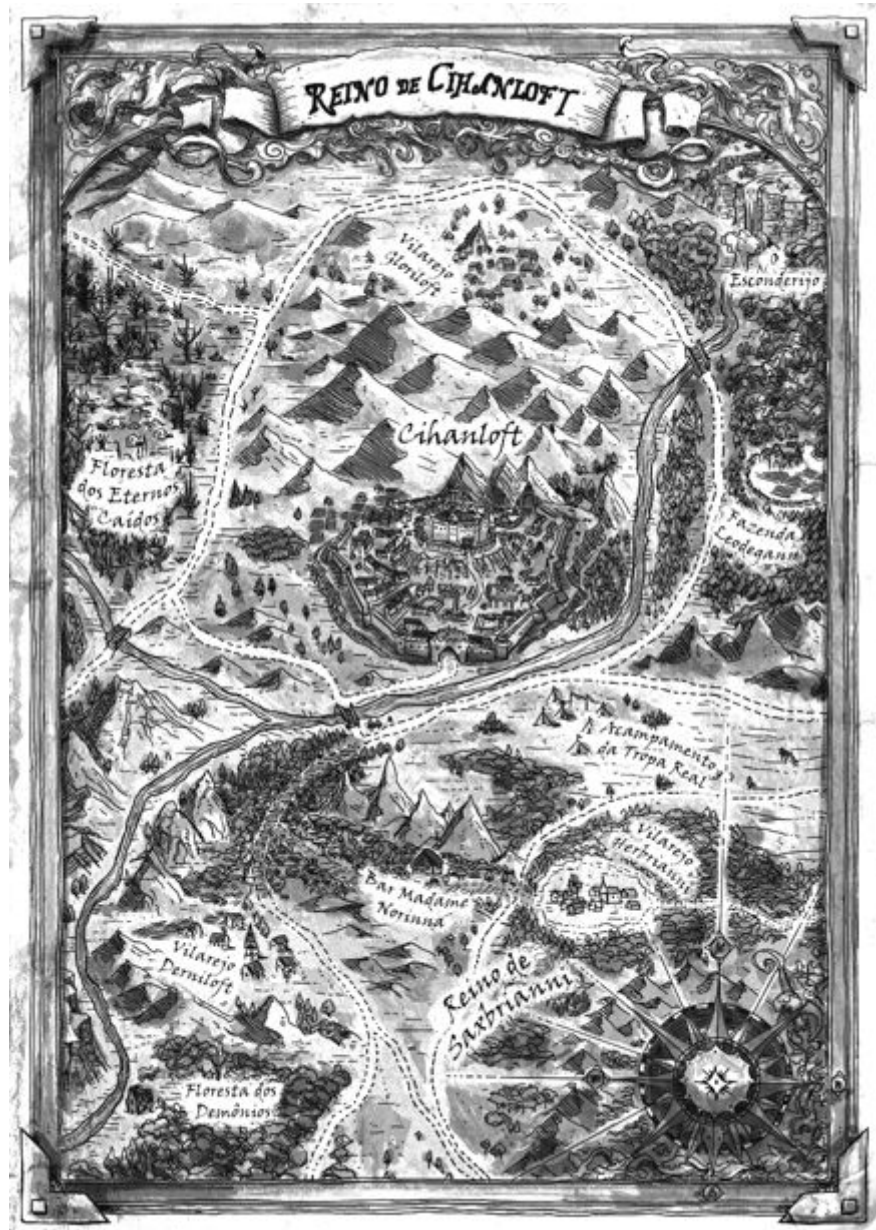
— Não. Não é nenhum dos dois.

— Mas como?! Será que existe outro *Ikihatsunukishi* *entrelaçado* com o nosso?

— Possivelmente. Como não havíamos sentido nada antes, pode ser que o seu *usuário* tenha ativado *ele* depois de muito tempo — disse Romeo, com olhar preocupado.

— Entendi. Então devemos avisar ao Sr. Donovan o quanto antes.

° HERDEIRO DO REI





A HISTÓRIA QUE ACONTECEU

PARTE 1

MERLLINHIN

— ##### # ## ##### — disse.

— Sim. Confirmado o sinal. A radiação emitida é bem fraca, mas se trata de uma Enerkry — disse Brewembifi.

— Ajustando trajetória e preparando para o *salto*.

— *Salto entrelaçado* ativado.

Chegamos a um sistema com uma estrela anã amarela. O sinal estava vindo do terceiro planeta desse sistema.

— Sinal de vida detectado — alertou, Brewembifi.

Analizamos a forma de vida e concluímos que ela ainda era primitiva, porém parecia que se tratava de uma espécie que estava desenvolvendo a civilidade.

— Não vou arriscar sermos vistos e interferir na evolução dessa espécie. Vou deixar a *nave* na lua desse planeta — disse.

Pousamos e preparei equipamentos básicos para ir até o planeta e verificar a origem da radiação emitida pela Enerkry.

— Não há nenhum sinal no *radar* que indique evidência de *naves* dos *Specrenerkrihihz* — disse Brewembifi, depois de uma análise rápida.

— Perfeito!

— Não seria melhor enviar um *drone* de reconhecimento? Eles possuem camuflagem.

— Não precisa. Eu quero conferir pessoalmente e o que poderia nesse planeta inferior ser uma ameaça para mim? — perguntei, rindo.

— Você não deve subestimar a inferioridade.

— Você está sendo sarcástico, Brewembifi?

— Fui criado para seguir ordens.

— Sim, então fique aqui e independentemente do que aconteça, espere-me. Se detectar *naves* dos *Specrenerkrihihz* fuja sem mim. Se concluir que será capturado, destrua tudo. Não podemos arriscar se as informações que temos caírem em mãos erradas.

— Afirmativo.

Com o *controle* no meu braço, ativei o *dispositivo portátil* que faz *salto entrelaçado* e desapareci. *Saltei* para um lugar próximo do local onde estava vindo o sinal da Enerkry. O ar do planeta tinha um pouco menos de oxigênio, mas era respirável para mim. Em pouco tempo, adaptei-me.

Estava perto de um local com uma grande concentração de nativos. Água descia de um morro onde eu estava e, após uma breve análise, concluí que existia um espaço interno. Usei meus *discos de levitação* e segui camuflado até o local de maior concentração de nativos.

Sobrevoando silenciosamente, vi que os nativos pareciam mais organizados do que imaginava. Eles estavam vivendo como se fossem uma sociedade. Tinha uma construção alta que parecia ser o centro de tudo. O sinal da Enerkry parecia estar vindo de lá. O estranho era que o sinal não se mantinha estável. Ele só apareceu por um curto intervalo de tempo por três vezes.

Havia me interessado pela espécie local e para poder explorar e saber o local exato do sinal emitido pela Enerkry eu teria que me disfarçar e infiltrar-me na espécie nativa. Voltei até a *nave*.

— Informações? — perguntou Brewembifi.

— Tem uma espécie nativa que parece viver organizadamente. Vou disfarçar-me e me infiltrar entre eles. O sinal da Enerkry vem do centro da sociedade deles.

— É arriscado.

— Sim, mas eles não expressam perigo. Parecem bem frágeis e domesticados. Vou levar uns *equipamentos* e instalar uma pequena base escondida para que não tenha que ficar voltando toda hora para a *nave*, caso precise de algo.

Peguei algumas coisas que achei que ia precisar e voltei para o mesmo local onde saltei da primeira vez. Ali montei a pequena base atrás das águas que desciam de um morro.

Precisava de um nativo para copiar sua aparência e aprender o modo de comunicação deles. O ideal seria fazer uma conexão neural com um deles, mas isso era arriscado, porque o nativo receberia informações da minha mente. Não queria chamar atenção, mas precisava me infiltrar entre eles.

Enquanto estava explorando o local voando nos *discos de levitação*, vi um nativo sendo agredido por vários outros. Queria interferir, mas não podia arriscar me expor. Os nativos agressores foram embora. Demorei a agir, mas fui até o nativo agredido que tinha pelos longos no rosto e parecia estar desacordado. Analisando-o, vi que estava gravemente ferido. Agindo fora da razão, *saltei* com ele para o laboratório improvisado e tentei conter seus ferimentos. Ele não ia resistir, mas se o levasse para a *nav...*

— Obrigado — disse ele, mas eu não entendia o significado da sua língua.

Percebi que o nativo era cego quando ele tentou pegar algo no ar, procurando por quem o havia ajudado.

— Obrigado — disse ele, novamente.

Ele ia morrer a qualquer momento e sem pensar nas consequências o toquei no rosto. Vi todas suas lembranças, das quais muitas foram sofridas. Aprendi sobre sua cultura e de como falar igual a eles.

— Humanos! — pensei.

De repente, a *conexão* foi interrompida. Percebi que ele havia morrido. A última visão que tive dele foi de seus entes queridos sendo assassinados e ele sendo cegado por homens cruéis. Eles eram um povo que tentava ser pacífico, mas que vivia em conflitos.

Conforme a cultura deles, eu o enterrei em um local apropriado. Eu resolvi me disfarçar como se fosse esse senhor e estava a caminho da cidade à procura do local onde o sinal da Enerkry havia sido detectado da última vez, *Cihanloft*, contudo, voltei a detectar o sinal da Enerkry novamente, mas parecia que ele não estava vindo daquilo que os humanos chamavam de castelo. Vinha de algum local ao sul desse castelo. *Saltei* até a coordenada. Chegando, me deparei com um humano me apontando um tipo de arma, uma espada, como os humanos chamavam.

— Quem é você, velho? De onde surgiu? É um *feiticeiro*, um *magô*? — perguntou o humano, apontando sua *espada* para mim.

O sinal era emitido pela *espada* dele. Como? A *espada* dele era feita, em parte, de Enerkry. Mas como? Como um humano inferior possuía algo assim? Eu também tinha uma *arma* feita de Enerkry, que foi desenvolvida para lutar contra os *Specrenerkrihihz*. Diante da ameaça e sem entender o que estava acontecendo, eu também empunhei minha *arma* feita de Enerkry.

— Que *cajado* estranho, com uma ponta de espada! Você é um *magô* estranho! O que quer comigo? — perguntou o humano, com um tom mais ameaçador.

— O que é você? Você não me parece humano. Como conseguiu essa *arma*?

Ele me olhou com uma expressão de surpresa. Sua *arma* começou a sofrer uma transformação ficando maior e ampliando o sinal que emitia da Enerkry. Pedras começaram a sair do chão e a flutuar. Quando menos esperei, elas vieram na minha direção. Consegui levantar um escudo que me salvou de algumas, mas muitas me acertaram. Meu *controle* no braço foi danificado. Tentei *saltar* para fugir, mas não consegui. Ele se aproximou para me dar o ataque final, mas se assustou.

— O que é você? Um demônio?

Vi que havia voltado à minha forma real.

— Você não entenderia! Sou um ser muito mais avançado do que você.

— Por que está atrás de mim? Por que quer me matar?

— Eu não quero te matar. Você que me atacou primeiro.

Ele abaixou sua *espada*.

— Você sabe alguma coisa sobre o poder que eu possuo?

— Não sei exatamente tudo, mas sei que essa *arma* é feita de Enerkry.

— Enerqui?

— Enerkry — disse, corrigindo-o.

Ele olhou para sua *espada* como se não entendesse o poder que tinha em mãos. Eu também não estava entendendo o poder que a *espada* dele possuía. Não sabia que as Enerkry tinham esse poder.

— Esse poder que possuo é incrível, mas não entendo porque eu possuo isso. Será que sou um *magô*? Ou *feiticeiro*? Você que é um *feiticeiro* diga-me: o que sou?

— Não sou um *magô* ou *feiticeiro*. Isso que você acha que é magia é *tecnologia*, mas em relação à *tecnologia* da sua *espada* me parece mais avançada que a minha. Como conseguiu isso?

— Ela estava presa numa pedra. Eu fui o único que consegui tirá-la. Com esse poder, consegui livrar *Cihanloft* dos inimigos e virei *Rei*.

— Entendi, mas é estranho. Quem será que deixou essa *arma* aqui. Será que os *Spec...*

Pensei na possibilidade dos *Specrenerkrihihz* já estarem aqui, mas não fazia sentido. Com uma *arma* dessas aqui, eles já teriam se revelado ou esse humano saberia alguma coisa sobre essas *criaturas*. Tudo estava muito estranho, precisava compreender o que acontecia.

— Posso te ajudar a tentar entender esse poder. Não sou um inimigo. Se essa *arma* foi forjada por alguém, quem quer que seja, sabia da existência de um inimigo em comum que destruiu meu planeta natal.

— Planeta?!

— Esqueci como você é limitado de conhecimento.

— Explique-me, *magô*-demônio!

— Não sou um *magô* e muito menos um demônio. Sou um *alienígena*.

— *Alienígena*?!

Estava difícil manter uma conversa com esse humano com nível de conhecimento tão inferior.

— Vou lhe explicar tudo, mas antes me deixe me apresentar. Eu me chamo Hmerlllinhrhimh.

Ele me olhou surpreso.

— Sou o *Rei*. *Rei Arthur*. Explique-me tudo, Merlllinhin.

— Não, é Hmerlllinhrhimh.

— Mer... llin... hin. Sim entendi.

— Não, é...

— Sim, Merllinhin. Vamos, explique-me.

Desisti de corrigi-lo e expliquei tudo, tentando ser paciente. Passou um bom tempo e parecia que *Arthur* já compreendia algumas coisas. Teve um momento em que quis fazer uma *conexão neural* com ele para trocarmos informações com mais eficiência, mas mantive a conversa que em alguns momentos chegou a ser prazerosa. Estava achando interessantes as histórias que ele estava me contando.

Ele não possuía informações concretas sobre as Enerkry e nem como ou porquê ele era o único que controlava a *arma* que ele chamava de *Excalibur*.

— Não sei se isso é coisa da minha cabeça.

— Já lhe disse. Conte-me tudo. Só assim posso tentar compreender — disse.

— Da primeira vez que toquei na *Excalibur*, quando a tirei da pedra, tive visões. Pareciam ser memórias de outras pessoas. Memórias fragmentadas. Era como se a *Excalibur* tivesse conectada mentalmente comigo. Um nome que não sai da minha cabeça é *Ikihatsunukishi*.

Olhei para ele, surpreso. Essa *arma* forjada com Enerkry era avançada e com características que ainda não estava conseguindo compreender.

— Apesar de chamar essa espada de *Excalibur*, algo me diz que esse que é o verdadeiro nome dessa *arma* mágica.

Ele não parava de olhar o *cristal* que se transformava na *espada* que chamava de *Excalibur*.

— Preciso voltar. Já estou muito tempo fora.

— Tudo bem! Eu vou... Ia até a minha *nave*, mas...

Arthur me olhou com um olhar de dúvida.

— Você destruiu meu comunicador e danificou seriamente meu equipamento portátil de *salto entrelaçado*.

Ele me olhou com mais dúvidas. Apesar de ele ter entendido parte das coisas que lhe contei, seria exigir demais que ele entendesse sobre *tecnologia quântica*.

— Acho que por enquanto estou preso nesse planeta.

Ele, mesmo com o olhar de dúvida, disse:

— Está sem casa. Venha comigo! Só vou lhe pedir para voltar àquela aparência do velho homem barbudo. Levar-te dessa forma para o castelo seria desastroso.

Eu ri com o comentário dele. Ele havia se acostumado rápido com minha forma real, que lembrava a dos humanos sendo que maior e pele azul-claro. Eu iria voltar para o laboratório provisório para tentar reparar os meus equipamentos danificados, mas resolvi acompanhar *Arthur*.

Seguimos para o castelo de *Cihanloft*. Entramos por uma passagem que ele me disse que era secreta. Passagens que poucos conheciam. Uma mulher se aproximou.

— Onde você estava, meu querido? Estava preocupada!

— Perdoe-me, *Millani*. Saí sem avisar. Deixa-me lhe apresentar um amigo: Merllinhin. Ele é um *magô*.

Ela me olhou preocupada.

— Prazer — disse *Millani* me olhando desconfiada.

Ela não se importou com minha presença e falou com *Arthur*.

— Querido, tenho uma notícia de sua irmã Morganna. Ela está muito doente.



A HISTÓRIA QUE ACONTECEU

PARTE 2

ARTHUR

Com a ajuda de Merllinhin consegui entender algumas das visões fragmentadas que obtive quando toquei a *Excalibur*, ou melhor, o *Ikihatsunukishi*. Descobrimos escritos, coletamos relatos, sincronizamos as memórias fragmentadas que tínhamos e chegamos à conclusão de quem foi o seu último usuário. Foi meu pai, o antigo *Rei*, que fora assassinado em uma emboscada, *Rei Huther Pendraguion*. Ele também conseguia utilizar o *Ikihatsunukishi*.

Meu pai era muito poderoso e tinha grande controle sobre seu *Ikihatsunukishi*, mas por uma traição de um grande amigo em que ele confiava muito, acabou assassinado. Minha mãe, *Higreinne* conseguiu me salvar antes que fosse capturada. Ela me entregou a um velho senhor que cuidou de mim até a sua morte devido à idade avançada. Meu pai de criação, o Sr. *Leirirran*.

Ele era um velho marceneiro. Vivemos humildemente até o fim da sua vida quando eu já estava prestes a completar 21 anos. Desse momento em diante, vivi sozinho e fugindo porque a cidade onde morávamos havia sido invadida por inimigos.

Em um dia estava tentando sobreviver roubando e acabei conhecendo Lianlancelot que a partir de então, me acompanhou e treinou, já que ele era habilidoso com espadas. Meu primeiro contato com o *Ikihatsunukishi* foi quando eu e Lianlancelot descobrimos a origem de uma lenda. A lenda de *Excalibur*. A lenda daquele que se fosse o legítimo Herdeiro do *Rei* seria capaz de passar pela *Floresta dos Eternos Caídos* e erguer a *espada* amaldiçoada.

Passamos por uns perigos até chegar a essa *espada*. Sem dificuldade a ergui da pedra que logo em seguida virou pó. Como não sabia do que se tratava a *espada* mágica achei que era magia do demônio.

No primeiro contato, ela se modificou e tomou uma forma muito parecida com a da *espada* que ergui. Senti um poder estranho e fragmentos de memórias se mesclaram com as minhas. Tudo foi confuso no início, mas ignorei os conflitos e, com o recém poder adquirido, consegui libertar *Cihanloft* da tirania dos inimigos.

Tornei-me *Rei* e me casei com a mulher mais encantadora que já havia conhecido, *Millani*.

Desde então, *Cihanloft* prosperou e minha fama afastou os inimigos por um bom tempo. Em um dia em que tentava entender os poderes que me foram destinados, conheci Merllinhin. Ele havia surgido, do nada, na minha frente como um *mag*o.

— Doente! Vou até ela, preciso ver minha irmã! — disse, inconformado com a notícia.

Ela era minha irmã por parte do pai que me criou, *Leirirran*. Ela havia sido sequestrada para ser usada como escrava um ano antes de eu ter sido entregue ao meu pai de criação. *Leirirran* só havia me falado dela uma única vez. Ele sentia um enorme remorso por tê-la perdido.

Muito tempo depois a encontrei por coincidência, quando nossos caminhos se cruzaram e ela tinha um cordão que seu pai o havia dado. O mesmo modelo do que ele meu deu na minha juventude. Era único.

Deixei Merllinhin no conforto do meu castelo e segui sozinho até minha irmã. Há tempos que não a via.

— Meu irm... mão — disse Morganna, bem fraca quando a encontrei.

Aproximei-me dela.

— Venha para o castelo. Lá poderemos cuidar melhor de você.

Ela pegou na minha mão.

— Prometa-me uma coisa.

— Vamos! Venha!

— Prometa-me! — disse Morganna, com muito esforço.

— O quê?

— Que vai cuidar dele.

— Do que está falando?

— Prome...

Os olhos dela se fecharam. Comecei a chorar e a sacudi tentando acordá-la. Uma velha senhora se aproximou com algo no colo. Era um bebê que dormia um sono profundo.

— Mordretted — disse, a velha senhora me entregando o bebê.

Olhei para ele ainda sem entender o que estava acontecendo, mas logo percebi que se tratava do meu sobrinho. Ele ameaçou acordar, mas levantei-me e o balancei delicadamente. O bebê se acomodou nos meus braços e voltou a dormir. Parti com a criança. A velha senhora havia se comprometido a realizar o enterro de Morganna. Quando já estava de volta ao castelo:

— O que é isso, querido? De quem é essa criança? — perguntou *Millani*.

— É nosso sobrinho — disse, triste.

Expliquei tudo para ela. Aceitamos cuidar dele como se fosse nosso filho e se ele fosse merecedor se tornaria o futuro *Rei de Cihanloft*.



A HISTÓRIA QUE ACONTECEU

PARTE 3

MERLLINHIN ARTHUR

Arthur ao lado de Merllinhin e de bravos cavaleiros mantiveram *Cihanloft* afastado dos inimigos. Por algumas vezes, adversários audaciosos tentavam investidas contra o *reino* de *Arthur*, mas ele com o poder do *Ikihatsunukishi* os mantinham afastados de *Cihanloft*.

— Meus experimentos para tentar entender a *tecnologia* por trás do seu *Ikihatsunukishi* não obtiveram resultados significativos. Gastei quase todas as minhas fontes de energia e não vou prosseguir com os experimentos — disse Merllinhin, em um dia de paz.

— O que pretende fazer então? — perguntou *Arthur*.

— Queria voltar para minha *nave*. Meu robô inútil não percebeu que eu estou há muito tempo fora.

O *Rei* o encarou.

— Ele estava sendo obediente, uma vez que eu disse para me aguardar — pensou Merllinhin, inconformado. — Contudo esses experimentos me deram ideias para estudos com manipulação do tempo.

Arthur olhou para Merllinhin ainda mais confuso, mas não o questionou.

— Mas isso eu irei fazer em outro momento, porque estou sem energia para os experimentos. Agora vou partir e explorar esse planeta. Eu detectei um sinal que pode ser outro *Ikihatsunukishi*. Foi por um pequeno intervalo de tempo, mas preciso ir investigar. Com você, *Cihanloft* está protegida.

O jovem Mordretted se aproximou.

— Meu jovem, ajude seu pai a reinar *Cihanloft* — disse Merllinhin, tocando na cabeça de Mordretted.

O garoto sorriu.

— Cuide desse poder — disse Merllinhin, tocando na coroa de *Arthur*.

Eles se despediram e Merllinhin partiu em busca de respostas sobre a possível existência de outro *Ikihatsunukishi*.



A HISTÓRIA QUE ACONTECEU

PARTE 4

LANDERRAN

— Hã?!

Acordei com alguém batendo na porta violentamente.

— Seu velho inútil! Impostos, AGORA! — disse um dos *guardas*, empunhando uma espada.

— Está aqui! Pegue — disse Tristan.

— Só isso? Está faltando!

— O trabalho não tem rendido muito e os impostos vêm sendo recolhidos com mais frequência.

— Está questionando as ordens do *Rei*, seu velho inútil? Segurem-no.

Outros *guardas* seguraram Tristan.

— Estique o braço dele aqui.

Esticaram o braço esquerdo de Tristan em uma mesa.

— Então vou cortar-lhe o braço como diferença — disse o *guarda*, rindo.

— NÃO, SEU MALDITOOOO! — gritei, atacando o guarda que ia cortar o braço do meu pai.

Outro guarda me segurou.

— Melhor! Estique o braço dele — ordenou o guarda.

Esticaram meu braço e quando iam cortá-lo Tristan reagiu, tomou a espada de um dos *guardas* e matou o *guarda* que ia arrancar meu braço. Iniciou-se uma luta e Tristan venceu quase todos facilmente. Um dos *guardas* conseguiu feri-lo atravessando sua espada no peito dele.

— NÃOOOO! — gritei.

Tristan mesmo ferido conseguiu matar o último *guarda*. Aproximei-me dele e ele caiu em meus braços.

— Fuja, meu filho!

— Não, não, não. Vamos sair daqui. Precisamos encontrar alguém que o ajude.

Ele apertou minha mão com força.

— FUJA! Não vou resistir...

— Não posso.

— Vá para onde ninguém possa te encontrar...

Ele fechou os olhos. Comecei a chorar desesperadamente e sedento de raiva. Vi *guardas* se aproximando e rapidamente saí do local onde estavam os *guardas* mortos. Prometi para mim mesmo que um dia ia vingá-lo. Fugi do vilarejo de *Derniloft* e segui para o local onde ninguém ousava pôr os pés, a *Floresta dos Demônios*. Lá tinha uma lenda de que fosse para lá seria escravo eterno do *Rei demônio*.

Minha vontade era de fazer um pacto com essa tal de *demônio* e exterminar todos os *guardas* daquele maldito *Rei*. Depois de andar muito cheguei a *Floresta dos Demônios*. Era meio assustador, mas adentrei esperando encontrar o tal *Rei demônio* para negociar com ele. Depois de um tempo, adentrando a floresta densa, nada encontrei. Mais à frente me deparei com uma área um pouco aberta que dava para a beira de um rio e cercado por montanhas, o local era muito bonito. Ali resolvi levantar um abrigo e treinar por conta própria até conseguir minha vingança.

Depois de muito tempo e já com uma moradia fixa, estava colhendo lenha quando ouvi alguém se aproximando. Era estranho porque ninguém ousava entrar na floresta. Alguém se aproximou e ouvi um barulho de uma pessoa caindo.

— Uma moça! O que ela faz aqui? — pensei.

Levei-a para minha casa e cuidei dela. Depois de um tempo ela acordou assustada.

— Onde estou?

— Calma. Você está bem! Quem é você?

Ela se levantou ainda mais assustada.

— Afaste-se! Quem é você? É o *demônio* dessa floresta?

Eu ri com a pergunta dela.

— Calma, não sou um *demônio*. Vivo aqui há um tempo e não há *demônios* nessa floresta.

— Como não?

— Não tem. Pode confiar em mim. Quem é você? O que veio fazer aqui nessa floresta? Como teve coragem?

Ela me olhou desconfiada, mas...

— Não tive escolha. Estava fugindo.

— Fugindo de que?

— Dos *guardas* do *Rei*.

— O que você fez para estar fugindo? — perguntei.

Ela hesitou em falar, mas...

— Eu roubava do *Rei* para ajudar as crianças necessitadas. Descobriram meus atos e fui condenada — disse a menina loira, com olhar triste.

— Compreendo. Pode ficar tranquila. Aqui estará salva. Nem mesmo os *guardas* do *Rei* teriam coragem de entrar nessa floresta.

— Meu pai...

— O que tem seu pai? — perguntei.

— Ele se sacrificou para me ajudar a fugir. Ele descobriu que queriam me enforcar e fez de tudo para me ajudar a fugir, mas descobriram que ele estava me ajudando e nos perseguiram. Ele lutou até o fim para me dar uma chance de fugir. Fui uma tola por abandoná-lo — disse a menina, chorando.

Aproximei-me dela e a abracei.

— Tudo bem! Entendo você. Sei como é ter que deixar para trás alguém que amamos — disse, também chorando.

Depois de um abraço aconchegante preparei um peixe assado para ela comer. Ela se alimentou como se não comesse há dias.

— Você ainda não me disse seu nome — comentei.

— Perdoe-me. Meu nome é Cateline — disse ela, se deliciando com o peixe.

— Prazer. Sou Landerran.

O tempo passou e vivemos juntos sem ninguém nos importunar. Meu sentimento por Cateline aumentou e quando percebemos estávamos apaixonados um pelo outro. Mais dias se passaram em paz e o sentimento de vingança foi me deixando.

Tivemos dois filhos que foram crescendo na paz da *Floresta dos Demônios*. Um dia, um dos nossos filhos estava coletando lenha pela floresta e ouviu algo se aproximando. Não era algo e sim uma *tropa*. Eu o vi correndo desesperado.

— Papai, são muitos homens! Muitos!

Vi que eram vários *guardas*, mas eles estavam diferentes.

— Então não tem *demônio* nenhum nessa floresta — disse um dos *guardas*, que parecia ser o *líder*.

Cateline e nossos filhos estavam atrás de mim.

— Uma família aqui? Então vocês que são os famosos *demônios*. Mate-os! — ordenou o *guarda líder*.

— Fugam! Vou segurá-los. Pulem no rio e nadem! — disse para minha família.

— Não vou abandonar quem amo mais uma vez! — disse Cateline, segurando minha mão.

— Vão, meus filhos!

O mais novo me olhou assustado, contudo seguiu minhas ordens e foi em direção ao rio. O mais velho, teimoso igual a mãe, permaneceu.

— Obedeça, GAROTO! — ordenei.

Ele me ignorou. Os *guardas* avançaram e Cateline foi à frente. Ela foi ferida mortalmente e os *guardas* partiram para cima de mim e do meu filho.

— NÃOOOOO — gritei, revoltado.

Corri na direção deles, mas sem ter como atacá-los, fui ferido gravemente e caí ensanguentado. Minha última visão foi de alguém aparecendo do nada e atacando os *guardas*.



A HISTÓRIA QUE ACONTECEU

PARTE 5

MERLLINHIN

Desde que voltei para *Cihanloft*, investiguei sobre a morte de *Arthur* e sua esposa. Descobri que Mordretted teve envolvimento na morte deles, mas ele já estava muito fortalecido com *tropas* e enfrentá-lo sozinho seria em vão.

Meu único contato com ele foi para roubar a coroa e pegar o *Ikihatsunukishi* de *Arthur*. Não poderia deixar esse poder nas mãos inconsequentes dele. Passei um bom tempo tentando armazenar o máximo de energia para continuar com meus experimentos com o *Ikihatsunukishi*.

Queria continuar com os experimentos relacionados ao tempo. O poder do *Ikihatsunukishi* estava *entrelaçado* com o tempo e isso estava me dando o poder de ver o passado e o futuro, mas ainda não estava conseguindo fazê-lo de forma eficiente e isso demandava altas quantidades de energia para estabilizar o processo de contenção do *entrelaçamento temporal*.

Depois de muito tempo recebi uma visita inesperada.

— Brewembifi! — disse, surpreso com a presença dele. Meu robô.

— Você demorou. Então resolvi vir!

— Você quebrou o protocolo de ordem minha e veio me resgatar. Interessante.

— Exatamente. E o achei devido às altas quantidades de energia que está manipulando aqui.

— Interessante. Se pôde fazer isso, por que não fez antes? — perguntei, frustrado.

Ele demorou a responder, mas...

— Não sei! Acho que você não queria voltar.

Fiquei pensativo com o comentário dele.

— Não sabe?! — questionei.

— Exatamente! Não sei.

— Eu devia era apagar sua programação! — disse, revoltado e ainda mais pensativo.

Não o questionei mais. Até que foi bom o aparecimento dele. Ele havia vindo com a *nave* para o planeta.

— Ninguém te viu com essa *nave* nesse planeta, não é? — perguntei, preocupado.

— Não — respondeu Brewembifi, rapidamente.

Isa questionar, mas com tudo que aconteceu e estava acontecendo, resolvi não me importar mais. Com os recursos novamente à minha disposição me aprofundei nos experimentos. No meio de uma carga *entrelaçada*, o *Ikihatsunukishi* me deu uma visão do passado sobre *Arthur* e uma visão que não sabia se era do passado ou do futuro de um homem chamado Landerran. Vi *Arthur* ativando o *Ikihatsunukishi* pela primeira vez na *Floresta dos Eternos Caídos*.

Esse Landerran estava sendo morto na frente de um garoto que parecia ser seu filho. Eles estavam na famosa *Floresta dos Demônios* onde ninguém entrava. A *conexão temporal* se rompeu. Meu coração estava acelerado. Havia usado mais de 50% da energia da *nave*. Recarregá-la iria levar tempo.

— Uma casa e uma família sendo atacada na *Floresta dos Demônios*. Como? — pensei.

Vi que o homem atacado tinha o poder de *Arthur*. Preparei-me para *saltar* para lá. Acionei o *controle* e...

— Maldição! — disse.

Ataquei os *guardas* e protegi o garoto. Consegui derrotar todos eles. Vi o homem chamado Landerran ensanguentado. Aproximei-me dele e vi que ainda estava vivo. Tentei conter o sangramento, mas estava profundo e era tarde. Para ter certeza do que havia visto, aproximei o *crystal* nele que imediatamente reagiu com brilho. Ele tocou no *crystal*. Mais *guardas* se aproximaram. Havia gastado muitos recursos e minha energia estava limitada.

— Eu sinto. Sinto o poder — disse Landerran, pegando o *crystal* da minha mão.

Utilizando sua última força ele levantou-se e ativou o *Ikihatsunukishi*. Ele olhou para o corpo da esposa e a raiva o dominou. O *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação para sua *segunda* forma e logo em seguida para *terceira* forma. Muitos *guardas* chegaram atacando e Landerran, que continuava aumentando seu poder, começou a envolver seu corpo com pedras que pareciam emergir do próprio corpo. Ele criou uma rajada de pedras que emergiram do chão varrendo tudo à sua frente.

O *Ikihatsunukishi* de Landerran voltou para sua *primeira* forma e o corpo de Landerran virou uma grande pedra que segurou a lâmina da *arma*, que não desativou. Fiquei surpreso porque pela primeira vez alguém havia superado *Arthur* e isso em um curto intervalo de tempo.

Vi o garoto que não parava de chorar. Aproximei-me dele.

— Lamento sua perda, garoto. Se quiser pode vir comigo. Vou protegê-lo.

Ele ficou imóvel por um tempo vendo os corpos dos pais. De repente ele se aproximou de mim e me abraçou.

Passei a cuidar do menino. Disse que era um *magô* para ele e mostrei apenas algumas das minhas coisas *tecnológicas*. Continuei com os experimentos com o *tempo*, mas não estava conseguindo estabilizar o *entrelaçamento temporal*. Usei quase 100% de toda energia disponível.

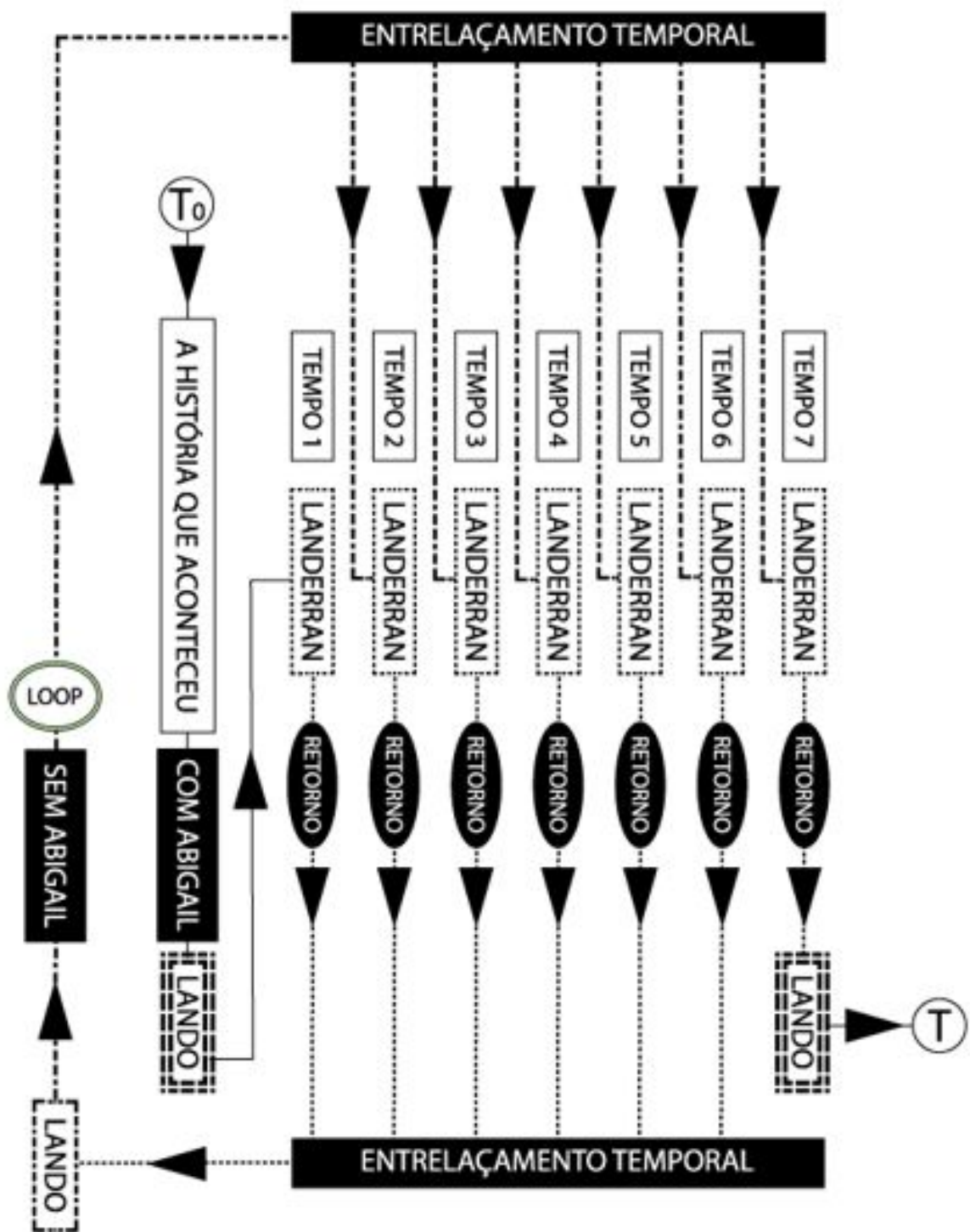
— Não pode ser! Lando?!

No último experimento, tive umas visões estranhas que embaralharam minha cabeça.

— Esse Lando! Preciso esperar por esse Lando — pensei.

Havia concluído a investigação sobre Landerran ser filho de *Arthur* e de como ele havia sobrevivido. Vi que o filho de Landerran não tinha herdado o poder, mas que seus precedentes poderiam ter a chance de ativarem o *Ikihatsunukishi*. No seu sangue corria a herança do poder, mas não era ativa. Teria que esperar até o próximo da linhagem dele ativar e ter o controle do *Ikihatsunukishi*, que seria esse Lando, de acordo com o que vi.

O garoto que estava cuidando. Ele era a ligação para chegar até esse Lando. Teria que continuar cuidando muito bem dele e dos que fossem nascendo da família até o ano de 2023.





PÓS-CRÉDITOS 2

MERLLINHIN LEODEGANN

— Mesmo sendo um *magô*, acho que não tem olhos nas costas — disse Leodegann, rindo enquanto batalhava.

Merllinhin agiu rápido e derrubou um inimigo nas costas de Leodegann.

— Você também não — disse Merllinhin, ficando de costas para Leodegann.

— Vamos ser os olhos das costas um do outro — disse Leodegann, lutando bravamente.

Eles lutavam incansavelmente para evitar uma invasão ao vilarejo de *Derniloft*. De repente, uma rajada de pedras varreu quase todos os inimigos. Os que sobraram de pé recuaram. Leodegann e Merllinhin olharam para o *sul*.

— Com nosso *Rei* seremos invencíveis — disse Leodegann, sem fôlego.

Merllinhin riu.

— Vamos, acho que por um bom tempo eles não invadirão o *reino de Cihanloft*.

— Você está se tornando um cavaleiro melhor do que um *magô* — disse Leodegann, sarcasticamente.

Merllinhin olhou nos olhos dele e o ignorou. Virou as costas para o amigo e sorriu. Eles se recolheram quando um mensageiro a cavalo alertou o *Rei Arthur*.

— *Vossa Majestade*, os inimigos estão se reorganizando para invadir *Herbrianni*, o vilarejo vizinho.

— Não vamos interferir. O vilarejo não faz parte do nosso *reino*.

Leodegann se desesperou e falou com Merllinhin:

— Meu amigo, preciso ir até *Herbrianni*. Preciso tirar Brianna de lá! Vamos nos casar em breve!

Merllinhin, já conhecendo a futura esposa de Leodegann que era nascida no *reino vizinho*, foi até *Arthur* e o convenceu a agir. Eles *saltaram* até *Herbrianni*.

Depois de um tempo, *Arthur* e Merllinhin voltaram.

— Brianna — disse Leodegann, indo abraçá-la.

Arthur se ajoelhou parecendo exausto. Merllinhin o segurou.

— Meu *Rei*. Tudo bem? — perguntou Leodegann, preocupado.

— Ele vai ficar bem. Só precisa descansar. Ele usou demais seu poder — disse Merllinhin.

Arthur foi levado para se recuperar. Merllinhin ficou olhando para *Arthur* sendo levado, pensando no grande feito que ele havia realizado. *Arthur* sozinho derrotara uma tropa de mais de três mil homens.

— Meu amigo, terei uma dívida eterna com você — disse Leodegann.

Merllinhin tocou no ombro de Leodegann.

— Não se preocupe, meu amigo. Vai ficar tudo bem!

° HERDEIRO DO REI



©Enerkry®, 2018-2023. Todos os direitos reservados.